

MEMÓRIA

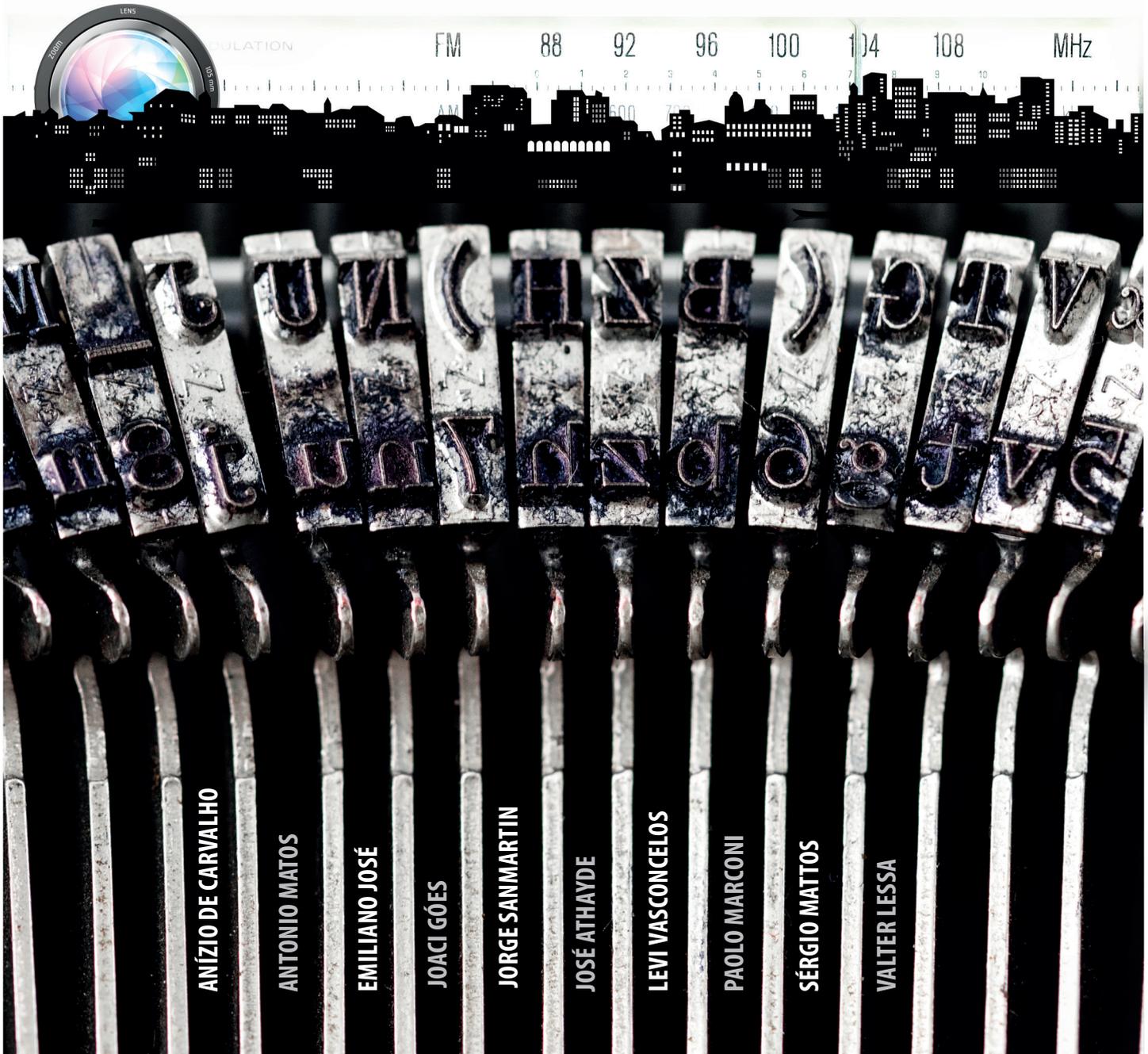
DA IMPRENSA

Edição nº 1 | junho 2022 | www.abi-bahia.org.br



Como a comunicação transformou a Bahia

Registros históricos da vida contemporânea



RUY BARBOSA, 100 ANOS DEPOIS (1923-2023)



Quinze entidades baianas se uniram para planejar os eventos comemorativos do centenário de falecimento de Ruy Barbosa em 1º de março de 2023.

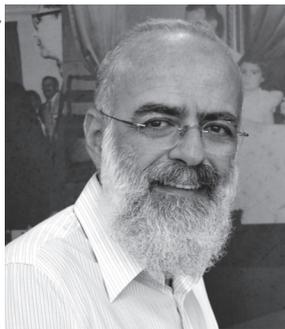
Eventos previstos

Reabertura do Museu Casa de Ruy Barbosa, requalificação da Rua Ruy Barbosa, documentário sobre o Águia de Haia, seminários temáticos, edição de livros, edição de revista em quadrinhos, exposição temática num shopping da cidade; instituição da comenda Rubens Nogueira, dentre outras ações em curso.



Palavra do Presidente

FOTO: JOSEANNE GUEDES / DIVULGAÇÃO



Ernesto Marques
Presidente da Associação
Bahiana de Imprensa

Que nos perdoe quem sentencia o fim dos impressos, mas o que você tem em mãos enquanto lê esta primeira das três edições de MEMÓRIA DA IMPRENSA não é só uma revista. É um documento histórico de grande relevância e, ao mesmo tempo, uma boa provocação. Não dispensamos a oportunidade de disponibilizar o mesmo conteúdo em formato digital. Mas a nossa pretensão não era apenas produzir um bom conteúdo, e sim, proporcionar uma experiência.

Leitura para quem viveu com maior ou menor intensidade aquelas décadas, entre o pré e o pós golpe de 1964, mas não só. Sem bafos saudosistas, este é um documento para ser bem lido por quem habita as redações hoje silenciosas, sem o barulho frenético das máquinas de escrever e o ar carregado pela fumaça de muitos cigarros acesos ao mesmo tempo.

E se as redações eram outras, também era outra a Bahia onde pouco mais de 30 jornalistas, agora na condição de fontes primárias sobre suas vidas e seu tempo, deixaram marcas na história da imprensa baiana.

Basta lembrar de Jehová de Carvalho – ou seria mais apropriado evocar? Ninguém melhor do que ele para resumir a Cidade da Bahia e a imprensa daquela época em um autor e uma obra: ele e sua “A cidade que não dorme”.

Jehová partiu para o Orum antes que pudéssemos lamentar não termos colhido longas e maravilhosas horas da entrevista que ele nos daria. Mas a ABI somente iniciou este esforço de registro audiovisual de depoimentos/testemunhais anos depois da morte dele.

Graças sobretudo à teimosia inestimável de Agostinho Muniz, o saudoso Roberto Gaguinho teve meios para gravar e editar Jorge Calmon e depois o Pena de Aço, João Carlos Teixeira Gomes. Dois bons documentários, mas com os arriscados limites de qualquer edição.

Coube ao jornalista e pesquisador Valber Carvalho mostrar onde estava a parte mais importante

daquele esforço de produção: o material bruto, as entrevistas inteiras. Dirigindo um seleto grupo de colegas para uma entrevista em profundidade com o decano poeta e jornalista Florisvaldo Mattos, Valber encaixou o formato perfeito para as nossas pretensões.

Assim, temos um bom corte de alguns minutos para muitas horas de gravação, que resultaram em cerca de 6 horas de entrevista. Os cortes se limitaram a tirar pausas longas e as interrupções normais num *set* com tantos entrevistadores e duas câmeras.

Não precisa fazer uma lista muito apurada para termos ideia de quantas boas histórias de vidas deixamos de registrar desde Jehová, até hoje. Esta nova etapa do Projeto Memória da Imprensa materializa o esforço para inverter a chave.

Sem patrocínio ou qualquer espécie de parceria que viabilizasse a empreitada audiovisual completa, como gostaríamos, investimos o que nos foi possível e contamos com o extremo profissionalismo, temperado com a empolgação de uma equipe de excelentes colegas. Esta revista é apenas uma degustação para esticar curiosidades – curiosidades jornalísticas, vejam bem...

O primeiro acervo audiovisual do Museu de Imprensa da ABI agrega cerca de 80 horas de gravações com apenas o entrevistado em cena, em dois planos quase sempre estáticos. Áudio perfeito e vídeo com alta definição.

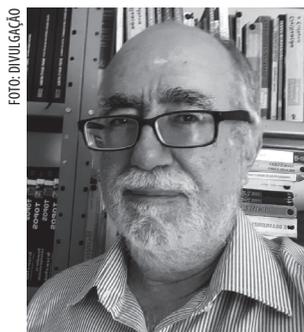
Não há checagem de fatos ou confrontação de versões. É a verdade de cada personagem em estado bruto, sem cortes.

A revista é mesmo, portanto, uma boa degustação para provocar os instintos de editores e repórteres atrás de boas pautas, roteiristas em busca de bons argumentos, historiadores...

Por isso insistimos em imprimir e optamos pela tradição do p&b. Demasiada e deliberadamente “guttemberguiana”, essa não é apenas uma provocação que se lê. É para pegar, passar as páginas, tocar as imagens, sentir o cheiro de tinta e viajar no tempo.

Boa leitura para você, que não resiste a uma boa história!

Apresentação



Biaggio Talento
Editor

A primeira edição de MEMÓRIA DA IMPRENSA apresenta o testemunho histórico de dez das trinta personalidades da mídia baiana que integram o projeto da revista da Associação Bahiana da Imprensa em 2022. A riqueza das revelações obtidas com o depoimento desses profissionais de comunicação ajuda a montar um painel vibrante dos acontecimentos marcantes ocorridos na Bahia a partir da segunda metade do século XX. Mostram a evolução da linguagem, conteúdo e visual dos meios de comunicação no correr da coleta dos fatos do dia a dia de Salvador e interior.

Os fotógrafos Anízio de Carvalho e Valter Lessa, os radialistas José Athayde e Jorge Sanmartin, os jornalistas Antonio Matos, Emiliano José, Levi Vasconcelos, Paolo Marconi e Sérgio Mattos, além do empresário Joaci Góes formam nesta edição, um leque representativo em termos de visão de uma época, sem falar das histórias deliciosas de redação e dos personagens com quem conviveram. Num dos episódios, Sérgio Mattos, então chefe de reportagem da recém-inaugurada Tribuna da Bahia, desesperou-se com um repórter que furou pauta importante: o desembarque em Salvador de certo ministro-general. Isso ocorreu porque o jovem jornalista procurava coco para a mãe fazer um lelé, sobremesa à base de milho. Da situação insólita, Mattos acabou bolando uma pauta mais interessante que a do ministro, resultando na manchete do jornal.

O leitor comprovará que cada personalidade teve um papel destacado no processo histórico contemporâneo. Embora a eles coubessem a função de registrar e divulgar os fatos, em alguns momentos foram protagonistas ou coadjuvantes privilegiados dos acontecimentos. O fotógrafo Anízio de Carvalho, por exemplo, virou alvo de um militar

bêbado que fotografara na rua e, por pouco, não foi atingido pelas três balas que o sujeito disparou contra ele, nas escadarias do prédio da Tribuna, na Rua Djalma Dutra. Já Emiliano José, o catador de goiabas do interior de São Paulo, como guerrilheiro urbano, chegou a ser cotado para implantar um foco de guerrilha rural na Bahia, antes de ser preso pela ditadura. Ao empresário Joaci Góes, que travou guerra ferrenha contra Antonio Carlos Magalhães através da Tribuna da Bahia, a história também reservou os holofotes em algumas ocasiões. Numa delas, como deputado federal constituinte, peitou ACM numa sessão da Comissão de Comunicação do Congresso quando o desafeto era Ministro das Comunicações. A briga repercutiu na imprensa nacional e Joaci virou notícia.

Enfim, essa geração viveu as agruras do regime militar de 64 e as dificuldades da redemocratização. Seus integrantes conviveram com a censura, ajudaram na criação de um jornal que inovou o impresso, lançaram projetos marcantes que renovaram antigos diários e emissoras de rádios. E a importância dos seus testemunhos para a história, está na variedade de visões sobre o que ocorria na Bahia e no Brasil.

Por fim, cabe esclarecer que as entrevistas são versões impressas - e portanto reduzidas para caber no formato revista - de horas de depoimentos em vídeo, registrados pela equipe da ABI. Todo o material, composto de imagens, vídeos e suas transcrições, será incorporado ao acervo da Associação e poderá ser consultado na biblioteca da entidade. Tenho certeza que o conteúdo das próximas páginas vai surpreender o leitor não só pelo ineditismo, mas pela oportunidade de reviver o clima, até certo ponto idílico, das redações de jornais e rádios, sem falar nas histórias hilárias vivenciadas pelos personagens.

Sumário

EXPEDIENTE

Conselho Editorial: Ernesto Marques, Florisvaldo Mattos, Luís Guilherme Pontes Tavares e Simone Ribeiro
Coordenação Editorial: Ernesto Marques
Editor: Biaggio Talento
Projeto Gráfico: Editora Bamboo
Coordenação de Produção: Daiane Rosário
Entrevistadores: Valber Carvalho, Kau Rocha e Carolini Assis
Revisão: Rafaela Queiroz
Impressão: Grab
Assessoria de Comunicação: Joseanne Guedes (Jornalista - 4525/BA). Estagiárias: Larissa Costa e Juliana Meneses.

MEMÓRIA DA IMPRENSA é uma revista histórica da Associação Bahiana de Imprensa, que apresenta depoimentos de decanos da comunicação no Estado e suas contribuições para o desenvolvimento da mídia nos últimos 70 anos, revelando as peculiaridades e momentos marcantes da atividade jornalística ao longo do tempo. O projeto prevê três edições em 2022. Além da revista, o material em vídeo, com a íntegra das entrevistas, ficará acessível ao público na Biblioteca da ABI.

Distribuição Gratuita

Tiragem: 1.000 exemplares

Contato: ascom@abi-bahia.org.br

ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE IMPRENSA 2020-2022

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Ernesto Dantas Araújo Marques
1º Vice-Presidente: Luís Guilherme Pontes Tavares
2º Vice-Presidente: Florisvaldo Mattos
Secretária-Geral: Sara Barnuevo
1ª Secretária: Suzana Alice Pereira
2ª Secretária: Romário Costa Gomes
Diretor Financeiro: Antônio Pereira de Matos Jr.
Diretor de Patrimônio: Raimundo Marinho dos Santos
Suplente: Arthur Andrade
Suplente: Amália Casal Rey
Suplente: Luiz Henrique Sá da Nova

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Antônio Walter dos Santos Pinheiro
Vice-Presidente: Sérgio Augusto Soares Mattos
Secretário: José Valter de Lessa Pontes
Suplente: Julieta Miranda Isensée

CAIXA DE ASSISTÊNCIA

Presidente: Raimundo de Campos Vieira
Secretário: Benevaldo Amorim dos Santos Silva
Tesoureiro: Valter Xéu

DEPARTAMENTOS:

Cultura: Nelson Varón Cadena
Social: Nelson José de Carvalho
Divulgação: Simone Ribeiro
Casa de Ruy Barbosa: Jorge Luiz Ramos

CONSELHO CONSULTIVO

Joaci Góes
Jolivaldo Freitas
Valber Roberto Carneiro Carvalho
Sueley Maria Temporal Soares
Carmelito Walter de Almeida
Suplente: Paulo Nunes
Suplente: Isidro Octávio Amaral Duarte
Suplente: João Leite

CONSELHO FISCAL

Jorge Vital de Lima
José Pedro Daltro Bittencourt
Heloísa Gerbasí Sampaio
Suplente: Wilson Luiz Midlej Silva
Suplente: Luiz Hermano Abbehusen

ABI – REGIONAL NORTE/ NORDESTE

Presidente: Jair dos Santos Cezarinho

ABI – REGIONAL SUL

Presidente: Maurício Maron

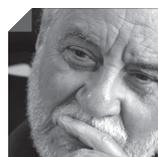
12

Antonio Matos
Editor de Esportes
aos 22 anos.



24

Joaci Góes
O poder através de
um jornal diário.



38

José Atahyde
A voz padrão do rádio
esportivo baiano.



50

Paolo Marconi
Contra o politicamente
correto.



62

Valter Lessa
O desenhista que virou
fotógrafo.



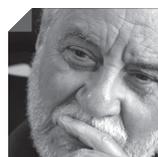
6

Anízio de Carvalho
Arriscando a vida pela
melhor imagem.



18

Emiliano José
O menino de engenho que
combateu a ditadura.



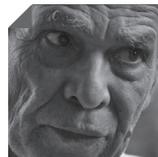
30

Jorge Sanmartin
O jornalista que se tornou
uma enciclopédia de futebol.



44

Levi Vasconcelos
Em busca da informação
referenciada.



56

Sérgio Mattos
Jornalista tem que ler até
bula de remédio.





FOTO: VALBER CARVALHO / DIVULGAÇÃO

O menino Anízio Circuncisão de Carvalho, que nasceu em 23 de fevereiro de 1930, tinha poucas perspectivas de vida, vivendo na sua terra natal, Conceição da Feira. O pai, mestre de obras, rígido patriarca de uma família de 15 filhos, queria que ele seguisse a sua profissão de pedreiro. E reagiu mau quando, aos 14 anos, o rapaz anuncia que vai se mudar para a “Cidade da Bahia” como Salvador era conhecida antigamente. “Você vai ser vagabundo”, vaticinou o pai, achando que o filho só tinha duas opções na cidade grande: ser jogador de futebol, profissão muito mal vista na época, ou iria “sentar praça”, entrar para o Exército como soldado, destino comum das pessoas humildes, sem estudo. Errou feio. Anízio se tornou um dos fotógrafos fundamentais da imprensa baiana. De empregado doméstico na família Rosemberg - dona de equipada e prestigiosa casa de fotografia de Salvador - aprendeu o ofício de laboratorista fotográfico e, depois, foi contratado em 1957, pelo recém-inaugurado Jornal da Bahia, onde ficou mais de 30 anos até o diário fechar. Voou alto, registrando cenas históricas durante décadas. Nesta entrevista, concedida ao repórter Valber Carvalho, conta sua trajetória recheada de emoções e fatos marcantes.

Eu arriscava *minha vida* por uma foto'

Como você veio pra Salvador?

Com 14 anos [em 1944]. Fui pra casa de minha irmã em Campinas de Brotas. Quando chego lá, meu cunhado disse: "Você tem que trabalhar de ajudante de pedreiro". Depois de uma semana não queria mais. Ele disse: "então, vai embora". Aí, a finada Tuidí de Logum Edé, mulher de santo que vendia coisas na rua, me levou pra Ladeira dos Galés, na casa de Isaac Rosemberg pra vender bananas. Ele gostou de mim, chamou pra trabalhar como empregado doméstico. Disse: "Quando você terminar o seu serviço doméstico você vai aprender a ser laboratorista". Eu levantava às 4 horas, cuidava dos passarinhos, lavava tudo, quando terminava, tomava café e, às 9 horas, entrava no laboratório com ele e o filho, Leão Rosemberg - que era um leão mesmo -, pra pegar o serviço de fotografia. Ele viajava pra fotografar, voltava com dez, quinze filmes. "Vamos revelar aqui?", chamava. E eu aprendi a revelar filme. Leão ganhou muito dinheiro naquela época. Eu saí de emprego doméstico e fui ser laboratorista.

Estava com quantos anos?

Fiquei responsável pelo laboratório e, nessa época, já estava com 15, 16 anos. Eles gostaram de mim. Leão ia fazer, às 5 horas, a puxada de xaréu, em Itapuã. Eu queria aprender. Depois, a gente vinha pro laboratório na Ladeira dos Galés, revelava, fazia ampliação grande - 30 por 40 [centímetros], 40 por 50. Botava moldura e ia vender no Hotel da Bahia, que tinha muito turista. Como ele falava inglês, levava dez, eu levava cinco. Ele vendia quase todas as dez, eu só vendia duas, três. Ganhou dinheiro nisso, na puxada de xaréu com aquelas fotos preto e branco, com aqueles negros e aquela tonalidade maravilhosa, aquele contraluz e aqueles peixes saindo, assim...

Aquilo me empolgou. Pensei: É isso que eu quero. Fiquei muito tempo ganhando pouco lá, 5 mil réis, com casa e comida.

E sua entrada no Jornal da Bahia?

Em 1957 surgiu o Jornal da Bahia. E os fotógrafos disseram: "Nós precisamos de um laboratorista. E o melhor que tem aqui é Anízio de Carvalho. Será que ele quer vir?" Fui. Leão disse: "Não posso te indenizar. Vou lhe dar uma máquina, a minha primeira máquina, como indenização". E me deu a Rolleiflex que me ajudou a criar meus filhos porque eu terminava o serviço e ia pro Pigalle, pro Rumba Dancing, pro Clube do Barão. Fazia a fotografia e depois ia vender os postais. Bom, então fui trabalhar no Jornal da Bahia onde estavam os melhores fotógrafos da época [Valter] Lessa, Zé Cavalcante, Domingos Cavalcante, Mário Paraguaçu. O jornal contratou fotógrafos, mas o ordenado não era suficiente. Lessa foi um dos primeiros a sair. Depois saíram Domingo Cavalcante e Zé Cavalcante. Ficou Mário Paraguaçu. Aí [empresário e fundador do Jornal da Bahia] João Falcão foi eleito presidente do Rotary Club da Bahia...

Esse é um fato marcante na sua carreira?

Falcão eleito, não tinha fotógrafo pra cobrir. "Manda Anízio". Fui fazer o serviço de João Falcão com um filme 6 por 6, pra bater 12 chapas na posse, no Yacht Clube da Bahia. Botei paletó, me arrumei todo. Aí Zé Maria - que era um dos melhores jornalista da Bahia - disse: "Anízio, quanto é que você tem aí?". Eu digo, tenho 2 mil réis. "Vamos comprar mais um filme pra você se apegar nisso. Toma o dinheiro". Comprei mais um filme, e bati 24 fotos de Falcão. Leão Rosemberg com quem aprendi fazer as coisas, puxava a cadeira, eu subia e fotografava. Então, quan-



do Falcão estava tomando posse e falando, puxei a cadeira subi, pá. Comecei a bater. Falcão me olhou com um olho, e eu pá, pá. Chego a me arrepiar e fico emocionado com essas coisas minhas. Aí entrei pra revelar, fiz as fotos, logo 13 por 18. E, naquela época, o redator-chefe era João Batista de Lima e Silva. Ele disse: “Anízio, vai mostrar essa foto, a partir de agora você já é fotógrafo. Você não é mais laboratorista”. Quando Falcão olhou as fotos disse: “Foi ele que fez, foi? A partir de hoje ele é fotógrafo”. E eu peguei aqui de alma mesmo.

Qual foi a sua sensação a primeira vez que você entrou no laboratório, que você viu a imagem aparecendo no papel.

Emoção foi muito grande, as minhas lágrimas vieram nos olhos e disse assim: É isso que eu quero. Vou aprender, vou vencer. E comecei a ampliar. Ele [Isaac] dizia: “É assim, você conta um, dois, três”. Na ampliação, a iluminação... porque tinha um filme, o F2, o F3 e o F4. Você tinha três qualidades de papel pra qualidade do filme, porque tinha a tonalidade do filme mais claro, mais contrastado, tinha que usar determinado tipo de papel. Aprendi. Minha força de vontade era tão grande, que veio assim... Deus me iluminou bastante. Eu como sou um homem religioso, e acredito nas coisas da vontade de vencer, fui fazendo, aprendendo e me tornei, na época, um dos melhores laboratoristas da Bahia.

Lembra qual foi essa primeira foto revelada?

Foi da ponte Juazeiro-Petrolina.

Em julho de 1959 aconteceu o segundo salão da Fotreportagem. A sua foto, “O homem do amanhã” ficou em segundo lugar, junto com Anthony Warner, que fez a foto “Preso em flagrante”. O vencedor do concurso, foi Rodi Luchesi do Diário de Notícias. Não sei se ele foi uma referência na sua vida.

Ô, Rodi Luchesi eu conheci. Trabalhou comigo no Leão Rosemberg e no Jornal da Bahia.

Ele tirou a foto de um homem votando na cabine. Foto de cima, ganhou o primeiro prêmio e você ganhou o segundo.

Ali houve - até eu não quero dizer - porque o homem que eu fiz a foto, que é “Leite pro Brasil”, foi na Sete Portas. [Era] um mendigo negro com a lata de Leite Ninho, escrito leite com contraluz. Disseram que era primeiro lugar, primeiro lugar e acabou no segundo lugar.

Uma coisa que caracteriza a sua vida é sua coragem. Um delegado de Costumes, Mozart Pedrosa, tinha o hábito de intimidar e ameaçar a imprensa. Você lembra desse cara?

Lembro que teve um marginal “Gravatinha”, outro “Sete Espírito”, outro “Sergipinho” e outros. E Pedrosa não gostava muito da imprensa. E fotógrafo, com ele, piorou. Então, fui fazer uma fotografia, se eu não me engano, de “Atleta”. E ele não queria que fizesse. E o jornal queria. Teve uma hora que ele deu as costas e fiz a foto. Ele: “Vou te pegar!”. Fez umas coisas lá e eu saí correndo e ia embora pro jornal. E a foto saiu meio tremida, mas o jornal publicou.

◀ Acima, à esquerda, senador Bobby Kennedy visita favela de Alagados.

◀ Abaixo, o artista plástico Carybé beija mão de Menininha do Gantois.

▲ Imagem maior, Rainha Elizabeth da Inglaterra, em visita a Salvador, recebe uma pena de balangandãs de presente do governador Luís Viana Filho.

Quem era esse “Atleta”?

Um marginal que invadiu a casa de um coronel da Base. E a mulher estava lá. Ele entrou na casa e não era o coronel que estava, era outra pessoa. Ele tomou o revólver, saiu. Quando o prenderam, ele disse: “Eu tive lá, mas nessa casa quem estava não foi o senhor [coronel], não”. Aí a coisa piorou. Então, o soltaram e quando ele sai andando, mataram.

Tentaram lhe bater quando você era fotógrafo?

Sim. Primeiro quando a polícia invadiu o Mosteiro de São Bento. Um policial disse: “Saia e dê o nome, que isso não é festim, não, é bala”. Deu um chute na minha traseira, afetou meu cóccix e o médico disse que não podia me operar. Essas dores que eu sinto na minha perna e tudo isso foi um chute de um policial dentro do Mosteiro de São Bento.

Isso foi quando?

1968, 70, por aí, quando ficou mais forte a ditadura, a perseguição ao jornalista. E não era só jornalista, o fotógrafo. Fui ameaçado várias vezes.

Quando você ia fazer 54 anos, faltavam cinco dias para seu aniversário, tirou a foto de um acidente na Ladeira dos Galés. O homem veio atrás de você, com o revólver na mão, invadiu o jornal, o tenente Idalmar. Que foi que houve?

O Jornal da Bahia já estava junto [no mesmo prédio] com a Tribuna da Bahia. Eu vendo ele bebendo, fazendo a coisa, comecei a fotografar. Ele disse: “Você me fotografou?” Eu disse, sim. Ele partiu pra cima de mim, eu corri. Como na Tribuna [a escada] era um L pra redação, subir e virar, ele deu três tiros e pegou na parede. Soube que a Tribuna veio tirar [as balas] muito tempo depois. Ficou provado ali que ele me deu três tiros e não me pegou.

Tem uma foto dele no meio da rua com a arma na mão.

É, em pé. O jornal disse: “Você vai agora dar queixa na polícia”. Como eu queria que nada acontecesse com meus filhos, disse: não vou dar queixa. Então, o Jornal da Bahia deu queixa. Mandou eu assinar um papel lá na redação. Assinei. Passou três, quatro dias, aparece no Fórum Idalmar me intimando, pra eu prestar o que aconteceu. Eu disse, ah, eu não vou. E Idalmar falou com o dono da barraca de revista que tem no Fórum, Careca, pra falar comigo, pra eu não ir ao Fórum, porque se eu fosse ia prejudicar a promoção dele. Coloquei isso no jornal. Aí o jornal: “Ah, mas você vai, não tem problema, não”. Não fui. Porque antes falei com o coronel Luiz Artur [de Carvalho, secretário de Segurança Pública]. Eu disse, coronel, quero que o senhor me dê uma segurança de vida. Ele disse: “Não. Como é que eu vou lhe dar a segurança de vida? É isso aqui.” Puxou a gaveta e me deu um [revólver] 38, novo. Carregado. Ele disse: “Pronto, é esse aqui. Se ele partir pra você, você atira”. Aí [Idalmar] está na Ladeira dos Galés, ele sabia meu horário. Eu saí meio-dia pra pegar o ônibus e almoçar em casa. Ele estava sentado e eu passei. Quando eu o vi, abri a minha sacola, meti a mão e fiquei segurando [o revólver]. Passei junto dele e não me fez nada. Aí, ele foi a Careca novamente, dizer que não tinha nada comigo, que estava tudo acabado, que não tinha nada.

E o episódio com o policial Manoel Quadros, chefe do “Esquadrão da Morte” na Bahia?

Manoel Quadros foi um dos caras mais perigosos. Porque [um dia] ele foi pra matar o coronel Luiz Arthur. Eu estava embaixo [do prédio] e subi atrás dele. E aí, quando chegou perto, o Luiz Arthur abriu a gaveta, tirou o revólver e botou em cima da mesa e disse: “Agora você vai matar um homem, não o se-



▲ Acima, chegada do papa João Paulo II à capital baiana.

► Ao lado, cardeal dom Avelar Brandão Vilela e Madre Teresa de Calcutá.



cretário”. Ele, então, botou o revólver na cintura e desceu a escada e disse pra mim: “Se você me fotografar eu lhe mato”. Aí, quando ele foi ser ouvido no Fórum, me mandaram eu ir fazer. Fui e levei o colega Teófilo. Não queria fotografar Quadros porque ele prometeu me matar. Cheguei junto dele e disse: Olhe, agora eu tenho direito de lhe fotografar. Pode dizer isso. Mas eu não vou lhe fotografar. Quem vai fotografar é o meu colega. Ele baixou a cabeça.

Tem algumas reportagens marcantes. Uma delas, novembro 1968, quando a rainha Elizabeth vem à Salvador.

Fui credenciado a fotografar. O jornal botou cinco fotógrafos pra acompanhar a rainha. E eu era o principal dizendo: “Olha, quem fizer a melhor foto vai ter um prêmio”. Estava esperando a chegada dela na Base [Naval], perto do Mercado Modelo. Um guarda encostou em mim e disse: “Você não pode fotografar a rainha”. Eu fui credenciado a cobrir o desembarque dela do Navio Cisne Branco. Eu digo, muito bem. Botei a Rolleiflex no peito. E quando ela veio pra entrar no carro, fiz uma foto. Liguei o automático e fiz. O guarda disse, “você fez foto?”. Eu disse, não. Quando ela virou um pouco de lado, e suspendeu a perna pra botar [entrar no carro] eu já estava com a máquina ligada e fiz a foto. E o Jornal da Bahia botou: “Joelho imperial”, foto de Anízio de Carvalho. Eu vendi a foto pra Manchete, pra um bocado de gente.

Você tirou essa foto com a sua máquina ou com a máquina do jornal?

Com a Rolleiflex. Por isso que eu digo, hoje a Rolleiflex tem vários recursos pra você fotografar. Você pode botar ela de cabeça pra baixo. Você pode ligar e ir pra lá, e ela faz uma fotografia. A Rolleiflex é uma máquina que eu não sei como outra vai substituir a 6 por 6. Porque parece que não tem máquina digital 6 por 6. Já tem? Mas é muito pouca, né?

Essa foto correu o mundo, né?

Correu. Foi preto e branco. Se trabalhava com muito pouco colorido. Depois que, muito tempo, já no fim do jornal, é que entrou colorido. O João Falcão disse, quem fizesse a melhor fotografia da rainha tinha um prêmio. E eu ganhei um salário. O que eu fiz? Distribuí com todos os meus colegas fotógrafos.

E a história do trem?

Fui com [repórter] Moacir Ribeiro fazer uma foto do Colégio de Menor, que estava se acabando em Paripe. Quando ia fotografar, Moacir disse: “Lá vem o trem”. E uma caçamba cheia de areia, o trilho estava alto, ela parou, sem subir. O motorista quis saltar, ficou com o braço preso. Aí eu gritei: quem tem um facão aí? “Pra quê? Eu digo, cortar o braço dele, rapaz, pra salvar o homem, me dá um facão. Ninguém tem nenhuma faca, um facão pra cortar o braço dele. E ele morreu porque o trem bateu na caçamba. E eu assisti isso. Você sabe o emocional? O meu emocional é muito grande. Porque isso está dentro de mim. Entendeu?

Quando você se emocionava fazendo fotografia você corria riscos. Esquecia de que estava correndo perigo?

Eu ficava tão emocionado, mas aquilo me incentivava, eu criava uma coragem, assim. Como profissional de fotografia, queria fazer a melhor [foto], entendeu? E eu arriscava a minha vida. Então, fotos que mais me impressionaram: Irmã Dulce na [feira] Água de Meninos, com a caminhonete velha, ela pegando o mendigo. Teve outra fotografia, a do capoeirista Mestre Pastinha, que usava um guarda-chuva como uma arma, ele apertava saia um punhal. Tenho a fotografia dele com o guarda-chuva. Outra coisa que me emocionou muito foi a morte de 16 operários, num desabamento na Ladeira do Contorno. Levei uma semana indo lá. Fotografar tirando os caras [soterrados].

Além dos episódios citados, quais os outros fatos marcantes de sua carreira?

Como profissional, o que mais tocou na minha vida foi o funeral de Cosme de Farias. Parecia que [o caixão] estava voando, rapaz. Sabe porquê? Porque não foi personalidade, foi o povo que foi pra lá. Não vou dizer que não teve deputado, esse negócio. Estavam esperando lá. Mas quem [acompanhou o cortejo], posso falar, foram os marginais, os caras que ele soltou, as prostitutas. Cobrir a morte de [Carlos] Lamarca, também marcou muito a minha vida. Outra: o primeiro incêndio do Mercado Modelo. Aquilo eu fiz foto parecendo que eu ia entrar no incêndio. O Mercado Modelo, não é o segundo é o primeiro. O incêndio da [feira] Água de Meninos foi uma coisa que me tocou muito, porque fiz fotografia do pessoal correndo, pedindo pra salvar e aquela agonia danada. O boato que tinha era que um revólver provocou o incêndio. Eu tenho a fotografia desse revólver. Mas, como não tinha prova, o jornal não publicou e a foto está comigo. A gasolina saia por debaixo da terra ali, porque ali tinha a [tubulação] Shell. E dizem que foi combinado aquele incêndio pra tirar Água de Meninos dali. E eu fotografando aquelas mulheres com aquelas coisas na cabeça. Eu guardei algumas fotos, mas tenho poucas do incêndio.

Valeu a pena o que você viveu?

Valeu a pena. Tudo que tenho hoje agradeço a fotografia. Faria tudo de novo. Porque os meus filhos foram criados com a fotografia. A fotografia pra mim é a minha vida, é a minha família. Mas, antes de encerrar, queria falar de uma ajuda, coisa que mais me emocionou. Quando eu saltei aqui no Porto de Salvador, do navio Maragogipe, com a mala, que eu sentei na Praça Cairu, veio um soldado. “Menino, o que é que você está fazendo aqui? Você veio de onde? Veio fugido?”. Eu digo, não, vim de Conceição da Feira. “Você quer ir pra onde?”. Pra Campinas de Brotas. Disse: “Vou te levar”. Ele me pegou, levou pela Ladeira da Montanha, explicando tudo. Quando chegou na Praça Castro Alves, aquela escadinha que sai na Barroquinha, disse: “Ó, você desce, tem um largo aí, o bonde número 11, você pega o bonde número 11 que quando chegar no fim que não tiver mais [parada] você salta”. ■



NOVO CENTRO DE OPERAÇÕES INTEGRADAS

MAIS TECNOLOGIA E EFICIÊNCIA PARA LEVAR ENERGIA DE QUALIDADE PARA TODA A BAHIA.

O **Centro de Operações Integradas** agora possui monitoramento da rede inteligente em tempo real, **24h por dia, 7 dias por semana**, além de ter controle unificado e integrado das operações, fornecendo energia para todo o Estado com a mesma eficiência e qualidade.

Atualmente, o Centro de Operações Integradas opera mais de **6.400 religadores e equipamentos automatizados**, espalhados em todo o estado, de forma remota.

Novo Centro de Operações Integradas. Mais **modernidade e inovação** para um fornecimento de energia **mais confiável e seguro** para a Bahia.

Conheça mais iniciativas da Neoenergia Coelba:

   @neoenergicoelba
www.neoenergicoelba.com.br



NEOENERGIA
COELBA

Um dia, nos idos dos anos 60, o adolescente Antonio Pereira de Matos Júnior, (natural de Salvador, nascido em 14 de outubro de 1947) passava de carro com o tio pela Rua Djalma Dutra, em direção à praia de São Tomé de Paripe, e observou a placa num prédio em construção que anunciava para breve, o funcionamento ali do “primeiro jornal baiano em *offset*”. Sonhou trabalhar ali, na editoria de Esportes. Ele gostava de futebol, chegou a jogar no juvenil do Vitória e acompanhava as resenhas esportivas das rádios de Salvador. A paixão pelo idioma português o fez, no entanto, optar pelo Direito ao invés do Jornalismo. Porém, ao ouvir na rádio Cruzeiro que seu ídolo, o radialista José Atayde faria testes para novos talentos radiofônicos, não pensou duas vezes. Arriscou. Passou

na seleção, mas só foi chamado dias depois. Na Cruzeiro, havia conhecido o estudante de jornalismo Pedro Formigli, outro que também fez o teste na rádio, mas que encontrou colocação na escolinha daquele futuro jornal cuja placa chamara sua atenção na Djalma Dutra. Num jogo de futebol os dois se reencontraram e Formigli aconselhou: “Vá lá, que estão recrutando gente”. Matos foi, passou pela Escolinha da Tribuna da Bahia, coordenada por Quintino de Carvalho, e entrou no time do novo jornal. Estreou como editor de esportes aos 22 anos. Formou-se também em Direito e fez concurso para delegado de polícia. Nesta entrevista ao repórter Valber Carvalho, revela histórias deliciosas de sua trajetória e como conseguiu conciliar duas profissões, aparentemente, inconciliáveis.

A gente fretava avião *pra cobrir campeonato baiano*

Como é que você se interessou em fazer jornalismo esportivo?

Sempre gostei de futebol. Fui juvenil do Vitória e tinha boas notas em português, onde eu estudava no colégio de Aplicação. E sempre gostei de ler também. Então, eu achei que ia me encontrar no jornalismo esportivo. Embora tivesse feito Direito, eu acabei indo trabalhar na imprensa, ainda estudante de Direito. Em 1968, vinha da faculdade, na carona de um amigo, e eu ouvi a resenha dizendo que “Zé Athayde entra de sola na Rádio Cruzeiro”. Era a ida de Zé Athayde pra Cruzeiro e ele ia fazer testes pra repórteres. Me interessei. Fiz esse teste e passei, inclusive com o Pedro Formigli, mas acabou que nós não fomos chamados. Logo depois recebi um telefonema da Cruzeiro me chamando porque uma pessoa que tinha passado, tinha desistido. Fui contratado. Encontrei lá Mário Freitas. Estava começando nesse mesmo período com o Athayde. Foi minha primeira experiência na área esportiva e na área de imprensa.

E quanto tempo durou essa experiência?

Antes, vou contar uma história interessante que antecede a isso. Por volta de 1968, eu costumava pescar com um tio e passava pela Rua Djalma Dutra. Nós íamos pra São Tomé de Paripe - não sei por que a gente

passava pela Djalma Dutra -, eu morava na Saúde e, às vezes, nós pegávamos o Aleixo Belov e um amigo dele chamado Carau pra participar da pescaria. Via um prédio em construção e escrito uma placa: “Aqui será construído o primeiro jornal baiano em *offset* com sete cores tal”. Eu sempre ligado em futebol, no esporte, já gostando de jornalismo, pensei comigo: vou trabalhar nesse jornal.

Como chegou na Tribuna?

Encontrei com Formigli na Fonte Nova, num BAVI. Me perguntou o que eu estava fazendo. Passei naquele teste que você também passou, tô aqui trabalhando na Rádio Cruzeiro. E eu: e você está fazendo o quê? “Trabalhando num jornal que vai começar provavelmente para o ano. E deram três pautas. Como eu gosto de futebol, preferi o BAVI”. Digo: como é pra trabalhar nesse jornal? “Vá lá rapaz, tem a escolinha TB, funciona no Comércio, no Edifício Banpolar. Você procure Quintino de Carvalho que é a pessoa que está recrutando esse pessoal da Faculdade de Direito, da Escola de Jornalismo”. Fui lá, participei da escolinha TB, fui aprovado e acabei editor de esportes.

Como funcionava essa escolinha?

Funcionava, acho, que em três salas no Comércio.

Coordenada por Quintino, jornalista baiano que tinha trabalhado no O Momento, um jornal comunista. [Depois] tinha ido pro Rio de Janeiro, foi redator-chefe no Jornal do Brasil e retornou para Salvador. Era assessor de comunicação do Baneb [Banco do Estado da Bahia].

Vocês faziam a redação de uma matéria e davam pra Quintino?

Quintino dividia as turmas. Já tinha equipes de Esporte, de Geral, Internacional e eu posso citar inclusive alguns nomes: Sérgio Gomes, Irani Rossini, Marco Rossini, Roberto Pessoa, Jailson Fonseca, Augusto Galvão, Pancho Gomes. Essas pessoas recrutadas na Escola de Jornalismo e na Faculdade de Direito. Osvaldo Gomes, irmão de Sérgio, também participava. Então, as pautas eram dadas a depender da editoria que a pessoa trabalhava. E o de Esporte normalmente eram pautas de futebol.

Era uma época...

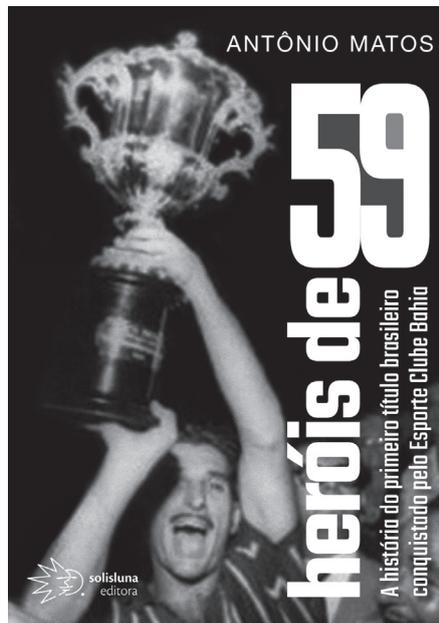
Logo após o Ato Institucional Número 5. Então, tinha muita manifestação estudantil e muitas pautas eram em cima disso. Lembro uma vez que o pessoal fez uma matéria sobre as manifestações. Quintino leu, gostou e perguntou: "E o quebra-quebra? Vocês não colocaram nada?" Quer dizer, o mais importante, o pessoal não tinha ainda a experiência pra abrir a matéria com quebra-quebra.

E como é aquele caso do burro?

Uma historinha interessante. Um repórter de polícia foi fazer uma matéria e tinha uma carroça que bateu num ônibus, alguma coisa assim, na Sete Portas. E ele abriu a matéria: "Um burro não identificado..." Quintino pegou a lauda dele, colocou no mural e onde tinha o nome dele circulou e botou uma seta: burro identificado (risos).

Naquele momento o jornal já tinha uma linha? Vai ser um jornal mais combativo, mais à esquerda? Já tinha isso claro ou isso foi uma amálgama do Quintino com o material humano que apareceu?

Tínhamos na escolinha da Tribuna, jovens idealistas. Então, jovens, idealistas e universitários tendem a ser de esquerda ou, pelo menos, contestadores. Quintino tinha essa máxima em mãos. Ele era o homem do Partido Comunista, mas o jornal era do empresário Elmano Castro. Seria um jor-



◀ Ao lado, capa do livro "Heróis de 59", sobre a conquista da I Taça Brasil pelo Bahia.
▼ Embaixo, festinha na Redação da recém-fundada Tribuna da Bahia, final de 1969. Da esquerda para a direita, Osvaldo Gomes, secretário; Roberto Pessoa, repórter esportivo; Alberto Baraúna, editor do 2º Caderno; Antonio Matos, editor de Esportes, com a mão no queixo; Marco Rossini 2º secretário; Guido Araújo, cineasta e autor de uma coluna de cinema no jornal; e Zoroastro Santana, editor Internacional.



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

nal pra fazer frente ao A Tarde. A ideia que nós tínhamos era essa: vai ser um jornal moderno, jornal em *offset*, bonito e com uma linguagem diferente. Nós não vamos ter aqui chavões. Seria um jornal de vanguarda, tanto pela linguagem como pela formatação.

Quando é vocês saíram do Banpolar e foram pro prédio da Tribuna?

Fomos informados que iríamos já pro prédio novo na Djalma Dutra, 121. Mas parece que, com um mês, o time todo foi desati-



▲ Acima, à esquerda, Matos com o ex-goleiro Naldinho. À direita, com Albino Castro Filho, que também foi editor de Esportes da Tribuna. Imagem maior, reprodução de propaganda de jornal com a equipe esportiva da Rádio Cruzeiro.

vado. Porque houve uma greve no Porto de Nova Iorque [atrasando a remessa dos equipamentos] e nós já estávamos recebendo um pró-labore. Desativados com a promessa de que em seis meses seríamos reconvidados. Voltamos já pra trabalhar no prédio novo e pra rodar aqueles números experimentais, se eu não me engano, em julho mais ou menos. Já rodava o número zero quando se decidiu que ia ser inaugurado dia 21 de outubro de 1969. Quando voltamos, seis meses depois, muitos dos que estavam não foram reconvidados.

Quando lhe convidaram pra ser editor de Esporte?

A ideia é que eu ia ser repórter. Uns dez dias antes de começar a Tribuna pra valer, Marcos Rossini, que seria o editor de Esportes me chama num canto e diz: “Ó, não comente com ninguém, mas você vai ser o editor de Esportes e eu vou ser o subsecretário da redação.” Tempos depois eu soube, através de outras pessoas, que Quintino, com Sérgio Gomes, os dois pensaram no meu nome e deram a Rossini, talvez, um prêmio de consolação que seria a subsecretaria do jornal.

Qual seu primeiro grande desafio como editor de esporte da Tribuna?

A editoria de Esportes se propôs a fazer o Campeonato Baiano, cobrindo todos os jogos. Era o grande mote na época. Porque o Campeonato Brasileiro só começou em 71. E hoje a gente faz uma revisão das coisas que fizemos, nós cobríamos de avião em Itabuna. Itabuna x Ideal de Santo Amaro. Hoje você não faria isso. Gastava uma fortuna, porque o Ideal de Santo Amaro estava como líder, ou o Itabuna estava como líder. Mas, a grande cobertura nossa em 70 foi o Bahia no Torneio Roberto Gomes Pedrosa, Robertão. Os jogos eram no [Estádio] Batistão, em Aracaju, com a Fonte Nova em reformas. O Bahia jogava às quartas-feiras e aos domingos. No domingo, nós íamos de carro. E nas quartas tínhamos um avião fretado para cobrir o jogo. Não tinha telefoto, nada. A gente assistia o primeiro tempo, pegávamos o avião e do aeroporto íamos para o jornal, para datilografar as matérias e revelar os filmes. Mas saíamos no dia seguinte com foto do jogo que era, assim, uma coisa do outro mundo. A Tribuna inovou, principalmente, no Esporte. Teve um jogo do Bahia com um goleiro trazido do Flamengo, Marco Aurélio. Fazia voos bonitos e [ganhou] o apelido “Constellation”, por causa de um tipo de avião da época. E ele falhou no jogo do Bahia. Aí, eu dei um título: “Você foi o fim, vírgula, Marco Aurélio”. Quintino me chamou: “Quem fez esse título? Foi você Nininho?”. Ele me chamava de Nininho. Ele: “Muito bom o título. Gostei da maneira que você colocou. Agora, pense bem, a mulher desse rapaz vai amanhã pro mercado, o filho vai para a escola. Vão olhar pra eles. Você não achou que foi muito pesado não?”. Aprendi com Quintino. Você pode criticar sem maltratar. Ele elogiou a maneira do título, que era um título moderno, bonito. Mas, exagerei na dose.

Como é que você via, e os outros seus colegas viam, aquela liderança de conteúdo de Quintino? Não era uma liderança só de autoridade...

Agradeço a Quintino por tudo o que eu sei num jornal. E pela confiança, que eu tinha 22 anos, com pouquíssima experiência e ele me entrega uma editoria de Esportes de um jornal que veio para desbancar o A Tarde. Então, isso pra mim foi espetacular.

O fato de você ser delegado e a Tribuna ser vista como um jornal de esquerda, abrigando até pessoas que foram presas políticas, como Emiliano José, você sentiu que alguém te via com desconfiança?

Nunca senti nenhuma discriminação no jornal, apesar de o jornal ser de pessoas contestadoras e sabidamente de pessoas que usavam drogas e tal... Nunca me manifestei como delegado na redação, nem como jornalista na delegacia.

Conseguia separar as duas coisas.

Sim, embora uma vez virei jornalista na delegacia. Tinha um preso, ex-noivo da filha do General [Henrique] Lott. Aí o faro jornalístico foi acima do de delegado. Conversei com o pessoal da Tribuna - já não estava mais na Tribuna - da existência desse preso lá, na Furtos e Roubos. E Paulo Tavares, se não me enganar, fez uma matéria. A manchete, em pleno governo militar: "Ex-gênero de Lott preso na Furtos e Roubos". Você imagine o que deu. Aí o delegado titular foi chamado ao quartel-general, não sei quê. "Quem foi o delegado que estava presente". Foi um rolo danado. Mas, felizmente, acabou tudo bem.

Quando foi para o Diário de Notícias?

Em 1974, na Copa da Alemanha. No Diário fiquei até 81. Quando fui para o A Tarde. Aí me desliguei do jornalismo esportivo, fui ser reescrevedor, das páginas locais. Depois de "copi", fui subchefe de reportagem, que o chefe era [Eliezer] Varjão, mas tínhamos as mesmas funções. Eu à tarde e ele pela manhã. Ele era considerado chefe porque doutor Jorge Calmon ia pela manhã, então, o contato que ele tinha, ele era o chefe. Passei 20 anos no A Tarde.

Relembre fatos da história do jornalismo, que você foi testemunha.

Tem uma teoria que aqui na Bahia só cabem quatro jornais. Toda vez que nasce um, morre outro. Foi assim com o Diário da Bahia, surgiu o Jornal da Bahia. Foi assim com a Tribuna, morreu o Estado da Bahia. Foi assim com o Diário de Notícias, nasceu o Correio. O Bahia Hoje também surgiu, tinha morrido o Jornal da Bahia. Então, na verdade, ficam quatro. Hoje nós temos A Tarde, temos a Tribuna, temos o Correio e temos o Massa, que é do grupo de A Tarde. Em 1970, na Tribuna, todos os repórteres usavam paletó. Por

exigência de Quintino. Apenas no Esporte não usava. Lembro que uma vez o Fluminense de Feira foi campeão baiano, em 69, e Luís Viana [então governador da Bahia] convidou os jogadores para o Palácio de Ondina, para obsequiá-los com um jantar. E o repórter fotográfico da editoria de Esportes, Mário Bonfim, quase não podia entrar porque estava sem paletó. Aí Quintino chegou até repensar botar os repórteres de Esporte também de paletó, mas desistiu.

Você pode criticar sem maltratar.

Vamos falar um pouco de BAVI.

Vou contar algumas coisas do BAVI. Na época que o presidente do Vitória era Ney Ferreira, o do Bahia era Osório Villas-Boas. Duas raposas. O Vitória trouxe um jogador de Pernambuco, Betinho, e tinha tido outro jogador chamado de Didico, que era um perna de pau, mas fazia gol como o quê. Porque ele dava muita sorte. Aí, a imprensa foi entrevistar Ney Ferreira. "Doutor Ney, o que o senhor achou de Betinho?". "É um Didico sem sorte". Quer dizer, o cara não era nada, né? De Osório lembro quando comprou Douglas e Picolé. O Bahia, querendo arrecadar dinheiro, não sei o quê, fazer jogos pra realizar o pagamento, então um repórter perguntou: "Osório, como é que você vai fazer pra pagar os passes de Douglas e de Picolé?". E ele: "Quem deve tá preocupado é o Santos que o moleque vai receber".

O balanço da sua trajetória, a sua vida no jornalismo e na polícia. Como é que você traça as duas coisas?

Me considero realizado em ambas profissões. Muitas vezes me perguntam, "mas você é mais jornalista do que delegado?" Eu digo, não, porque você vê o delegado caricato na televisão. Que é sempre o arbitrário, é o corrupto. E não é isso. Eu não vejo um policial assim. Embora saiba da existência de policiais corruptos, como tem também em todas as profissões. "O jornalista é gaveteiro", "o jornalista recebe dinheiro pra falar bem de...". Não é bem assim. Então, acho que você pode ser um bom jornalista, pode ser um bom policial, não importa essas coisas, essas manchas, essas máculas que essas duas profissões têm. Pode seguir numa linha reta, sem se prostituir, usando um termo chulo até. Mas você pode ser um bom jornalista, você pode ser um bom policial. Então, eu me realizei nas duas profissões, isso é fato. ■

Queremos aproveitar
que estamos na ABI,
para enaltecer a
liberdade de
imprensa e dizer
não às fake news.

**LIBERDADE DE
IMPRENSA**

**É LIBERDADE
DE VERDADE.**

**NÃO ÀS
FAKES NEWS**

FOTO: FABIO MACONI



PREFEITURA
**VITÓRIA DA
CONQUISTA**
GOVERNO PARA PESSOAS

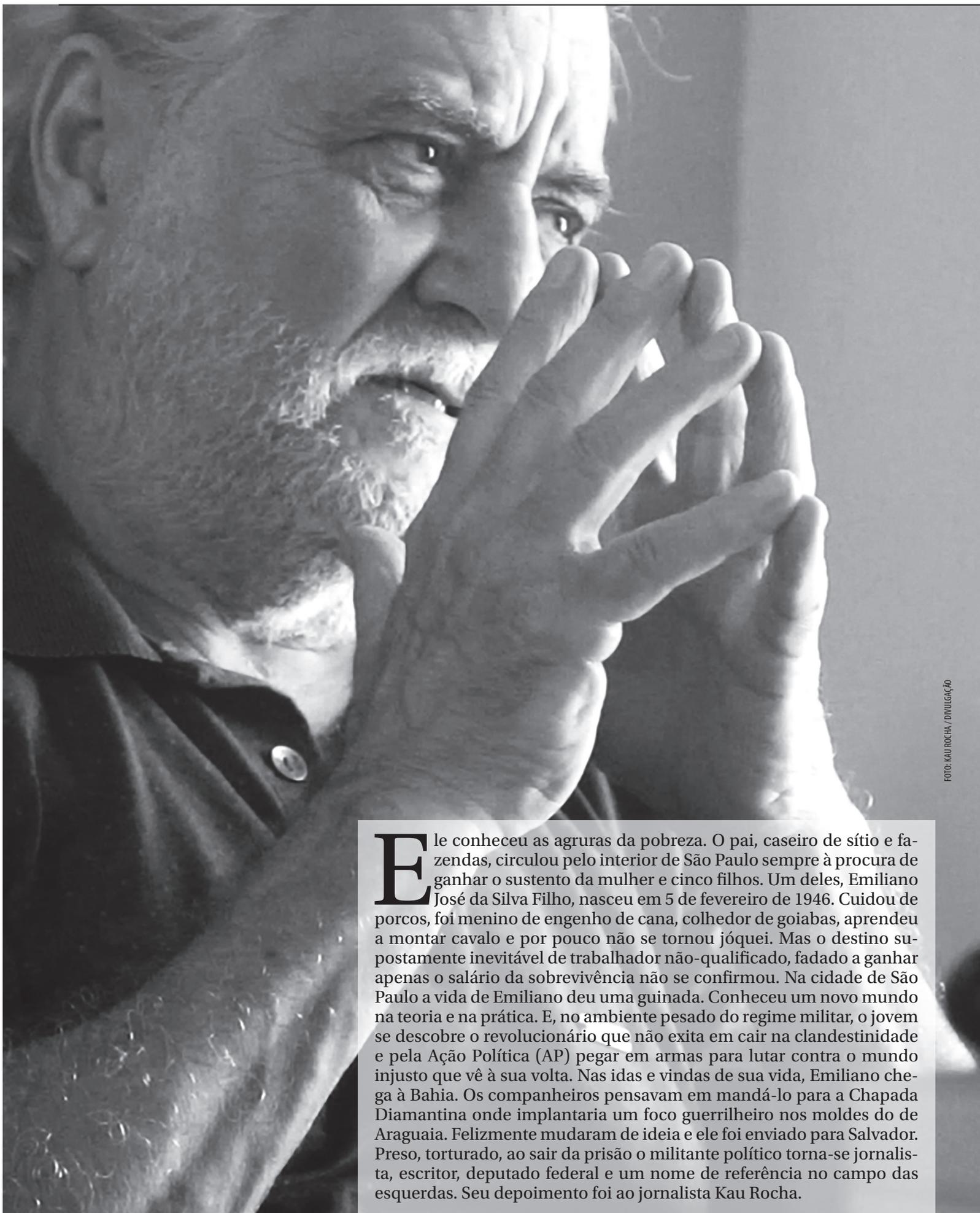


FOTO: KAU ROCHA / DIVULGAÇÃO

Ele conheceu as agruras da pobreza. O pai, caseiro de sítio e fazendas, circulou pelo interior de São Paulo sempre à procura de ganhar o sustento da mulher e cinco filhos. Um deles, Emiliano José da Silva Filho, nasceu em 5 de fevereiro de 1946. Cuidou de porcos, foi menino de engenho de cana, colhedor de goiabas, aprendeu a montar cavalo e por pouco não se tornou jóquei. Mas o destino supostamente inevitável de trabalhador não-qualificado, fadado a ganhar apenas o salário da sobrevivência não se confirmou. Na cidade de São Paulo a vida de Emiliano deu uma guinada. Conheceu um novo mundo na teoria e na prática. E, no ambiente pesado do regime militar, o jovem se descobre o revolucionário que não exita em cair na clandestinidade e pela Ação Política (AP) pegar em armas para lutar contra o mundo injusto que vê à sua volta. Nas idas e vindas de sua vida, Emiliano chega à Bahia. Os companheiros pensavam em mandá-lo para a Chapada Diamantina onde implantaria um foco guerrilheiro nos moldes do de Araguaia. Felizmente mudaram de ideia e ele foi enviado para Salvador. Preso, torturado, ao sair da prisão o militante político torna-se jornalista, escritor, deputado federal e um nome de referência no campo das esquerdas. Seu depoimento foi ao jornalista Kau Rocha.

O jornalista tem a obrigação de ir atrás de *uma utopia chamada verdade*

Quando sua família muda do campo para a cidade grande você vira bancário.

Vou primeiro para Guarulhos, aprender datilografia. Posso não saber escrever, mas na datilografia sou bom. Também ganho uma cadeira de engraxate numa barbearia. O dinheiro que recebia entregava a meu pai. Que também não tinha esse negócio de mesada, não. É dar pro pai, que precisa, né? Da barbearia fui para São Paulo ser *office boy* no Banco Comercial do Brasil. Foi quando eu descobri a grande cidade industrial, Guarulhos. Eu morava no Morro do Querosene, periferia. Tudo tem simbolismo.

Mudança radical.

Era tudo novo para mim. Entrei com 14 anos no banco, outubro de 1960, com carteira assinada, porque naquele tempo era possível. Hoje só com 16, eu acho, que pode, né? Com carteira assinada? Hoje é estágio. E os oito anos de trabalho de banco me fizeram jurar quando saísse - porque eu já sai para clandestinidade - que acontecesse o que acontecesse nunca mais trabalharia num banco. Quando as pessoas dizem que o trabalho bancário adoece, pode ter certeza que é absolutamente verdadeiro. "Ah, mas não tem esforço". Vá trabalhar num banco pra [vo]cê ver o que é a rotina de um trabalho bancário. De Guarulhos já saí para Vila Esperança. Papai abriu um bar lá. Mas eu já estava no banco, pegava o trem, descia no Brás, e seguia pra Benjamim Constant. Depois, eu vou para minha pátria, como eu chamo o Jaçanã, no sentido do aprendizado, da adolescência, do primeiro namoro, do cristianismo, e de fazer o ginásio. Aos 17 anos fiz admissão ao ginásio e fiz os meus

quatro anos de ginásio, que era de muito aprendizado. No ginásio - porque as pessoas às vezes não lidam ou não ligam educação e consciência do mundo, mas sem uma educação que seja capaz de revelar o mundo você não tem mudança na sociedade - eu encontro uma professora de História, que me abre para o mundo. Comecei a enxergar que o mundo não era aquele que eu pensava e a ver as estruturas, enfim, a compreender mais criticamente o mundo.

Aí vem a "História da Riqueza do Homem"... o livro de Leo Huberman

Livro extraordinário, uma descoberta. Do que era o mundo. Mas antes aparece Pedro de Oliveira, que chegou ali com os Camilianos [Ordem dos Clérigos Regulares Ministros dos Enfermos]. Era um Camiliano mais radicalizado, mas eu não dominava isso. Encontrou a mim no movimento secundarista. 1966, eu tinha 20 anos.

Como foi sua chegada, para o campo político, de aproximação da AP.

No Jaçanã comecei a pensar o mundo de uma maneira crítica, a partir desses círculos de estudos, a partir da chegada do Pedro. Ele já era bem formado intelectualmente. E eu ali cresci muito. A partir dali enveredei por uma posição de esquerda, já então 66, 67. Em 68, eu já estou pronto para ser recrutado. Porque aí aparece um sujeito chamado Adura, médico, dirigente da AP e nos recrutou. Ele que organizou a nossa célula no Jaçanã. Diria que o meu rito de iniciação na luta revolucionária foi o 1º de maio de 1968. Nós tínhamos a orientação de irmos pra a beira

do palanque de um comício da direita sindical, inclusive, com a presença do governador Abreu Sodré. Sabíamos que teria caras de metralhadora. Orientação da AP era a gente encostar bem nas metralhadoras e no momento em que se tomasse o palanque a gente pegasse os cara[s] com metralhadora e tudo e vamos embora. [Vo]cês dão risada, mas era isso mesmo. E a gente acreditava nisso. A gente sem arma nenhuma. Carlos Lamarca foi destacado para reprimir o 1º de maio com a tropa. Ele avisou seu time: “Olhe, ninguém vai atacar trabalhador”. De outro lado, em janelas localizadas estrategicamente, estavam, isso eu só soube depois, revolucionários das organizações armadas prontos pra atirar na repressão, se a repressão viesse. Ia ser uma carnificina se o Lamarca resolve entrar ali pra valer e tal.

Qual a localização então desse comício?

Praça da Sé lotada. E aí começou a chuva de pedra, uma pega no Sodré, eles saem correndo, entram na igreja da Sé e as principais lideranças ocupam o palanque do 1º de maio. Falam rapidamente e depois saímos em passeata, seguindo até a República. Foi um rito de iniciação porque eu parecia estar às portas da revolução. A partir dali embarquei para não ter mais retorno na perspectiva da revolução. A gente tinha a palavra e o conceito revolução na cabeça. Muito mais fundado na visão Leninista [ideologia comunista, a principal no movimento comunista ao longo do século XX] e Maoísta [corrente do comunismo baseada nos ensinamentos de Mao Tsé-Tung], no nosso caso, e embalado pelos sonhos Guevaristas [conjunto de conceitos e critérios políticos, de origem marxista, desenvolvida a partir das ações e ideias do guerrilheiro argentino Ernesto Che Guevara], do que é revolução vista como um processo, como eu vejo hoje, muito mais longo do que a gente imagina.

▼ *Álbum de família: pai, mãe e irmãos. Emiliano é o de camisa escura, o segundo da direita para a esquerda.*



FOTO: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

Por isso o foco?

A AP era contra a ideia do foco, mas eu digo: toda a esquerda brasileira foi envolvida, numa discussão longa, pela teoria do foco. O foco mais apurado do Brasil foi a Guerrilha do Araguaia, não assumido como tal, mas é um foco guerrilheiro. Isto daí está no livro fantástico do Pedro Pomar, tudo muito detalhado. Ele, desde 1961, já tinha ideia da guerrilha: “vamos nos suicidar”. E ele queria essa discussão naquele momento, em 1976, no chamado Massacre da Lapa, a discussão estava sendo feita para mostrar o erro brutal que foi a Guerrilha do Araguaia.

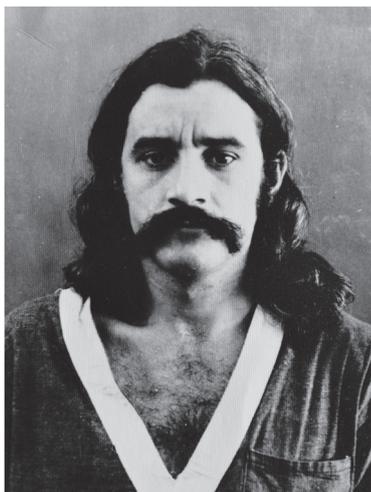
Por tudo que você passou na infância quando você leu essas obras, tudo aquilo fez sentido naquele momento para ser atraído para luta revolucionária?

A pergunta tem sentido, mas o que eu quero dizer é: ali você está no olho do furacão, não tá refletindo sobre isso. Hoje eu sei, era uma maneira de escapar, [es] tou falando agora, psicanaliticamente. Era uma forma de escapar daquele destino mesquinho que a mim estava reservado. Não [es]tou dizendo que eu pensei isso não. Mas veja: ia me casar com Vera Lúcia Castelli e falo com carinho imenso daquela moça, momentos maravilhosos vivi com ela. Ficaria [trabalhando] no banco, ia construir uma casinha lá na beira do [rio] Cabuçu. Rompi com aquilo. Larguei o banco, fui embora pra clandestinidade. E a luta armada era um campo. Fui planejado, quem me revelou foi Haroldo Lima, [na época] dirigente da AP: “Emiliano foi mandado para cá na perspectiva da Guerrilha da Chapada Diamantina”. Pouca gente sabe disso. Aqui foi planejada a Guerrilha na Chapada Diamantina, não ia dar em nada e eu estaria morto, claro. E Haroldo, em 1983, provavelmente, já deputado federal estava fazendo um comício em Irecê. Quando um cara se aproxima dele e diz: “camarada Zé Antônio,” (que era o nome ‘frio’ que o Haroldo usava) “eu estou lá no sítio, as armas estão lá, eu [es]tô preparado, esperando a guerrilha. Quando é?” Haroldo aí botou a mão na cabeça. “Companheiro, já mudou tudo não tem mais guerrilha”. É igual aquele japonês que ficou na selva esperando a [segunda] guerra e tal. “Acabou tudo. Você pode continuar com seu sítio, que nós compramos, pode tocar a vida, mas guerrilha não tem mais, não”. Era pra essa guerrilha que eu ia (risos). Então, eu vim pra Bahia. Fiz um trabalho forte no movimento estudantil. São Paulo ficou inviável. 1969, aquilo era um quartel. Repressão pra tudo quanto é lado.

Como a imprensa entrou na sua vida?

Sou preso no dia 23 de novembro de 1970. Não vou contar o processo todo, tortura, porque não cabe aqui. Passo um tempo no [forte do] Barbalho, que é o centro de torturas. Em 26 de janeiro de 1971, transferido para a [Penitenciária] Lemos Brito. Quando você sai de um quartel desses pra uma penitenciária

- ▼ Com bigode farto no presídio Lemos Brito (Galeria F).
- ▶ Ao lado, repórter na sucursal do Estadão anos 70.
- ▼ Abaixo, parlamentar na década de 80 no governo de Waldir Pires.



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



suaviza um pouco a vida, e lá você encontra outros companheiros presos e é um momento de mais relaxamento.

Aí surge o jornalzinho da Galeria F.

Nós estamos fechados, cada um na sua cela. Os contatos eram gritando. Mas, chegou um momento, no começo de 71, que se disse: “olhe, vai ter que ter um jornalzinho pra gente saber as notícias”. Mas como é que consegue saber as notícias? Faz entrar um radinho de pilha. Cadeia entra tudo. Eu ouvia o noticiário, de meia em meia hora, anotava o noticiário no limite que podia anotar. E ali pelas 17h30, começava a redigir em meia folha de papel-ofício, frente e

verso. Passava pelas celas. E lá, no último da fila era queimado, porque não podia cair. Vai ver que eu antecipei o Twitter (risos), porque escrevia duas linhas cada notícia, tinha que botar umas 20 notícias pra ficar um quadro amplo da conjuntura. Não era análises, era notícia mesmo, fato. A China resolveu isso, a Rússia resolveu aquilo, o Geisel resolveu aquilo outro. Então, foi a minha primeira experiência jornalística. Eu não era jornalista.

Mas se tornou quando foi libertado.

Quando saí, final de 1974, fui dar aula de História no Max Curso, ousado que era. Não tinha universidade ainda. Um dia, Emanuel

Macedo, um dos donos do curso, me pergunta: “Você quer ser jornalista?” Rapaz, é tudo que eu quero. “Então, amanhã passe na Tribuna e vá procurar [jornalista José de Jesus] Barreto”, amigo dele. No dia seguinte estava lá. Barretinho me deu uma pauta. Eu lá sabia como é que era nada, rapaz. Quando entreguei a matéria, Barreto: “É, jogador a gente conhece no arriar das malas”. A partir dali eu voei. Meu momento de afirmação na Tribuna da Bahia foi a série sobre a libertação das colônias portuguesas no sul da África. O Césio Oliveira botou o olho na série, e aí me chama, já com um salário melhor, para o Jornal da Bahia. Foram momentos muito ricos para mim. Porque eu [es]tava conhecendo a Bahia. Porque veja, eu antes era clandestino aqui. E agora, o jornalismo permite a você uma circulação e um debate permanentes.

O que é que se mantém como jornalismo, independentemente de ser digital ou de analógico?

Eu me encontro ou me reencontro com aquele repórter do passado. O aprendizado meu não foi em vão e ele é utilizado até hoje, no dia a dia da minha escrita. Agora, eu tô mudando. O Adilson [Borges] é quem diz: “você é um dos poucos que eu conheço do

parágrafo de uma linha”. E muda sem perceber. Você muda as coisas no modo de escrever sem se dar conta de que você já é outro. Isso é, nós todos na vida cotidiana. Nós somos assim. O rio nunca é o mesmo. Ele passa e vai o outro e nós também. Então, eu sou o mesmo e outro, né?

Essa coisa de você nunca ter perdido a essência do repórter, te deixa mais confortável também, né?

Muito. Trabalhar cena, que é uma coisa que o jornalismo me deu que é leitura. As leituras, os grandes autores me ajudam a trabalhar cenas. Por isso que eu digo: ficção e jornalismo não tão distantes assim. Eu não posso inventar, né? Mas posso inventar um pouquinho.

Sei que você já entrevistou ACM. Ele brincava com você de alguma forma, tinha alguma hostilidade típica e ao mesmo tempo a vivência da censura dos bilhetinhos?

É inevitável eu falar um pouco do que eu penso da imprensa regional e nacional. Eu não sou um sujeito imparcial em nada e jornalismo imparcial é mentira, ele não existe. Vamos ser verdadeiros, porque às vezes há um certo pensamento liberal sobre jornalismo. Valorizo o pensamento liberal, mas ele acredita que tem imparcialidade. Imparcialidade é uma mentira, um mito, é para quem acredita em Deus. Ao jornalista, evidentemente, ele tem a obrigação de ir atrás de uma utopia chamada verdade. Você sempre tem que correr atrás dela. Ela é inalcançável, a verdade como tal, porque é uma ilusão. É, mas jornalismo fala a verdade. O jornalismo é essencialmente interpretação, sempre. Qualquer organização de fatos é uma interpretação que você faz do mundo. Eu vou ali cobrir uma greve e vou só citar os fatos no *lead*. Conversa mole para boi dormir. Você vai tomar posição interpretando, sempre. Bom, então eu digo que o jornalismo...tem alguns que levam o jornalismo, alguns teóricos, a um *status* de forma de conhecimento do mundo. Eu não sou um entusiasmado a este ponto não. O jornalismo nasce como uma necessidade burguesa, mas aqui no bom sentido, a burguesia precisava do jornalismo para enfrentar o autoritarismo. E é positivo. E este jornalismo que nós conhecemos aqui, agora com essas mudanças todas, nasce lá no século XIX, final, sobretudo, com *lead*, *sublead*, essas coisas que são pretensamente objetivas. Quem disse que o New York Times é objetivo? Ou o Washington Post? Fez coisas maravilhosas? Claro que fez. Sou muito admirador de jornalistas. Acho que é um trabalho extraordinário e eles produzem coisas extraordinárias rompendo com os limites que o próprio aparato das grandes corporações impõe. Vai ver como é que foi o *Watergate*. Aquela maravilha de cobertura. Então tem coberturas maravilhosas. Valorizo muito o jornalismo, agora, não tenho nenhuma ilusão.



FOTO: KAU ROCHA / DIVULGAÇÃO

Eu não sou um sujeito imparcial em nada e jornalismo imparcial é mentira, ele não existe.

Sobre a sua vivência dentro do jornalismo, a censura naquele período, está presente, a autocensura também como um detalhe aí, também, mercadológico.

Há uma discussão que precisa ser devidamente dimensionada em relação à censura. Há, já, estudos muito desenvolvidos, há o livro do Paolo Marconi, os bilhetinhos. A censura era uma realidade da ditadura. Num primeiro momento do golpe, direta, entrando nas redações, depois a censura tinha os bilhetinhos. No governo Médici, sobretudo, vamos lembrar, depois ela muda muito sob o governo Geisel, e eu cheguei já no governo Geisel. Deixava de haver censura? Não. Cheguei a ter um embate público até com o querido João Carlos Teixeira Gomes, Joca. Porque eu disse que o Jornal da Bahia, na briga com Antônio Carlos, teve que compactuar com a ditadura. Eu não disse isso, assim. Escrevi no prefácio do livro de João Falcão, “Não deixa essa chama se apagar”, dizendo que a ditadura era tão forte que condicionava a imprensa regional a ter que negociar com ela, ditadura, às vezes para brigar com o chefe local, no caso o Antônio Carlos. Nem a ditadura era tão rigorosa quanto Antônio Carlos o era em relação à imprensa. Ele perseguiu o Jornal da Bahia e pediu a condenação do Joca, que a ditadura queria absolver na auditoria militar. Mas Joca ficou bravo com isso, porque ele queria uma visão idílica do jornal e não existe essa visão. O jornal teve que fazer esse tipo de negociação ou de “mexida de cintura”, para poder suportar e não suportou. Acabou o Jornal da Bahia sendo massacrado, a verdade é essa. E acabou. ■

MUSEU DE IMPRENSA

Um lugar de memória



EM FOLHA



EM RÁDIO



EM TV

Olhe para a história através do nosso acervo.



Agende sua visita

E-mail: museu@abi-bahia.org.br

Whatsapp: 71 99620-4014



Associação Bahiana de Imprensa

Sempre haverá
*intelectuais
mercenários*
para servir a qualquer regime’

O empresário Joaci Fonseca de Góes, nascido em 25 de agosto de 1935, admite que decidiu adquirir o controle acionário da Tribuna da Bahia para obter poder político no Estado, mesmo desconfiando que manter um jornal diário não seria um bom negócio. Mas embarcou nessa aventura em pleno regime militar. Apostou na ideia de ajudar a tocar um jornal inovador em termos de linguagem, graças a uma equipe de jovens talentos coordenada por um jornalista referência na época, Quintino de Carvalho. Aliado a isso, um avanço na qualidade visual, graças aos equipamentos importados dos Estados Unidos para imprimir no sistema *offset*, pela primeira vez na Bahia. Enfrentou a censura. Não aceitou pressões para demitir jornalistas de esquerda e travou um dos embates mais ferrenhos da política baiana com o governador Antonio Carlos Magalhães. Elegeu-se, pela oposição, deputado da Assembleia Nacional Constituinte que elaborou a Constituição de 1988 e, apesar de perder milhões de dólares com a Tribunal, não se arrepende de ter travado suas batalhas. Este depoimento, ao repórter Valber Carvalho, foi dado pouco antes de Joaci embarcar para a Europa onde o filho o esperava para vencerem, a pé, os 840 quilômetros do longo Caminho de Santiago de Compostela.

**Por que quis ser o dono da Tribuna da Bahia?**

Quando eu já havia adquirido a Tribuna da Bahia, travei conhecimento com uma teoria psicanalítica, segundo a qual, na maioria dos casos as pessoas escolhem as suas atividades por motivos inconfessáveis. Hoje, tenho maturidade pra dizer que a decisão de comprar a Tribuna decorria do desejo inconfessável de ter poder.

Sua família já vinha tendo sucesso na área imobiliária. Como é que você botou os olhos na Tribuna e disse assim: é esse o jornal?

O desafio seria não perder dinheiro. Já que, àquela época, eram raros os veículos brasileiros que se autossustentavam, que gozavam da reputação de serem poderosos. Eles se apoiavam numa mídia, sobretudo, oriunda dos poderes públicos. Não creio

que em 1970 tivéssemos, no Brasil, mais do que dez veículos que operassem no azul. Portanto, com uma tecnologia nova, com parceiros que tinham grande penetração na sociedade, com o ostensivo conservadorismo dos concorrentes - eram muito conservadores - nós imaginamos que a Tribuna poderia ocupar esse espaço de audácia e, com isso, conseguir a façanha de se auto manter.

Naquele momento que você compra o jornal, na ditadura, ocorria a Copa do Mundo. Como as pessoas reagiam?

Bom, a coisa que mais chamou atenção é o pressuposto que as pessoas obedecessem ao comando central do Partido Comunista e abdicassem de sua religiosidade. Mas isso não ocorreu quando o jogador tcheco [de país comunista] abriu o placar de 1 a 0,

correu para a lateral do campo e prosternou-se com as mãos agradecendo ao Senhor e fazendo o sinal da cruz. Foi ali que eu vim entender, já sabia disso, o que Immanuel Kant afirmava: o homem nunca se libertará nem da paixão política, nem religiosa (ri).

Como você interpreta o investimento de Elmano Castro. Muitos chamavam de “louco” fazer um investimento daquela envergadura e naquele momento do Brasil.

Elmano era, na ótica de George Bernard Shaw, o protótipo do insensato. Bernard Shaw dizia que sensato era aquele que conhecia as regras do mundo e saía para ele com o propósito de ajustar o seu comportamento a essas regras. Insensato era o indivíduo que, conhecendo as regras do mundo, desafiava-as todos os dias, querendo impor as suas próprias regras. E concluiu Shaw: “É por isso que todo progresso humano depende dos insensatos.” Então, o Elmano era de fato uma figura singularíssima.

Como você entrou no negócio?

No primeiro momento, comprei 45% do jornal. Era, isoladamente, o maior acionista. Porque a compra de 100% concluí em 1975. De plano, se viu que teria um *déficit*, mas que não era uma coisa absurda, entendeu, para você exercer aquela parcela de poder, como eu estou dizendo, não era uma coisa que causasse moossa, só veio a ter problema mesmo quando você veio brigar, romper com o governo. E essa briga levava o [empresário] particular, inclusive, a não veicular no jornal.

Naquele momento, você lembra qual foi o investimento em dólar?

Quando eu saí da Tribuna em 1997 esse valor já passava de 50 milhões de dólares. Perdi 50 milhões de dólares na Tribuna da Bahia.

E o que é que você ganhou?

Ganhei o exercício da audácia. E a partir daí já tinha motivação pra ir fazer obras em Israel, nos Emirados

A grande coisa que a Tribuna me ensinou foi me dar asas para acreditar que o mundo é que era o meu espaço.

Árabes. Entendeu? Sair da Bahia, que foi o benefício que Antônio Carlos Magalhães me proporcionou. A grande coisa que a Tribuna me ensinou foi me dar asas para acreditar que o mundo é que era o meu espaço. A Bahia apenas era minha residência, mas o espaço da minha atuação seria o mundo.

Nós todos sabemos que a Tribuna mexeu na vida dos outros jornais. No aspecto do conteúdo e visual do jornal, como é que você vê isso?

Como uma disputa natural, até porque, conquanto sempre tivéssemos boas relações com o Jornal da Bahia, as nossas relações sempre foram tensas com o A Tarde. Nós, e eu particularmente, bati duro no A Tarde. Depois, fiz as pazes com Jorge Calmon.

A Tribuna surge em 1969, nós estávamos nos anos de chumbo. Como era administrar a Tribuna em um tempo tão rude com uma redação de esquerda.

Quando a Tribuna se instala, estávamos à vigência da força do AI-5, e a censura era algo fundamental que os jornais tinham que encarar. Eu fui, nesse particular, de grande ajuda para a Tribuna. Pela simples razão de que o chefe da Polícia Federal da Bahia, o coronel Luiz Arthur de Carvalho, tinha sido o meu comandante de infantaria quando eu fiz o CPOR [Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Exército]! Então, um dia chega lá um censor e diz: “Essa matéria assim e tal, não sei o que...” Um cara muito grosseiro. Eu virei pra ele em pé e disse assim: olha, eu não vou obedecer a esse comando, e vou ligar agora mesmo pro coronel Luiz Arthur e dizer que uma instituição, mesmo de censura, tem que usar



► Joaci com sua mulher Lídice e o casal amigo Walter Pinheiro e Gel.
 ▼ Anos 90, Joaci recebe a prefeita Lídice da Mata em encontro com a participação de Walter Pinheiro, diretor da Tribuna, e Fernando Schmidt, secretário de Governo da prefeitura.



um mensageiro mais educado. Nunca mais você será recebido aqui. E liguei. Recebi Luiz Arthur na [concessionária] Sanave: “Mas Joaci, você me cria dificuldades”. Digo, coronel, ao contrário, estou preservando a imagem do sistema e tal. E ele: “O seu nome foi encontrado em vários aparelhos, como colaborador”. O que em muitos casos foi verdade mesmo. Mas aí eu digo: coronel, o senhor vai cair numa patota dessa? Eles pegam pessoas acima de qualquer suspeita pra criar confusão. “Lógico, isso eu percebi”. E deixava passar. De modo que até nesse campo, quando você olha a questão da censura no mundo inteiro, os indivíduos que sucumbem à censura, porque estão gostando mesmo, estão com disposição, porque não tem o mínimo de coragem. A mídia altiva, em todo lugar do mundo, mesmo no tempo de Hitler, sempre havia um espaço para a sua utilização.

Como era a relação com ACM e por que motivos aconteceu sua briga com ele?

Eu me dava muito bem com Antônio Carlos Magalhães, no início dele na prefeitura em 1967. Era dono de empresa de engenharia, a relação sempre muito boa e com toda cordialidade. Até 1981 a relação sempre foi muito boa. No Rio de Janeiro dei alguma

colaboração pra ACM ir pra Eletrobrás. Num almoço que envolveu Roberto Santos chamei Antônio Carlos, que estava sem emprego. E tinha um diretor que era um oficial da Aeronáutica, que se formou em Direito comigo, Carlos Neves Galluf, que era uma pessoa das relações do chefe da Casa Militar da Presidência, Golbery do Couto e Silva. Pois bem, então o Galluf trabalhou muito e Antônio Carlos sabia disso e usava.

A briga, então não surgiu quando ele lançou o Correio da Bahia?

Não, ao contrário. O pessoal achava que eu era sócio de ACM porque eu tinha vendido o terreno onde foi instalado o Correio da Bahia. Vendi sabendo que era para um jornal, ali. Ele diz: “Quanto é o terreno?”. Eu, a tabela é essa, pá pá pá. Ele virou e disse: “Esse preço de tabela você me deixa pagar um sinal e três prestações?”. Eu estava disposto até a fazer uma concessão muito maior. Mas ele me pediu e eu atendi plenamente [ri]. Bom, foi o preço mais alto do metro quadrado que eu vendi o terreno daquele do Correio da Bahia. Não barganharam, não negociaram.

E o início da briga?

Luís Eduardo pediu e fui conversar com ACM. Virei disse: Antônio Carlos você me conhece, sabe que eu não sou do tipo que se amolda a qualquer força. Então, sempre lhe apoiei porque eu quero lhe apoiar. Não é porque eu tenha medo de você, porque eu não tenho medo, de governador nem de nada. O que é que está ocorrendo? “O que ocorre é o seguinte, nas repartições municipais de Salvador, tem um processo lá, o funcionário diz: esse assunto aqui tem que ser resolvido entre o doutor Joaci e o governador Antônio Carlos”. No BANEB, operações bancárias de rotina. “Quem decide isso é o governador”. E digo, não! Ele: “Eu quero ter o privilégio de despachar com você”. Muita gente consideraria isso um privilégio, mas eu não, vejo nisso uma forma de você querer dizer: “você está dependendo de mim”. Eu disse: olha Antônio Carlos, não há hipótese para que o jornal mude a sua posição por causa desse tipo de pressão, ao contrário. “Não, tá encerrado esse assunto, rapaz”. Não mudei nada no jornal. A última vez que eu estive com ele foi em 82, na inauguração do Jockey, de Lauro de Freitas, que eu tinha construído. Conversamos e uma conversa boa, conversa sem grandes coisas e etc.

Foi nessa época que a Tribuna começou a denunciar os escândalos envolvendo o Mário Nou no BANEB?

Foi. O Mário Nou era uma pessoa desfibrada, sem coluna vertebral. Impressionante porque a filha dele era casada com o filho de João Falcão. E quando - isso quem me contou foi Antônio Carlos - saiu um elogio a Mário Nou no Jornal da Bahia, Mário Nou saiu de casa, foi em Ondina e pediu urgência de falar com o governador, pra dizer que ele não tinha nada a ver com aquele elogio que o Jornal da Bahia tinha

feito. E chegou a pedir a João Falcão pra não fazer nenhuma referência ao nome dele. É isso que eu digo. Há gente pra tudo na face da terra. Então, veio aquela animosidade e a Tribuna passou a viver sem receber nenhuma publicidade.

O que aconteceu com a Tribuna, foi um processo semelhante ao Jornal da Bahia?

No caso do Jornal da Bahia, o boicote que Antônio Carlos fez nasceu de uma notinha no Diário de Notícias que Orlando Garcia dizia o seguinte: “o governador lê os jornais todo dia para verificar. Ele entende que empresas que são suas amigas não podem veicular no jornal, que comete injustiça com ele”, essa coisa toda. Aí pronto, acabou, foi ali. Por isso que o João Falcão terminou ficando meio inimigo de Orlando Garcia. Porque aquela nota deflagrou o processo.

Sua briga com a ACM chegou quase a ser uma briga física, ela evoluiu, que eu soube, até que teve um episódio que você adquiriu um revólver. Como é que essa briga atrapalhou a Tribuna da Bahia?

O bloqueio do Antônio Carlos Magalhães deu muito brilho a Tribuna. Diferentemente do que as pessoas podem imaginar, a minha eleição, que fui muito bem votado para a [Assembleia Nacional] Constituinte, decorreu do reconhecimento geral.

Mas teve o episódio do revólver?

Quando ele [ACM] veio depor na Comissão de Comunicação disse: “Eu sabia! Por isso que eu rezei o Salmo quando, hoje pela manhã, sabia que ia ser insultado! Eu não tenho que dar esclarecimento desse tipo. Não excelência! Vossa excelência é que tem que explicar aqui, aqui esse saco, cinco mil títulos seus protestados estão aqui!”. Digo, alto lá! Não queira reduzir as minhas cicatrizes de guerra, são mais de dez mil, produzidos por sua irresponsabilidade como gestor da Bahia e tal. Aí quando chegou adiante, no fim, ele virou e disse: “Vamos deixar essas questões pra outro terreno. E nós poderemos resolver isso homem a homem e vamos cuidar dos assuntos de interesse nacional”. Estou movido por temas do maior interesse nacional, porque se eu estivesse aqui movido pelas razões que nos separam na Bahia, eu estava repetindo aqui o que digo em toda parte: se o Brasil fosse um País sério, vossa excelência não seria ministro. Vossa excelência estaria na cadeia! [ri]. Então, em face disso, eu andava preparado. Sou bom atirador, sempre fui. Eu atirei pela infantaria. Treino como ainda hoje faço. E fazia chegar ao conhecimento dele, e dos seguranças dele, que eu seria obrigado a começar eliminando os seguranças [ri].

Foi importante para a Tribuna da Bahia, os jornais de oposição ao regime, ter uma pessoa como Luiz Arthur na PF, naquele momento?

A grande censura da época era sobre o jornal O Esta-

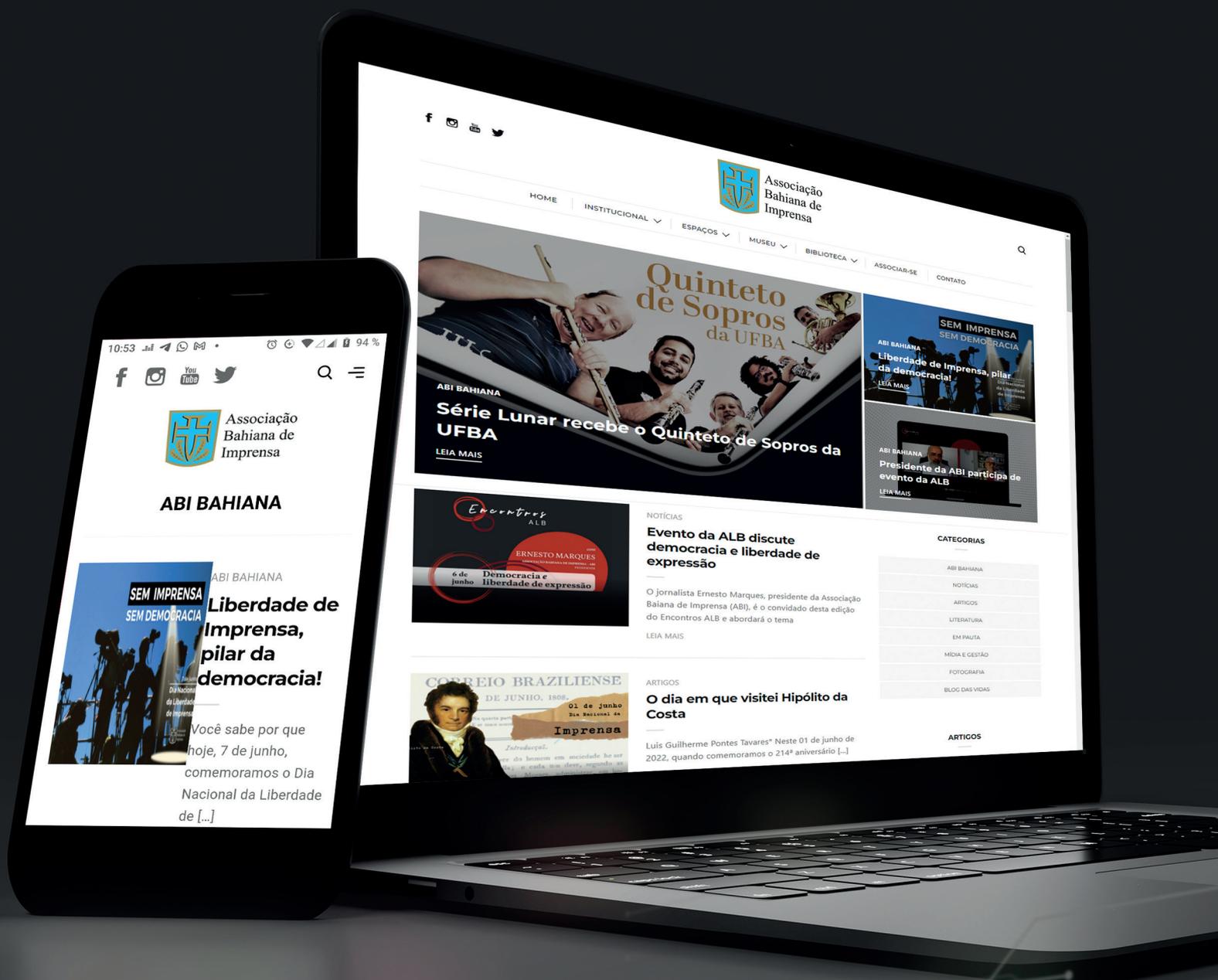
do de São Paulo. As matérias locais não eram de grande componente político. Então, as agências do Jornal do Brasil, O Estado de São Paulo, a UnitedPress, etc., já enviavam material que, de certa forma, estava liberado. Mesmo assim, a Tribuna esteve no index, inclusive, quando o jornal anunciou que [presidente] Médici viria à Bahia, coincidiu com o preparo de um extra do jornal chamado “A Coisa”, com charge de Lage e a manchete assim: “A Coisa vem aí”. A Coisa era um veículo. Mas isso eu soube, que o Luiz Arthur me mostrou, que mandaram lá no plano nacional. “Você está sendo iludido por esses seus funcionários. Olha aqui está no plano nacional, a inteligência está vendo que aqui vocês queriam se referir era ao Médici” [ri]. E provavelmente era mesmo, não era brincadeira. Então havia uma série de coisinhas, de coincidências assim, desse tipo que a gente compreendia, mas eu gostava daquilo, porque aquilo dava animação ao jornal. Então, eu dizia: não, pode deixar comigo, vou prestar mais atenção. E houve aqueles episódios, os pedidos que Luiz Arthur fez pra demitir certos funcionários, inclusive o Emiliano José. Eu digo: não posso fazer isso com Emiliano José.

Você fez o curso da Escola Superior de Guerra nos anos 60?

Sim. Nunca disse a ninguém que fiz o curso. Só mais tarde que passei a admitir, quando passou o perigo. Vou lançar o livro “Esquerdas e Direitas - a Superioridade da Sociedade Aberta”, em que essa questão da liberdade eu examinei, em muita profundidade. O que a gente observa é que sempre haverá intelectuais mercenários para servir a qualquer regime. Sempre haverá empresários calhordas que se colocarão a serviço de quaisquer regimes. Seja ele de Hitler, de Putin, da China. E o Brasil é um país tão desinformado que ainda há quem não saiba que a China não tem nada de comunismo, é o regime fascista. A Rússia todo mundo sabe que é fascista. Tudo que Hitler queria para si é o que Putin tem na Rússia. De modo que você precisa ver a quantidade de intelectuais no tempo de Stalin, no tempo de Mao Tsé-Tung, no tempo de Mussolini, no tempo de Hitler. A quantidade de intelectuais servindo a causa do regime.

O que significou Joaci Góes, vindo de uma família que já tinha um sucesso na área de incorporação, de construção, ter tido essa experiência na imprensa?

As razões pelas quais nós fazemos as coisas da vida, serão avaliadas no outono da existência, na perspectiva do seu juízo. No meu caso, invoco Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”. Então, participar da Tribuna é uma coisa que eu fiz, da qual não me arrependo, e as motivações para fazer a Tribuna, foram aquelas provavelmente inconfessáveis. A de ter poder de influência no meio em que você vive. Neste assunto, há duas categorias: os que falam a verdade e os hipócritas. ■



www.abi-bahia.org.br

Jornalismo responsável.
Informações bem apuradas.

Sempre com as últimas tendências
da área da comunicação e conteúdo
de valor para a sociedade.

Encontre a ABI na rede!



@abi_bahia



@abi.bahia



ascom@abi-bahia.org.br



71 98791-7988



FOTO: VALBER CARVALHO / DIVULGAÇÃO

Jorge Sanmartin, (nascido Jorge Santos San Martin em 28 de maio de 1948) ficou em dúvida, num certo momento da vida, se queria ser músico ou radialista. Optou por se tornar comunicador esportivo pelas ondas do rádio. Depois, como jornalista passou pelos principais jornais de Salvador a partir da década de 1970. Sempre atuando na área que aprendeu a gostar ainda menino, de 10, 11 anos, quando o irmão, goleiro do time amador do Vitória, o levava para assistir aos jogos. De admirador dos radialistas, cujo trabalho observava atentamente nos estádios, passou a ser colega. Quando começou a falar no microfone logo apareceram os convites e Sanmartin foi galgando degraus nas principais emissoras com equipes esportivas de Salvador e Feira de Santana. Cobriu a fase áurea do Campeonato Baiano, na época em que Galícia e Fluminense de Feira enchiam os estádios. Acompanhou Bahia e Vitória nos campeonatos nacionais. Depois vieram o mundialito da Colômbia e as copas do Mundo. Firmou-se nacionalmente como um dos melhores repórteres esportivos da rádio e foi destaque também em jornal. O “Supersan” virou estudioso do futebol e se tornou uma enciclopédia do assunto. Nesta entrevista ao repórter Valber Carvalho fala de suas andanças pelos campos da Bahia, do Brasil e do mundo.

A política esportiva é muito parecida com a partidária. *E o ‘jabá’ rola’*

Como que nasceu esse desejo de ser um mensageiro da notícia?

Tinha um irmão que foi goleiro amador do Vitória. Às vezes ele me levava pra Fonte Nova assistir os jogos. Ficava vendo aqueles profissionais no rádio: Ivan Pedro, Genésio Ramos, o pessoal mais antigo, Carlos Lima, que foi um grande locutor que a Bahia teve. Gouveia Filho, Nilton Nogueira. Comecei a ouvir, me interessar e gostar. No ginásio, comecei a me fixar. Fiz um curso de datilografia no Colégio Sete de Setembro. Completando o curso, digo, tenho que seguir um rumo. Queria o rádio. E aí, no dia 1º de março de 1966 fiz um teste na Rádio Bahia com Jaime Farrell, diretor da rádio. Farrell aprovou e me encaminhou pra Pedro Souza, chefe da equipe da Rádio Cultura [do grupo da Rádio Bahia]. Entre as três rádios que faziam esporte em Salvador, a Cultura era a que estava no patamar mais embaixo. Tinha Excelsior e Sociedade brigando em cima. E a Cruzeiro que estava começando a entrar na concorrência.

Por que escolheu a Rádio Bahia?

Porque José Ribeiro Rocha era um radiodifusor que tinha várias emissoras de rádio no Brasil. Aqui na Bahia ele tinha três rádios. Fiquei, a princípio, na Rádio Bahia que era uma espécie de rádio tipo vitrolão. Só tocava música. Me encaminharam pra Pedro Souza na Cultura. Só que, nessa época, o Zé Ribeiro Rocha estava fazendo um contrato com Zé Athayde, que arrendou o espaço da rádio. Os arrendamentos começaram a partir daí. Antes as rádios tinham seus

departamentos comerciais. Com o passar dos anos, a terceirização do rádio chegou e já peguei essa época. Athayde arrendou, fiquei lá como foca no plantão esportivo, informando. Meu início foi aí. Quando Athayde saiu e foi pra Rádio Cruzeiro, em 67, vim trabalhar na Cruzeiro.

Quantos anos você tinha quando fez esse teste na Rádio Cultura?

17 anos e alguma coisa. Foi em 1966. Em maio eu faria os 18 anos. Nessa época, além de Pedro Souza, chefe da equipe esportiva, quem estava na rádio era Virgílio Elísio, Álvaro Martins e outros. Aí Athayde chegou nesse mesmo ano e disse: “Menino, você está fazendo o que aí?”. Eu digo: eu estou aqui focando. Ele: “Fique aí que eu vou lhe aproveitar”. Ele sentiu que eu tinha condições. Fiquei no plantão esportivo. E aí Luiz Carlos Alcoforado, que veio como coordenador da equipe com Athayde, foi quem me encaminhou pro microfone. Até então, eu não falava no microfone. Às vezes eu ia pra [o campo da] Graça, levava um gravador, fazia uma gravação, mas minha voz não aparecia. Aí Luiz Carlos começou a me botar devagarzinho. Fui ficando até que surgiu uma chance pra eu ir trabalhar na Rádio Cultura de Feira de Santana.

Como foi isso?

Entrei, vamos dizer assim, entre aspas, numa aventura. Fui trabalhar na Rádio Cultura de Feira com dois amigos. Resultado: o pessoal da Rádio Sociedade de

Feira me ouviu, e o Edmundo de Carvalho, chefe da equipe, me levou pra trabalhar. Lá você tinha gente do nível de Ed Carlos, o próprio Edmundo de Carvalho, Aguinaldo Souza, Edival Passos, grandes profissionais. Aprendi muito na Sociedade Feira. Lá, num jogo que eu fiz no Joia da Princesa, em 1967 ainda, que foi um ano glorioso pra mim, Genésio Ramos me ouviu e disse: “Menino, você de onde é?”. Eu digo, de Salvador. “Você quer ir pra Rádio Sociedade [de Salvador]?”. Imagine, eu lá, surgiu. A Sociedade era uma espécie de rádio Globo. Só assim vou voltar pra Salvador. Aí voltei pra Rádio Sociedade e entrei na fila dos repórteres. Na época a equipe da Sociedade era Genésio Ramos, Ivan Pedro, Gouvêa Filho, Djalma Costa Lino, Pitágoras Santos, Martinho Lélis, Cristóvão Rodrigues. Eurico Tavares estava chegando. Tinha Cid Jorge, Aloísio Lago, o irmão de Wilson Lago, Carmelito Almeida. Só tinha fera. E aí fiquei lá aprendendo com os caras. Na fila dos repórteres eu era o quinto, o último. E lá já fazendo vestibular e tudo. De repente, um dia, fiz um jogo na Fonte Nova, Galícia e Fluminense, no tempo que ambos eram grandes, botavam 25 mil pessoas no estádio e disputavam o campeonato - como em 68, a decisão do campeonato, Galícia e Fluminense, com um público estimado em 30 e poucas mil pessoas. Então, fiquei lá, disse, poxa, que experiência maravilhosa. Aí alguém da Rádio Excelsior me ouviu, parece que foi Fernando José, e perguntou: “Você quer vir pra Rádio Excelsior?”. Eu era o último da fila dos repórteres, o que fiz? Saltei pra Rádio Excelsior.

Quem foram seus mentores na profissão de radialista?

O primeiro pai radiofônico que eu tive foi Genésio Ramos. O segundo Nilton Nogueira, que eu vim trabalhar na Excelsior, já nos anos 70. Entrei na Rádio Excelsior quando a loteria esportiva tava começando no Brasil. As rádios não tinham condições de mandar equipes pra fazer os jogos de sábado e domingo. E a Rádio Excelsior era considerada uma espécie de globinho do Nordeste. Primeiro pela qualidade do som. Tinha uma equipe espetacular. A equipe era Fernando José, Nogueira, Sílvio Mendes, chegando com todo gás, Oswaldo Júnior. Tinha de repórteres eu, Ênio Carvalho, depois veio Zé Roberto, que hoje é fisioterapeuta, e Pedro César no plantão esportivo. A gente fazia jogos de loteria esportiva, dia de sábado, às vezes, porque as equipes não davam. Quem fazia loteria esportiva eram as grandes rádios, Tupi, Globo, e eles contratavam a gente. Waldir Amaral ligava e dizia: “Ó, vai ter um jogo sábado do Bahia aí contra o Remo. E o jogo tá no teste da loteria”. E nós íamos fazer. Às vezes era jogo isolado, às vezes jogo paralelo.

E por que esse jogo da loteria interessava a Globo?
A loteria esportiva era uma espécie de coqueluche. Virou aquela aposta que todo mundo fazia. E a lo-

teria esportiva, até surgir aquele escândalo da loto, era, vamos dizer, a coisa mais chique que tinha. Nego apostava, eram 13 pontos que a pessoa tinha que fazer. E como sempre vivi interessado no futebol, tinha um controle de grandes campeonatos pelo Brasil. Com essa experiência adquirida na Rádio Sociedade, e depois na Excelsior, e a passagem que tive na Sociedade de Feira, reuni interesse no futebol. Comecei a ganhar *status* de primeiro repórter, e José Athayde me levou pra trabalhar na Rádio Cultura. Armou uma super equipe na época, 73, 74. Mas senti que a rádio talvez não apresentasse o que eu desejava. Fiquei pouco tempo. E Wilson Menezes, segundo ele me disse, não encontrou um substituto dentro do meu nível, embora lá tivessem bons profissionais. Ressalte-se os anos 70, 80, foram muito competitivos no rádio, porque a coisa estava muito dividida. Então Wilson Menezes disse que a rádio sentiu minha falta, os ouvintes falavam sobre minha saída de lá, a ida pra Rádio Cultura e aí ele me trouxe de volta me dando um bom aumento. Nessa época eu trabalhava no jornal A Tarde e estava saindo pra trabalhar na Tribuna da Bahia. Passei também no Jornal da

► Com o escritor e cronista Luis Fernando Veríssimo e o comentarista Armando Oliveira numa das coberturas internacionais.
▼ Repórter de campo, nos anos 70 na Fonte Nova.



▲ Sanmartin e o inseparável radinho de pilha na arquibancada nos anos 60.

► Entrevistando Mário Travaglini, supervisor técnico de Cláudio Coutinho no comando da Seleção Brasileira que disputou a Copa do Mundo de 1978 na Argentina.



▲ Nos estúdios da Rádio Excelsior, emissora onde passou grande parte de sua carreira.



▲ Com grupo de jornalistas brasileiros cobrindo jogo em Londres.

◀ Capa do primeiro livro de Sanmartín, onde registra sua experiência no mundo do futebol.

Bahia. Antes, tinha passado no Diário de Notícias. Fui tocando minha vida até que fiquei na Excelsior esse tempo todo. Foi quando Pedro Irujo comprou a Rádio Sociedade. Não era do ramo, assumiu e contratou profissionais, um deles Alfredo Raimundo. Em 1981 Alfredo mandou fazer uma pesquisa de IBOPE pra ver o profissional, por área, mais ouvido. O locutor ele já tinha: Fernando José. Depois, o repórter era eu. Ele me chamou. O comentarista Armando Oliveira, mas ele já tinha lá Edson Almeida. Com o tempo, levou Armando Oliveira. A essa altura já existia Rádio Clube, que era de França Teixeira. Então, essa vivência, me levou a ter a minha primeira experiência internacional: o Mundialito da Colômbia. Fui pra Bogotá, Cali e fiz os primeiros jogos da Seleção Brasileira fora do país.

Qual foi o primeiro jogo que te marcou?

Com 10 pra 11 anos vi o Vitória ser campeão em 1957, levado por meu irmão. Vi o Vitória meter 4 a 0 no Bahia. Foi muita festa porque o Vitória não ganhava título. O Vitória atravessou a década de 40 sem ganhar título. Por outro lado, uma das maiores frus-

trações que eu tive no futebol foi a derrota da Seleção Brasileira para a Itália por 3 a 2, na Copa da Espanha. Olhe que eu e Armando Oliveira fizemos a Copa do Mundo e saímos do [Estádio] Sarrià com lágrimas nos olhos. Então, vivendo todas essas emoções, fazendo jogo do baiano, de Seleção Brasileira, fazendo eventos de Libertadores. Fiz final de Libertadores, [o jogo do mundial de clubes] Cruzeiro e Bayern de Munique, no Mineirão.

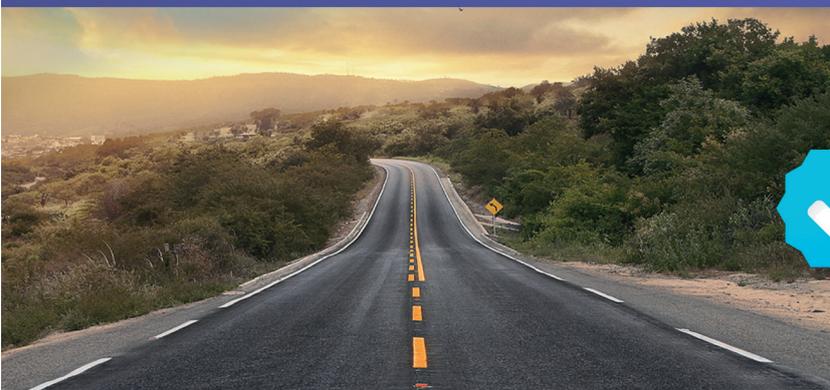
Quando você sentiu ser merecedor de atuação nacional. E quando foi que você viu de colegas seus, “que aquilo não, eu tenho valor, eu não vou me sujeitar a isso”?

A primeira grande experiência em Copa do Mundo foi na Argentina. Fui pra Mar del Plata num pool de emissoras aqui do Nordeste, a de Jornal do Comércio [Pernambuco], Verdes Mares de Fortaleza e Excelsior da Bahia. Fomos eu, Nilton Nogueira e Edson Almeida pela Bahia. Foi uma experiência viver um ambiente de Seleção no meio daquelas feras do Rio e de São Paulo, porque como nordestino, às vezes, o cara lhe olhava atravessado, achava que você estava

RECORDE DE INVESTIMENTO EM EDUCAÇÃO



RECORDE EM ESTRADAS CONSTRUIDAS E RECUPERADAS



RECORDE DE INVESTIMENTO NA AGRICULTURA



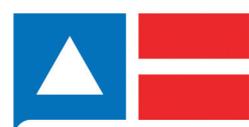
RECORDE DE INVESTIMENTO EM SAÚDE



Não tem pra ninguém: quando o assunto é investimento e trabalho, o Governo do Estado bate todos os recordes. Mesmo com a crise nacional, a Bahia não parou de apoiar os baianos e de construir o futuro. E o resultado você pode ver: na capital e no interior, do sertão ao litoral, as obras e programas do Governo do Estado seguem transformando a vida das pessoas.

Porque na Bahia é assim: aqui tem Governo tamanho G, que cuida de gente.

BAHIA, O MELHOR GOVERNO DO BRASIL.



**GOVERNO
DO ESTADO**

BAHIA *meu* ORGULHO

no submundo do rádio, da imprensa. E eu cheguei lá encarando os caras e entrevistando e dividindo. Claro que, muitas vezes, você teve que entrar numa coletiva e perguntar com os caras. Quando sentiam que você dizia coisa com coisa e perguntava bem, até o próprio jogador, ele lhe tratava muito bem. Outro dia até encontrei [Toninho] Cerezo que mora na Bahia, e estava lembrando a ele na época que ele estava na Villa Marista em 1978, jogando na Seleção Brasileira. Aquela Seleção, porque foi campeão moral também, com o Cláudio Coutinho. Na época, quando a Seleção Brasileira chegou e disputou a Copa da Argentina. Me lembro o que eu fiz, na véspera, no sábado, aquele jogo Brasil e Itália, que o Brasil ganhou de 2 a 1. E que Dino Zoff levou aquele gol de Nelinho, de “curvita”, eu estava lá no estádio de Núñez, em 78.

Como você se sentiu quando viu que não existia essa distância? Então, existe uma discriminação também.

É. Mas tinha um motivo. O rádio baiano, a imprensa baiana eram muito domésticos, não saía pra grandes eventos. Então, em 78, entrando e dividindo direitos de transmissão, tivemos uma presença na Copa do Mundo de um profissional da terra, uma experiência muito boa pra mim. Conheci grandes figuras da imprensa, gente que eu tinha como ídolo, por exemplo, Fiori Gigliotti. Outra figura que eu tinha uma admiração profunda, João Saldanha. O Jorge Curi, Zé Carlos Araújo, Waldir Amaral. Às vezes ficávamos no mesmo hotel, frequentando o mesmo ambiente, vendo treino de Seleção, essa vivência o cara já lhe olhava com respeito. Você não era aquele cara “aparício”, que só ia na hora do jogo fazer e não vivia o ambiente da Seleção.

Você viu alguma postura diferente?

Luizinho, zagueiro da Seleção em 82, foi dar entrevista pra um rapaz de uma rádio do Recife. E Luizinho, monossilábico: “Jogo difícil”. “E você como é que está, vai marcar Paulo Rossi?”. “É um grande atacante”. Numa hora ele parou o gravador e disse: “Você não é obrigado a dar entrevista, se não quiser dar, não dê. Se quiser, eu vou fazer a entrevista”. Aí Luizinho falou pra dedéu e deu a entrevista. Isso acontecia num ambiente de Seleção. Mas com o tempo e pela presença constante das emissoras do Nordeste, a coisa começou a mudar.

Você já botou a boca no trombone sobre um problema que existe no futebol chamado “jabá”. Quando notou, pela primeira vez, que alguns colegas da imprensa recebiam dinheiro pra elogiar ou criticar alguém?

Em todo ambiente existem os bons e os maus. A política esportiva é muito parecida com a política partidária. E, vulgarmente como se diz, o “jabá” rola. É a mesma coisa de dizer: será que tem jogador que não

apronta? Nunca vi ninguém, vamos dizer, conversando com alguém pra amolecer jogo. Mas já vi comportamentos estranhos de jogadores em campo. Principalmente na época do esquema de loteria que nego falava que tinha “zebrão”, mas eu nunca vi ninguém fazer acerto de contas, como também nunca vi clube subornar jogador. Sei que existem várias formas de suborno, através de publicidade, de influência de amigo, de repente tem um conselheiro lá, que gosta do cara e remunera o cara através de uma publicidade, mas não sou publicitário, eu sou jornalista.

Você sofreu ao longo da sua carreira algum tipo de discriminação ou de apartamento porque você não concordava com certas coisas?

Sempre procurei viver minha vida de acordo com o meu padrão. Tenho amigos na mídia, tenho amigos na imprensa e eu, pessoalmente, não construí nenhum inimigo. Porque às vezes o cara não gosta de você. De graça. Sou uma pessoa sincera. Agora, não discrimino nem hostilizo o cara. Posso não gostar de você, mas se você for um profissional de resposta, eu reconheço. Lembro que uma vez fui dirigir uma rádio e tinha um técnico que não gostava de mim. Quando fui conversando com a direção da rádio, digo, quero fulano de tal. “Pô, mas você se dá com ele?”. Sou um profissional e ele é o melhor que eu posso trazer pra aqui. Ele não é obrigado a gostar de mim. Respeito o trabalho dele. Até porque eu preciso de um bom profissional e não tem ninguém melhor no mercado do que ele. Penso assim.

Como foi a sua trajetória, como você quis se posicionar? E qual o jargão que você era conhecido.

Meu caráter foi formado no rádio. Convivi em bons ambientes e fiz grandes amigos. O maior amigo que eu fiz no rádio foi Armando Oliveira. Senti muito a morte dele. Era um companheiro de viagem, havia uma afinidade muito grande. Ele era torcedor do Flamengo, gostava de MPB, bons papos, um cara inteligente, uma figura espetacular, inesquecível. Agora, o que eu me propus a fazer no rádio? Nunca me preocupei em ser melhor, embora tenha ganhado prêmios nacionais, ganhei “microfone de ouro”, “bola de ouro”. Tive premiações locais, nunca quis ser top de linha. Os resultados vieram. Não ficava buscando rivalidade com esse ou aquele. Não, eu vendia o meu peixe. Quem julgava o meu trabalho era o público. E o maior atestado que eu tenho é um atestado dado pelo IBOPE, quando fui contratado pela rádio Sociedade, Alfredo Raimundo mandou fazer uma pesquisa e eu fui lembrado como repórter mais ouvido da Bahia. Eu era conhecido como Super San. E mais tarde, fui chamado de “enciclopédia do rádio”. Meu primeiro livro foi, “Esse Fantástico Mundo da Bola”, e estou planejando fazer outro, até porque no 1º de março de 2022 completei 56 anos de imprensa. ■

*Lua cheia, música boa
e vista privilegiada*

SÉRIE



Temporada 2022

De maio a dezembro,
no Auditório Samuel Celestino.

PROGRAMAÇÃO:

- 18/05 - Mario Ulloa
- 15/06 - Quinteto de Sopros da UFBA
- 13/07 - Duo SaCramento
(Aquim Sacramento e Érica Sá)
- 17/08 - Apresentação surpresa
(celebração dos 92 anos da ABI)
- 14/09 - Quarteto de Flautas da Bahia
- 11/10 - Duo Cello e Violão
(Suzana Kato e Diego Esteves)
- 09/11 - Orquestra de Violões da UFBA
- 07/12 - Concerto de Natal, Madrigal da UFBA
e convidados

Foto: Paula Fróes



Associação
Bahiana de
Imprensa



Escola de
Música da
UFBA



FOTO: VALBER CARVALHO / DIVULGAÇÃO

Aos 14 anos, sozinho, com a cara e a coragem, o garoto José de Athayde Costa, que nasceu 15 de março de 1934, no município de Santa Inês, pegou um trem em Mata de São João – onde sua família fixou residência – e soltou na Estação da Calçada em Salvador. O ano: 1948. Zé Athayde precisava ouvir de algum radialista se tinha vocação para ser narrador de futebol, o que fazia de brincadeira, imitando seus ídolos das emissoras da época em jogos imaginários, quando tomava banho. Não conhecia a capital baiana, mas convenceu um motorista de táxi a levá-lo da Calçada até a Rádio Excelsior na Praça da Sé. Fez o teste no estúdio e, no mesmo dia, foi colocado para narrar os dez minutos finais de uma par-

tida de seleções estaduais no Campo da Graça. Seu vozeirão encantou aos ouvintes e colegas. Nessa aventura, já na Rádio Sociedade da Bahia mas servindo ao Exército, foi mandado ao Rio de Janeiro narrar dois jogos da Seleção Brasileira nas eliminatórias da Copa de 1950. Voltou preso porque o general não havia autorizado a viagem. Depois de servir, entrou definitivamente nas ondas do rádio para nunca mais sair. E inovou ao arrendar horário nas emissoras para apresentar suas resenhas esportivas ou mesmo a transmissão de jogos. Zé Athayde passou pelas principais emissoras de rádio da Bahia e só não seguiu carreira no Rio de Janeiro por detalhes que conta neste depoimento ao repórter Valber Carvalho.

Passei a ser o primeiro *arrendatário* *de esporte* no rádio brasileiro

Você sempre teve esse vozeirão ou foi algo que, durante a profissão, você foi especializando?

Quando tinha por volta de 10, 12 anos, gostava de ir no banheiro ficar repetindo essas palavras: [entonação de narração] “PRG 2 Tupi, Rio de Janeiro, Brasil. Passa a falar diretamente do estádio de São Januário, numa gentileza de Brahma Chopp, a número 1. Bradesco, o seu banco”. Meus pais, Péricles, farmacêutico, e Mariah, diretora de escola, ficavam dizendo um pro outro: “O menino vai dar pra negócio de rádio”.

Como foi sua trajetória? De menino você começou a ingressar no rádio...

Os amigos de meu pai, os fregueses da farmácia dele, começaram a me incentivar que eu deveria fazer um teste, mas eu nunca tinha ido a Salvador. E, aos 14 anos, 4 horas da manhã acordei, não falei nada com os meus pais, peguei o trem para Salvador, sem ter acertado nada com ninguém, para tirar as conclusões se eu teria ou não, possibilidades de ser um locutor esportivo. O chefe da estação, senhor Deiró, quando me viu naquela hora perguntou: “José, está fazendo o que aqui agora?” Disse: vim esperar um parente meu que veio de Alagoinhas. Porque se eu dissesse que viria pra Salvador, naturalmente

telefonaria para os meus pais. Entrei no trem quietinho, fiquei sentado, vim abaixinho, não tinha dinheiro pra passagem. Ninguém me cobrou nada. Desembarcando na [Estação da] Calçada, o grande drama: como chegaria à Rádio Excelsior se não tinha um centavo nem pra ônibus, muito menos pra táxi? Procurei um carro de praça que estava parado. E nesse carro estava um cidadão chamado Joel, motorista. Com muita tranquilidade conversei com ele e contei o que é que desejava. Queria que me levasse na Excelsior. “Ah pois não, vou te levar”. Digo: ah, Deus lhe pague. Chegando lá, procurei saber que era o diretor. Alfredo Gomes. “O que é, meu filho, que você quer? Ô “seo” Alfredo, eu vim aqui... E contei mais ou menos o que queria tirar uma dúvida, se daria ou não pra locutor.

Ele aceitou?

Disse: “Olha, a equipe está completa”. Mas eu queria que o senhor tirasse uma dúvida com os seus conhecimentos. Ele fez: “Vou ficar aqui ainda mais ou menos uma hora e meia. Você quer esperar?” Espero. Quando ele vai saindo gritei: seo Alfredo por favor. “Ah, desculpe. Venha cá. sente-se aqui”. Na primeira fila do palco, aqueles microfones grandes, dupla



face: “Suba aí e transmita um jogo, crie um jogo entre Flamengo e Vasco”. Narrei dois minutos e concluí com um gol do Mengão! Tudo isso, aprendendo através dos próprios narradores. Encerrei o jogo. Ele fez: “Não. O jogo narrado por você, o Vasco não vai perder, não. Então, você vai voltar e arrumar um empate”. Eu narrei. Ele se vira e diz: “Nasceu um ídolo, a Bahia está vendo nascer um fenômeno”. Chamou as pessoas que estavam na rádio pra ouvir outro trechinho. Bom, e aí, ele me disse: “Hoje - era um dia de quarta-feira - tem um jogo pelo Campeonato Brasileiro de Amadores. Vão jogar Bahia e Rio Grande do Norte. E eu queria lhe dar essa oportunidade. Você vai narrar os últimos dez minutos dessa partida”. Eu digo, mas “seo” Alfredo, eu estou aqui, meus pais não sabem. Ele: “O que, menino? Você fugiu?”. Eu digo, fugi. Como eu contei ao senhor. Meus pais não sabem. Ele: “Não, mas agora eles têm que saber porque essa é sua grande oportunidade”. Aí me pegou no carro dele, e me levou na Calçada. Lá ligou o telefone e falou com o chefe do trem, seu Deiró: “Avisa seu Péricles e a dona Mariah que o filho dele, José Athayde vai transmitir hoje os dez minutos finais do jogo entre Rio Grande do Norte e Bahia”. Meu pai saiu gritando para o povo de Mata de São João: “José está na rádio! José está na rádio! José está na rádio!”

Mata de São João ou Santo Antônio de Jesus?

Santo Antônio de Jesus foi onde nasci. Depois fui pra Mata de São João. Bom, fui transmitir esses minutos finais. No momento, quem narrava era Harold Pessoa, o bambambã. Quando Alfredo Gomes, que também era o comentarista, disse que eu iria assumir o microfone, Harold Pessoa olhou pra ele e fez: “Você está maluco? Botar um menino pra narrar futebol?”

Foi avisado na hora?

Na hora! O campo da Graça tinha aquela iluminação tipo boate. E aí a seleção baiana estava empatada quando Marito, avança, arremata de fora da área. E eu me abri: gol da Bahia! Aí os assistentes estavam assistindo à partida, a cabine da Excelsior era no

Todos os dias eu saia da Lapinha ia pra Praça da Sé à pé e voltava, pra fazer o programa “Instantâneos Desportivos”

meio do povo, olharam pra cima assim... e eu tinha me equivocado. Esse foi o momento mais difícil. Eu não perdi a estribeira. “Senhoras e senhores, me desculpem. Essa é a primeira vez que eu estou narrando o futebol, nunca entrei no estádio, principalmente à noite, houve um equívoco, a bola bateu na rede pelo lado de fora. Me desculpem”. E aí os espectadores bateram palmas. No fim do jogo perguntei ao senhor Alfredo como eu iria voltar pra casa: “Você vai dormir nos transmissores da rádio”. Dormi nos transmissores e, no dia seguinte, 7 horas da manhã, acordamos, ele me pegou pelo braço e disse: “Agora é que está a grande batalha”. Que grande batalha? “Vou lhe apresentar ao diretor-presidente da Rádio Excelsior, Cleto Amaro Araponga”.

Sim.

“Vai depender do que ele disser. É um homem de meias palavras ou de poucas palavras, e você tem que resumir tudo”. Entramos no gabinete dele. “Pois não”. Aí Alfredo disse: “Eu vim trazer esse rapaz aqui, que eu vejo nele grande potencial, fez um teste maravilhoso”. “Teste pra que Alfredo?”, perguntou o Cleto. Falou: “Para a tua equipe de esportes”. Ele falou: “Não, eu não quero mais ninguém no esporte. O esporte já está completo com Harold Pessoa”. E o Alfredo começou a dizer que eu era uma sumidade, que eu era um espetáculo, que eu tinha uma voz linda, que isso, que aquilo. “Vou lhe contratar por três meses. Não lhe pago um centavo, e você tem que cumprir todas as exigências da rádio”. Fui morar com um tio, no corredor da Lapinha. Todos os dias eu saia da Lapinha ia pra Praça da Sé à pé e voltava, pra fazer o programa “Instantâneos Desportivos”, a resenha eu apresentava naquela ocasião. Este foi o começo de tudo.

Qual foi a reação de seu pai depois de narrar o primeiro jogo?

Saiu gritando pra todo mundo: “O Zé tá na rádio! O Zé tá na rádio! O Zé tá na rádio!”. Ocupou o serviço de som de Mata de São João pra anunciar. E foi um delírio. Na minha volta fui recebido de braços abertos com grande ovação. E aí foi o início de uma coisa sensacional que seguiu por todas as emissoras da Bahia, que seguiu por coisas espetaculares porque, no rádio eu só não fiz ligar as carrapetas. Mas apresentei programa de auditório, apresentei Gregório Barros, apresentei Ângela Maria, apresentei Carnaval nos Bairros, fiz tudo no rádio. E fui até ator de novela... fui o doutor Albertinho Limonta, na novela Direito de Nascer.

A partir de então, Athayde, você começa a trabalhar na Excelsior.

Entrei na Excelsior, aos 14 anos, sem ganhar nada mas só levei três meses. Ocorre que dois cantores da Rádio Sociedade da Bahia Valter Levita e Roberto Santos ouviram num bar a minha narrativa. E no dia seguinte Pacheco Filho, me telefonou: “Rapaz. A turma está assombrada com as suas perspectivas no rádio”. Marcamos na Rádio Sociedade e, chegando lá, Everton Visco diretor-geral da rádio me fez uma proposta, para que eu fosse trabalhar lá. Eu disse a eles: olha, tenho um contrato de boca, com a Rádio Excelsior e eu vou ter de comunicar a eles. Então comuniquei. E fui trabalhar na Rádio Sociedade da Bahia.

E como é que foi a reação da Excelsior quando você disse que ia sair?

A reação da foi violenta. Porque nesse intervalo de três meses de rádio Excelsior, entrou o novo diretor. Diretor comercial chamado Wilson Alves de Menezes. E ele ficou muito sentido quando eu disse a ele que tinha recebido essa oferta. Ele me dirigiu alguns improperios. “Ah, você é muito ingrato”, não sei o que, não sei o que, não sei o que.

Mas ninguém falou em dinheiro...

Cleto me ofereceu 2 mil mensais na Excelsior. E eu não fui direto para a Sociedade em função dessa oferta. Fui quinze dias após. E me integrei a equipe da Rádio Sociedade da Bahia, que tinha entre outros Ubaldo Cância de Carvalho e um camarada que se notabilizou, por estar presente - esse é um detalhe -, em todos os funerais da Bahia, chamado Fernando Pedreira. Era diretor de rádio teatro. Ficava lendo os jornais pra ver quem morreu. E fazia um discurso, sem nunca ter visto ou ouvido falar da pessoa que tinha morrido. E levava todo mundo às lágrimas. Quem morreu? Fulano. Ele aí fazia um discurso e botava todo mundo pra chorar.

Aí já é 1950.

É. Fui servir o Exército. E a rádio me escalou para transmitir um jogo da Copa do Mundo no Maracanã, entre Brasil e Paraguai. Eliminatórias. Procurei o meu coronel, chamado Pitaluga. Ele falou: “O general vai achar ótimo. Isso representa, soldado, uma grande galhardia para a Polícia do Exército. A PE tendo um locutor transmitindo do Maracanã. Vamos agora falar com o general. Vou pedir permissão”. O general estava sentado na cadeira quando o coronel me apresentou. Eu: “Dá licença, excelência. Soldado 378, José de Athayde Costa pede permissão pra se ausentar com destino ao Rio de Janeiro, onde vai transmitir o jogo Brasil e Paraguai e, depois, Brasil e Uruguai”. Ele aí olhou assim... olhou pro coronel, aí perguntou: “Quantos dias?” Eu disse: oito dias. Ele fez: “Permissão concedida. Mas volte aqui sexta-feira”. Fiquei contente. Mas depois mudou de ideia: “coronel, recolha o praça ao alojamento. O praça não é locutor de rádio, é soldado do glorioso Exército de Caxias”. Coronel tentou amainar... “Mas general...”. “Coronel recolha o praça ao alojamento”. Eu chorava copiosamente. Todos os meus planos por água abaixo. Eu não quis almoçar, me deitei. Quando estou dormindo, umas 4 horas da tarde, ouvi aquele



negócio: “Sentido”. Era o tenente Godói, que tinha ido com o coronel. “Não vi nada, não sei de nada e nem quero saber!”. Aí o sargento Evilásio: “Rapaz, o homem está mandando você se picar, porra”. Não é possível. “Rapaz, se pique agora”. Com a roupa do corpo, a velha farda, fui pro aeroporto. Sem nunca ter visto o Rio de Janeiro.

E no Rio?

Fui pro Maracanã transmitir pela Rádio Sociedade da Bahia, em cima de um caixão de cerveja, que não tinha cabine. No dia seguinte, fui tentar entrar na Rádio Tupi e lá o Oduvaldo Cozzi diz que vai pedir minha liberação da Sociedade. Depois, manda me chamar. “Seo’ José, olha esse telegrama. ‘Impossível concordar com a saída nosso grande locutor esportivo José Athayde. Façam o possível para impedir não só a entrada na Tupi como em outra qualquer emissora. Exigimos a volta dele de imediato’”. Procurei outras emissoras no Rio. Todas as portas fechadas. Perguntei ao tenente Godói, o que é que poderia acontecer se eu não voltar. Ele disse: “Nem pense nisso. Você vai passar a desertor. Vi estragar toda a sua vida”. Fui transmitir o segundo jogo. Brasil e Uruguai. Quando encerrei a transmissão ouço aquela pá! Quando eu me viro, a patrulha mista: “O senhor José Athayde de Souza está preso por ordem do comandante da 6ª Região Militar, general Nilo Horácio de Oliveira Sucupira”. Cheguei em Salvador, 4 horas da manhã, arrasado e logo fui me deitar. As 6 horas tinha que responder a revista. O general foi fazer: “Filho da puta! Você enganou seu general! Está preso! Vou lhe recolher ao Forte do Barbalho!”. No oitavo dia da prisão, o general foi transferido e eu obtive a liberdade. Aí tive que cumprir o período [no Exército], sai um ano depois, em 1951.

Daí você de volta para a rádio e se tornou um empresário.

Silvio Santos, tinha aparecido na Globo, apresentando programas. Ele comprava o horário, não era funcionário da Globo. Eu digo, puxa... Será que eu não posso fazer isso no rádio? Comprar o tempo? E aí fui mordido pela mosca azul.

Isso mais ou menos que ano, 1956? Tinha um empresário chamado José Ribeiro Rocha, tinha setenta e tantas emissoras no Brasil das quais quarenta e poucos no interior de Minas Gerais. E era diretor da Rádio Cultura da Bahia.

Recém-inaugurada. Eu o procurei: doutor Rocha, eu tenho uma proposta pra fazer ao senhor. Quero comprar o seu tempo. Ele fez: “Como? O que é isso?”. Digo, quero arrendar o seu tempo. O senhor tem uma resenha esportiva onde o senhor tem custos de Embatel, tem custos de pessoal, tem custos de equipamento. Eu assumo tudo, e lhe pago X pelo seu tempo. Vou criar um programa chamado Calçados Ferreira.

Era o meu patrocinador. E ocupo o seu tempo e o seu dinheiro sai limpo. Assumo todas as despesas. “Isso dá certo?” Eu digo dá com certeza, vamos fazer uma tentativa. Fechamos por mil cruzeiros.

Foi um marco

E aí José Athayde passou a ser o primeiro arrendatário de esportes do Brasil. Todas as transmissões esportivas eram feitas por mim, pagas por mim. Passagens pagas por mim, mas o dinheiro da rádio separado. Se eu vendesse quatro mil, era meu, tirando o da rádio. E aí, contratava um locutor, chamava ele e dizia: você vai ser meu vendedor. Eu não assino carteira de ninguém. E isso é feito hoje na maioria totalizada de todos os arrendatários de tempo no rádio baiano.

Silvio Santos, tinha aparecido na Globo, apresentando programas. Ele comprava o horário, não era funcionário da Globo. Eu digo, puxa... Será que eu não posso fazer isso no rádio?

Você entra nesse mundo da bola como empresário em 1956.

Bom, o primeiro nome que eu usei no rádio foi “Calçados Ferreira nos Esportes”. Depois, achei que não soava muito bom e a Rádio Nacional tinha um programa chamado “No Mundo da Bola”. Aí eu cheguei à conclusão de que “Bom dia, Bola” seria um nome excepcional. Voltei a comprar mais tempo do seu José Ribeiro Rocha. 12 às 13. “Boa tarde Bola” e depois “Boa noite Bola”. E fiquei navegando com esses programas. Posteriormente, voltei a comprar as tardes esportivas. A transmissão do futebol em si. Coisa que ainda não tinha tratado. E começou a trajetória da Rádio Cultura. Depois voltei pra Excelsior. De lá fui trabalhar com Deraldo Mota na Rádio Cruzeiro. De Deraldo Mota eu fui trabalhar na Rádio Bahia, ainda com Deraldo. Voltei pra dirigir a Rádio Cultura. Depois fui trabalhar com Marcos Medrado na Salvador FM, depois fui trabalhar com França Teixeira na Rádio Clube, depois Educadora.

Desde quando você está no Metrôpole?

Mais ou menos 2012, depois de várias tentativas, fui trabalhar na Rádio Metrôpole a convite de Chico Kertész. E fui trabalhar de 5 da manhã às 6, já fazendo “Bom dia Bola”. Depois passou de 6 para as 7. Hoje só tenho um programa aos domingos, chamado “Boa Tarde Bola”, que é das 12 às 13 horas. ■

Quanto mais cedo o adversário for conhecido, maior a chance de vencer a luta.

Identificar os primeiros sinais do câncer é uma forma eficaz de combater e vencer a doença, nas suas mais diversas formas. No Dia Mundial de Combate ao Câncer, o GACC-BA reafirma o seu compromisso de apoiar crianças e adolescentes, oferecendo orientação, acolhimento e muito carinho.

rocha

MELHORES
ONGS
2021

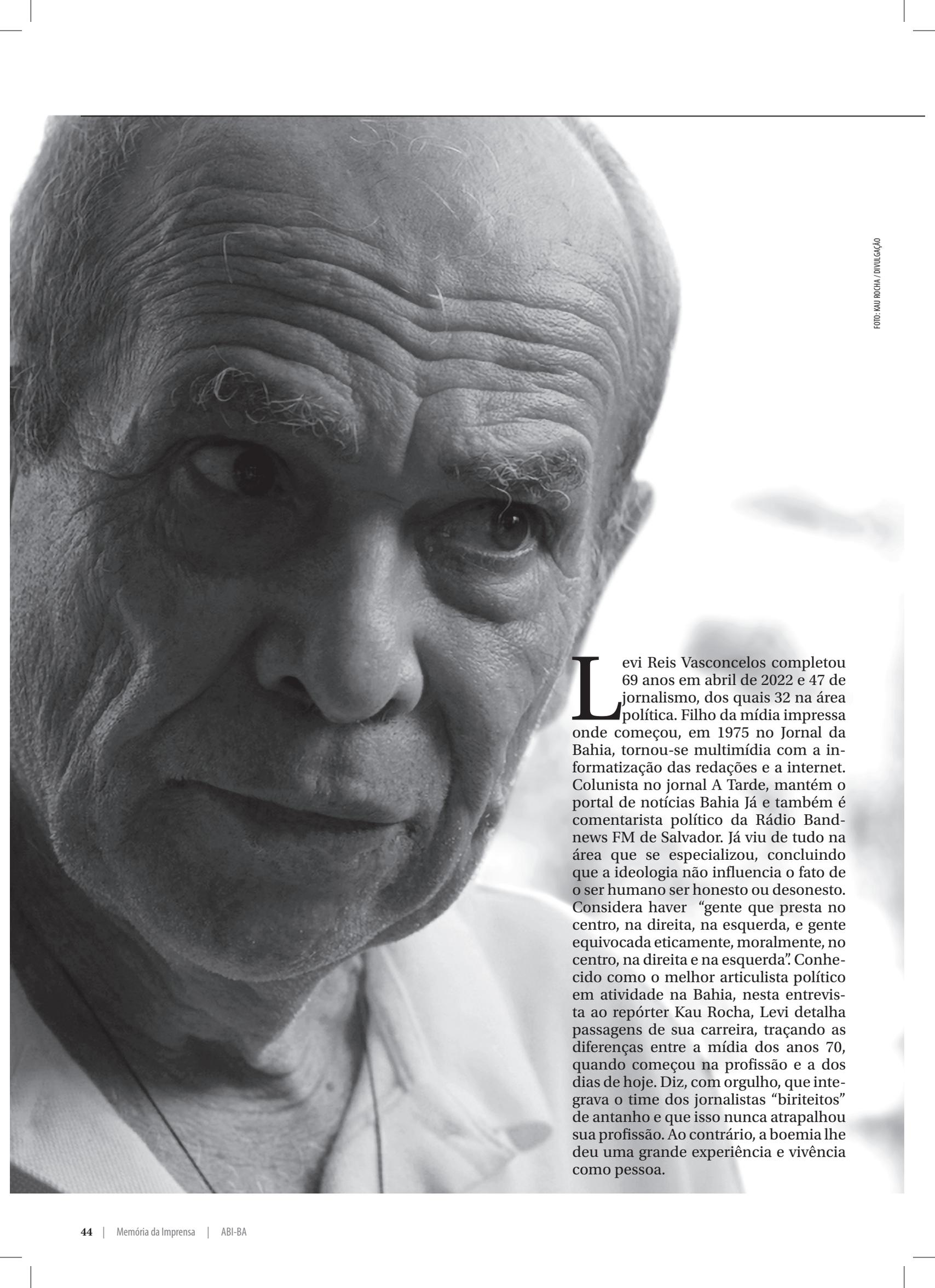
HEBERT CONCEIÇÃO
CAMPEÃO OLÍMPICO DE BOXE

Seja um apoiador:

gaccbahia.org.br



GRUPO DE APOIO
À CRIANÇA
COM CÂNCER - BAHIA®



Levi Reis Vasconcelos completou 69 anos em abril de 2022 e 47 de jornalismo, dos quais 32 na área política. Filho da mídia impressa onde começou, em 1975 no Jornal da Bahia, tornou-se multimídia com a informatização das redações e a internet. Colunista no jornal A Tarde, mantém o portal de notícias Bahia Já e também é comentarista político da Rádio Bandnews FM de Salvador. Já viu de tudo na área que se especializou, concluindo que a ideologia não influencia o fato de o ser humano ser honesto ou desonesto. Considera haver “gente que presta no centro, na direita, na esquerda, e gente equivocada eticamente, moralmente, no centro, na direita e na esquerda”. Conhecido como o melhor articulista político em atividade na Bahia, nesta entrevista ao repórter Kau Rocha, Levi detalha passagens de sua carreira, traçando as diferenças entre a mídia dos anos 70, quando começou na profissão e a dos dias de hoje. Diz, com orgulho, que integrava o time dos jornalistas “biriteiros” de antanho e que isso nunca atrapalhou sua profissão. Ao contrário, a boemia lhe deu uma grande experiência e vivência como pessoa.

‘Não é a ideologia que faz a honradez’

Como foi seu começo no jornalismo

Passei minha infância em Valença, sempre fazendo jornais do interior, impressos no mimeógrafo. Na escola fazia um jornal chamado Grilo. Depois, na cidade, participei de vários outros com alguns companheiros como A Folha da Cidade. Em 1975, reunimos uma turma de valencianos para fazer vestibular em Salvador. Passei logo de cara.

Uma tradição na década de 70, era você entrar na faculdade e já ir pro jornal, você começa quando, efetivamente?

Em 1975, exato. Entrei na universidade e fui logo no Jornal da Bahia pedir emprego. Me mandaram fazer um teste, escrever alguma coisa e tal e eu comecei fazendo esporte amador. Pulei pra editoria de Interior. Depois fui ser editor de Interior. Passei um tempo no Jornal da Bahia e fui pra Tribuna da Bahia. Lá comecei a me conectar com o universo da política. Fiz 69 anos dia 29 de abril de 2022 e tenho 47 como jornalista. E desses 47, seguramente 32 convivendo no meio da política, de centro, de direita, de esquerda, percebendo com absoluta clareza uma coisa que ficou muito nítido: você tem gente que presta no centro, na direita, na esquerda, e gente equivocada

eticamente, moralmente, no centro, na direita e na esquerda. Não é a ideologia que faz a honradez. O problema é quando você quer formar a maioria, você quer se eleger, o bom é quem está do seu lado, é santo. Quem tá do outro lado é o diabo, quem muda de lá pra cá é regenerado e quem muda de cá pra lá é degenerado. Esse é o jogo que se pratica, principalmente, no interior onde ela [a política] se expõe com mais efervescência. Mas, nessa vivência como jornalista, você fica no meio coletando os vários pontos de vista pra formar um juízo de valor. Isso me ensinou a prática no jornalismo da política, que é o que eu mais gosto.

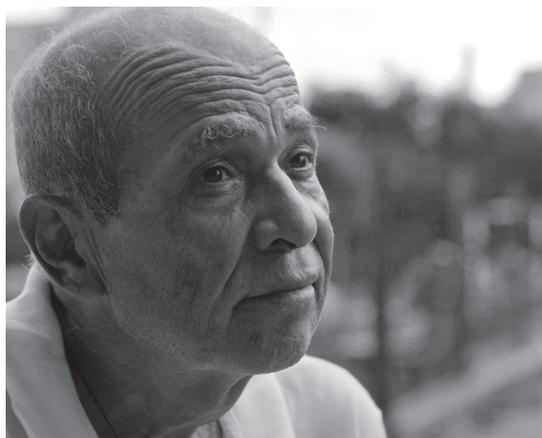
Como é que se deu sua experiência enquanto político, porque você teve uma vivência como político, certo?

Quando eu era jovem, ainda estava no Jornal da Bahia, tinha acabado de me formar jornalista, resolvi me candidatar a vereador em Valença. E ganhei. Foi em 1982. Seria um mandato de quatro anos. No meio do mandato prorrogaram mais dois anos, pra 88, pra desincompatibilizar as eleições. Eu pensava que tinha perdido seis anos de minha vida. Mas não. Ganhei lições sábias. A primeira é que eu gosto, ado-

rava política, mas fiquei logo sabendo, com absoluta clareza: ou você tem dinheiro no bolso ou ia se corromper. Eu aí caí fora. Não tinha dinheiro pra comprar. Se eu quisesse ser candidato a prefeito, ia ter que fazer compromissos escusos pra formar capital e cumprir. Eu digo, “tchau, bambino”. Por isso achei que estava cometendo um equívoco grande, que perdi um tempo, mas não é, não. Isso me serviu de lição pra eu aprender que o jogo é outro e como é que os outros funcionam, até quando você vê alguém arrostando uma moral, bem acima da média sobre o outro, eu digo: é um caso pra apuração. De onde é que ele tirou o dinheiro? Esse é o xis da questão e, até hoje, essa coisa tem uma importância significativa. Nós estamos aqui em 2022, “seo” Otto Alencar me disse não queria, nunca pensou em ser candidato ao Governo do Estado, porque em setembro de 2022 ele completa 75 anos de idade e não está a fim de passar uma velhice endividada.

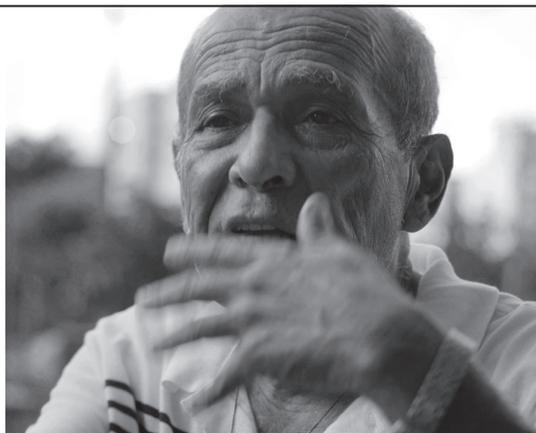
Quais as diferenças dos jornais de 1975 pra hoje?

Naquela época a mídia impressa tinha uma força muito grande. E a grande mídia impressa daqui era o jornal A Tarde, com um poder estupendo. Militei no Jornal da Bahia por quase dez anos. Depois fui pra Tribuna da Bahia e de lá, finalmente, pra o A Tarde. Lá aconteceu um episódio que eu considero um marco da decadência do jornalismo impresso.



Qual?

Em fevereiro de 2007, o senhor Jaques Wagner tinha um mês que estava governando a Bahia e resolveu ir pra Lisboa, captando recurso pra Bahia. Eu chego pra chefia de reportagem, que era Eliezer Varjão e digo, Varjão, o cara tem um mês do governo, vai pra Europa bora ver o que ele vai fazer lá. Falei isso 10 horas da manhã. Ele me perguntou: “seu passaporte está em dia?”. Tá. Ele aí: “Tudo bem, pode se organizar pra ir”. 3 horas da tarde estava em minha mão uma passagem de ida de volta pra Lisboa e 15 mil euros pra eu passar lá uma semana, acompanhando



FOTOS: KAU ROCHA / DIVULGAÇÃO

Se eu quisesse ser candidato a prefeito, ia ter que fazer compromissos escusos pra formar capital e cumprir. Eu digo, “tchau, bambino.”

Wagner. No ano seguinte, em Jussiape, na Chapada Diamantina, foi eleito prefeito um cidadão chamado Wagner Freitas, um marginal que havia acabado de cumprir oito anos de pena no Carandiru, acusado de tráfico de droga, formação de quadrilha e o escambau. E esse cara ganhou a eleição de um médico. E eu quis ir lá fazer a reportagem. Não teve dinheiro já pra ir a Jussiape.

No auge da ditadura militar você laborava num jornal de oposição, do comunista João Falcão. Como sentia os acontecimentos?

No Jornal da Bahia você tinha um aconchego para os perseguidos da ditadura. O jornalista, hoje escritor, Emiliano José, que trabalhou no Jornal da Bahia nessa época cansa de dizer isso. João Falcão, ele dizia, já tinha um inimigo de bom tamanho, que era Antônio Carlos Magalhães, por isso não fazia nenhuma questão de brigar com a ditadura. Mas em compensação, abriu a sua redação pra receber Emiliano, Dalton Godinho, José Carlos Prata, Oldack Miranda, essa galera toda que tinha acabado de sair das prisões. Foi um tempo bom. Tinha um colega chamado Zé Maria, um negão, bem magrinho, tomava uma cana retada, todo dia chegava bêbado e: “Levi, corno! L.A., filho da puta! Gilson, viado!” Um dia, um dos colegas nossos, - que eu não vou citar o nome porque está vivo e quem é da época conhece - mas tinha fama de trambiqueiro, virou assim e disse: “Ô Zé, por que você sempre me trata com a deferência especial?” Zé Maria: “Ô fulano! Caia fora! Que essa onda aqui não é areia pro seu bico! Eu só chamo de corno, viado e filho da puta gente que eu respeito muito!” [risos].

João Falcão lhe chamou para escrever o livro sobre o Jornal da Bahia.

Primeiro chamou o Marcelo Simões, mas ele não

pode por algum motivo e me passou a bola. “Aqui, doutor João, Levi leva bem, tal, pá, pá...” E eu acabei sendo o subscritor do livro de João Falcão “Não deixe esta chama se apagar”. Falcão tinha aquele monte de orçamento que agregou ao livro, aqueles negócios que deram prejuízo e tal. Eu digo, olha doutor João, faz o seguinte, o senhor é empresário e eu jornalista, vou lhe entrevistar sobre isso aqui. E o que você disser a gente faz um texto corrido. Por exemplo, quanto é que o jornal devia? Quanto é que foi tomado empréstimo? E aí a gente fez um belo trabalho. Tanto que a mulher de João Falcão, pra dar um depoimento sobre o irmão dela, Lourival Batista, disse: “Só dou depoimento se o jornalista for Levi Vasconcelos”. Eu fiquei numa alegria enorme.



Você se recorda da censura no Jornal da Bahia desse período?

Não tinha muito esse tipo de coisa. João Falcão uma vez fez lá uma reunião de editores. “Eu queria saber se entre os senhores aí tem algum maluco pensando que eu ainda sou comunista”. Aí Oldack Miranda, que era editor de Economia, deu uma gargalhada. Aí ele: “Qual foi a graça, seo Oldack?” Oldack disse: “Pra acreditar num negócio desse, só se for maluco mesmo” [risos]. E ele levou de boa. Ouça bem, o que ele me disse, quando fui fazer o livro dele, foi que ele não queria briga com a ditadura porque já tinha uma briga de bom tamanho, e que se sentia muito confortável em abrir as portas da redação pra amparar ex-preso político que não tinha onde se colocar no mercado. Ele diz: “eu vou brigar com a ditadura, se já tenho aqui como inimigo o ACM, Antônio Carlos Magalhães? É suicídio”. Então, não tinha esse tipo de pressão, não, porque ele convivia bem com os generais.

Quais as suas referências tanto de professores como de colegas na Facom?

[Antonio] Loureiro, Antônio Dias, Florivaldo Mattos, Fernando Rocha, Heloísa Gerbasi Sampaio, Otto

Jambeiro, deram lições assim maravilhosas, principalmente de se ajustar a cabeça, do ponto de vista ético e técnico. Por exemplo, Loureiro um dia chega falando que jornalista não trabalha com a verdade. A verdade é ferramenta pra você entender a situação, pra satisfação do interesse maior que é o interesse público. Ele: “A polícia está tentando desvendar um sequestro, a gente acompanhando o passo a passo da polícia. Qual é o interesse público que tem de dizer o passo a passo da polícia?”. Fazer o jogo do bandido, ensinar ele a driblar a polícia, né? Então é verdade que não convém dizer. Aí Loureiro dizia assim: “Digam o que é que faria um grande jornalista, como vocês serão um dia, se você ou um parente próximo seu, acertar sozinho na loteria esportiva?”. Aí ficou a sala toda em silêncio. Ele virou e disse: “Não sei se por ineficiência ou excelência, acertaram. A resposta é essa mesma. Silêncio, bico calado, quanto mais abafar o caso, melhor” [risos]. Por quê? Se você diz eu ganhei na loteria, tá milionário, vai chamar bandido pra cima de você, sua vida em vez de se alegrar vai virar um inferno. Tinha lições com essa sabedoria que passavam com absoluta clareza, que esculhambar pessoas é coisa de moleque, vagabundo. Jornalista tinha que buscar a informação referenciada e acreditada. O próprio Loureiro dizia: “Você só estará apto a exercer o sagrado direito da crítica no dia que aprender a elogiar e convencer. No dia que elogiar, ninguém disser que você é puxa-saco, baba-ovo, que você está recebendo propinas, nesse dia se atingirá a maturidade. E atingirá a excelência no dia que alguém pegar o seu elogio e usar como referência”.

Falando em lições, o jornalista nesse período, aprendia muitas lições na boemia. Como é que você vê a interferência da boemia nessa sua formação?

Total! Eu comecei ali no Jornal da Bahia [Na Barroquinha], rodeado de barzinho por tudo quanto é lado, na Ladeira da Praça, no Centro Histórico. Tinha o barzinho de Manezinho, aquela área da Ladeira da Montanha. Caía pra dentro e me sentia muito feliz e resolvido com isso. Não atrapalhou minha carreira em absolutamente nada. Hoje eu tenho é saudade. Essa fama de biriteiro, quando fui trabalhar no jornal A Tarde, me acompanhou. E lá Eliezer Varjão, que era o chefe: “Você olhe como é que você vai andar e tal”. Eu me policiava muito, mas tive uma recaída da pesada. Tomei todas e era pra fazer uma viagem no dia seguinte pra Senhor do Bonfim. Cheguei lá cheio do pau. Falei: “Ô Varjão, vim aqui lhe dizer que não tenho condição de viajar hoje”. Ele fez: “Eu estou vendo. E o que é que você ainda veio fazer aqui?”. Vim lhe dizer que fui irresponsável. Assumo todas as consequências do meu ato, mas não estou doente, não. Vou pra casa, durmo, acordo e saio bom. “Tchau, amanhã a gente conversa”. Ao invés dele se

retar - pensei que no dia seguinte ia ser demitido - me chamou dizendo que fui irresponsável mesmo. Mas adorou a sinceridade. E a partir daí a gente começou a bater uma bola legal.

Agora, como é que você diferencia essa vivência do repórter e do articulista?

O próprio jornalismo do dia a dia tem duas configurações, duas formas de atuação. Todas duas muito importantes. Tem a galera que vai pro *front* buscar notícia, tem a galera que fica na retaguarda aprontando a boneca, no impresso, no áudio, na imagem, fica editando. Todos dois têm um papel. Já fiz os dois, e sinceramente eu gosto mais de ir pro *front*, da turma que vai buscar informação.

Qual lição que lhe ocorreu, que você acha que cometeu infantilidade?

Uma vez o pessoal do Clube Inglês acertou na loteria e eu publiquei. Eu me arrependo amargamente disso. Causou muito transtorno. Cometi um pênalti horrível. Aprendi também, com isso, a pedir desculpa. Quem trabalha com a informação séria, pisou na bola, errou, vai lá no mesmo lugar, e: "me desculpa". Você tem o direito de errar, só não tem o direito de errar deliberadamente. Muito menos a serviço de interesse secundário. Você não pode errar nem por suas emoções nem por interesses escusos. Jornalista que se respeita, trabalha com a informação, trabalha no veículo, o veículo sofre algum tipo de interferência, algum tipo de pressão e tal.

Como é o relacionamento com as fontes. Já lhe botaram em esparro?

Não, porque eu sempre tive cuidado com aquele negócio, isso a gente aprendeu na faculdade, nossos amados mestres nos alertaram bastante que esse negócio de você chegar no ouvido de outro: "Aí, vou te dizer uma coisa, mas não conta pra ninguém". Isso é canalhice. Porque você tá dando credibilidade total pra qualquer tipo de coisa, sem direito a questionamento. O pessoal dá *off*, "ó aconteceu isso, aquilo. Estavam juntos fulano, beltrano e ciclano". Aí você já vai checar. O primeiro que você ligou disse "rapaz, não me meta nisso, não". Você já viu o que é. Porque ele não negou, né? Ele apenas pulou fora. Você tem muito esse tipo de coisa.

Tem muito essa leitura ainda de que só existe censura, do ponto de vista institucional, na época da ditadura. Como você vê essa questão da censura? Porque nesses casos de política, complicados, acabam gerando uma espécie de censura...

Nós estamos num país democrático nos quatro cantos do Brasil, nesse momento, nós estamos aqui em março de 2022. Não vejo nenhum jornalista desse país, nenhum deles falar da falta de liberdade de

expressão. Você pode falar o que você quiser. Agora, comunicação tem duas coisas: forma e conteúdo. Você tem que passar adiante a informação de interesse público, você pode exercer sua liberdade de expressão à vontade. Quando essa coisa descamba pra agressões, pra calúnia, pra difamação, aí já é crime, não é o direito de xingar que algumas pessoas estão pedindo. Aí você cria uma baderna que não tem mais tamanho, igual a ficar xingando o STF de ladroagem nas urnas eleitorais como Bolsonaro faz, sem mostrar uma prova. Temos um período de liberdade plena e quem está dizendo que não tem liberdade é exatamente quem quer tirá-la.



Temos um período de liberdade plena e quem está dizendo que não tem liberdade é exatamente quem quer tirá-la.

Você faz rádio, tem blog, escreve no jornal tradicional. Em que momento sente essa necessidade ou foi intuição, de ser multimídia?

Todas as vezes que esses desafios pintaram pra mim eu sempre topei porque sempre achei o seguinte: jornalista, garimpeiro de informação. Ponto. Você tem informações em sua mão, você vai lapidar sua pedra preciosa. O veículo que você vai jogar no ar, aí você tem a forma de cada veículo. O rádio é um jeito, o jornal é outro jeito. A TV é outro jeito. Você só vai adequar a forma. Quando estava coordenando a equipe de Economia no jornal, começou esse negócio da internet e tal e A Tarde botava um "x" por produtividade. Você fazia dois textos sobre a mesma coisa. Um ia pra um meio [jornal] outro pro outro [internet] e eu estimulava o jornalista a fazer. Eu digo: ó, é bom pra você aprender os multimeios. Eu me toquei sobre isso quando ofereceram uma pós-graduação na FTC, de Gestão de Multimeios de Comunicação, você escolher as formas de você expor o conteúdo. ■

NOVA CARTEIRA

Seja a renovação que nossa luta precisa



 Associação
Bahiana de
Imprensa

ASSOCIADO REGISTRO
PROFISSIONAL

Maria Rita Barbosa Moreira 0123/BA

JORNALISTA

MATRÍCULA	VÁLIDO ATÉ	RG	SANGUE	DOADOR DE ÓRGÃOS
E-098765	31/12/23	123456789	AB +	Sim 

2022/2023


Ernesto Marques - Presidente da ABI-BA

venha para a ABI

Acesse o
formulário
de filiação



Paolo Marconi chegou à Bahia com a família de imigrantes italianos, em 1958, às vésperas de completar 10 anos de idade. Entrou no curso de Jornalismo em 1970 e foi um dos estudantes “arrebanhados” pela Escolinha da Tribuna da Bahia. Quando o jornal foi inaugurado, passou só seis meses na Tribuna, antes de alçar voos mais altos na profissão. Mas lá foi o nascedouro das pesquisas do livro que se tornou uma referência no estudo das relações do regime militar: “A censura política na imprensa brasileira”. Com os bilhetinhos que o coronel Luiz Artur de Carvalho, chefe da PF na Bahia, enviava para a redação da Tribuna, e os documentos sobre o assunto que seu chefe na Veja, Mino Carta, lhe cedeu, Marconi seguiu para a França e finalizou o livro que lançou em 1980. Na volta ao Brasil, achou que o jornalismo estava seguindo um rumo que não era mais o seu. Aceitou o convite para coordenar a assessoria de imprensa da campanha de Antonio Carlos Magalhães ao governo, em 1990. A mudança de rumo na carreira, de repórter crítico ao “sistema” a assessor de um integrante do governo, lhe rendeu algumas críticas e “patrulha” até de colegas. No governo, dirigiu o Irdeb, criando uma série cultuada pela importância na preservação da cultura popular do interior baiano: “Bahia singular e plural”. Deixou o jornalismo ao ser nomeado conselheiro do Tribunal de Contas dos Municípios. Entrevista ao repórter Kau Rocha.

Patrolha ideológica é uma *censura idiota* que não é milico que faz'

Como foi a mudança de sua família da Itália para o Brasil?

Cheguei ao Brasil em 1958, com 9 anos, acompanhando meu pai, minha mãe e meus dois irmãos. E viemos pra Bahia. Meu pai foi administrar uma fazenda no interior e nós fomos estudar no [Colégio] Antonio Vieira. Conheci bem o interior. Meus pais moraram no interior de Jequié, em Nova Soure. E eu ia muito nas férias, então sempre tinha um gosto muito grande pela pureza do interior, bem diferente da capital.

Quando você fez vestibular para jornalismo?

Em 1970 e logo no início tive a sorte de um grupo econômico criar a Tribuna da Bahia. E saíram arrebanhando nas faculdades de Direito e Jornalismo, jovens estudantes, não interessava de que ano. Ficou conhecido como Escolinha TB, com mérito de ser coordenada por uma pessoa, que acho, que jornalismo da Bahia deve muito: Quintino de Carvalho. Ele foi do "Partidão" [Partido Comunista] do Rio de Janeiro e, sem grandes chances de trabalho depois de certo tempo, foi convidado pra ser redator-chefe da Tribuna. Em termos morais, éticos: fantástico. Pra quem já tinha um pouco de bagagem nessa área, ele reforçou isso na gente, honestidade, não picaretar, não ter dois empregos, todas essas coisas. Um tanto

quanto utópico veio se demonstrar porque, na prática, a gente viu, nas primeiras edições da Tribuna, que não era bem assim. Mas, de qualquer forma, esse ideário passou pra muita gente. Uns seguiram, outros não seguiram. Eu diria que pra mim foi quase, entre aspas, um herói.

O comum era o jornalista ter dois empregos.

Muito, principalmente no jornal A Tarde, de você ter dois, três empregos e - reza a lenda, não sei se é verdadeira - de que uma vez um jornalista foi pedir aumento - uma história conta que foi com Simões Filho, outra com Jorge Calmon - porque ganhava muito pouco, E, então, um ou outro respondeu: "Mas meu filho você já não trabalha no A Tarde?". Tradução: se vira meu filho, vá buscar. Inclusive uma briga que tinha na Bahia com [ex-governador] Antônio Carlos [Magalhães] porque vários jornalistas famosos (não vou nominar, mesmo porque levantei uma vez) tinham emprego e nunca trabalharam. Eram procuradores da Prefeitura, sem trabalhar. Jornaltas bons, sérios, mas tinham isso porque Barbosa Romeo, um político, pessoa muito esclarecida, quando estava na prefeitura, ajudou muita gente, inclusive Glauber Rocha, também aquinhoado com cargos ou isso e aquilo pra poder continuar no jornalismo. Isso,

se por uma parte era uma coisa não muito ortodoxa, em compensação rendeu frutos porque foram bons jornalistas. Embora tivesse essa coisa que era uma maneira de sobreviver e continuar ganhando o seu sustento de uma maneira digna. Outros não. Era comum o próprio jornalista pegar anúncio das empresas, empresas públicas, levar e publicar os editais, os balanços, duas, três páginas e ganhar coisa. Então Quintino foi muito interessante com essa parte.

Como foi seu início na Tribuna?

Eu morava em Cosme de Farias quando a Tribuna começou, em outubro de 1969. Eu ia a pé, chutando pedra, irritado, só imaginando as pautas que ia receber como repórter. Porque eram pautas completamente esdrúxulas, malucas. Lembro de uma coisa, que me marcou muito. Antigamente tinha [as agências de notícias] AP e UPI com as duas únicas, praticamente, redes de informações internacionais que chegavam pelo teletipo. Então, de repente, vinha quatro linhas, uma informação dizendo: “Na Inglaterra a universidade não sei de onde fez uma pesquisa e mostrou que pelo de gato podia dar câncer”. Então, chegava na Tribuna e, de repente, alguém me dava essas três linhas e dizia: “Olha, repercute isso aqui, procure quem entende”. Morro de vergonha até hoje. “Procure um oncologista”. Então fui, algumas vezes, procurar professores sobre isso até que me cansei. O professor – claro – me dizia: “Olha rapaz, você quer que eu diga o que em cima de uma notícia dessa? Eu sou um profissional, um pesquisador”. Em compensação, tinha todo aquele orgulho de ser jornalista. Mas, então, essas coisas foram me saturando. Nesse período eu estudava e tinha [como professor] Florisvaldo Mattos, da sucursal do Jornal do Brasil. Sempre fui um tanto quanto ousado e ficava aporrinhando Florisvaldo. Professor, olha, eu queria, não sei o que. “Tá... me enrolava. Até que um dia, acho que cansado de mim, disse. “Olhe,” - tinha pegado fogo no Mercado Modelo- “vai lá fazer essa matéria”. Era pra me testar. O Jornal do Brasil publicou a matéria no caderno de Turismo. E pronto, Florisvaldo chamou, tinha uma vaga como, vamos chamar, de estagiário. Depois ele me contratou, fiquei a noite fazendo plantão [na sucursal].

Ainda nesse período, em outra entrevista, por exemplo, você falou em teletipo. Tem geração que nunca passou um telex aqui.

Nem nunca bateu uma máquina de escrever. No início, não tinha telefoto [pra transmitir]. O fotógrafo fazia as fotos, revelava, ia pro aeroporto, procurava alguém, um passageiro: “Olhe, por favor, você que vai pro Rio de Janeiro, pode levar esse envelope bonito, e entregar a fulano de tal, que estará no aeroporto lhe esperando?” E as matérias que nós escrevíamos, batida a máquina, lógico, se passava para um teletipista. Tinha uma pessoa só para teletipar, vamos cha-

mar assim, e mandar. Ou mandava direto quando a pessoa [repórter] era muito boa. O plantão à noite, acho que ia até 21h30, 22 horas. Ficava apenas o repórter. Podia acontecer algo. Coisa pouca, porque o jornal fechava cedo. Mas, mesmo assim, era muito mais ágil do que hoje esses jornais que fecham cada dia mais cedo. Era assim a parte tecnológica. Pra você ver, teve um avanço muito grande. Só lamento que esse avanço tecnológico em nada ajudou, ao contrário, piorou a qualidade do material que é produzido. Naquele tempo, acho que se tinha mais tempo pra pensar, pra produzir, pra saber o que é que se estava fazendo e não fazer a coisa de levada, sabe? Não, vai de qualquer jeito, o que importa é dar o furo. Claro, o furo na época era interessante mas não impedia que fosse uma coisa bem responsável. Hoje, não. E com a internet então, nem se fala. Cada um diz o que quer, como querem, fica por isso mesmo, se banalizam as *fake news*, se banaliza tudo. Essa visão crítica que eu acho que se perdeu completamente, que a faculdade deveria sempre ter ensinado um pouco, não? Jornalismo é consciência. Consciência de um serviço público que se presta a alguém.

Como funcionavam as sucursais nesse período aí?

O Globo tinha três, quatro repórteres. O Estadão teve época de ter quatro repórteres e um fotógrafo. A Veja tinha menos, porque era uma revista, tinha dois repórteres e um fotógrafo, sediados aqui. E na época, tem uma coisa que hoje ninguém consegue entender, parece que eu estou falando de extraterrestres. Era bem dividido, nos jornais do Sul, o departamento



Naquele tempo, acho que se tinha mais tempo pra pensar, pra produzir, pra saber o que é que se estava fazendo e não fazer a coisa de levada, sabe?

No início as ordens vinham em papel timbrado...



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DA BAHIA
GABINETE DO DELEGADO

////DE ORDEM DO EXMO. SNR; GENERAL DIRETOR GERAL DESTES DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL, FICA TERMINANTEMENTE PROIBIDA DIVULGAÇÃO DE QUALQUER NOTÍCIA SOBRE NOVA LISTA APRESENTADA PELOS SEQUESTRADORES, E NOTADAMENTE NOMES NELA INCLUIDOS. A PROIBIÇÃO REFERE-SE A QUALQUER MEIO DE COMUNICAÇÃO, IMPRENSA, RÁDIO E TELEVISÃO.

Salvador, 30 de Dezembro de 1970

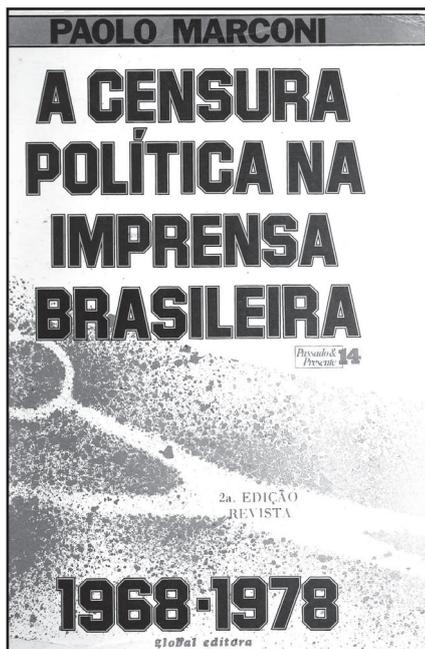
Luiz Arthur de Carvalho
LUIZ ARTHUR DE CARVALHO - Cel.
Delegado Regional

Depois...

////DE ORDEM SUPERIOR, FIM EVITAR FAVORECIMENTO ESPECULATIVO DE ALGUNS FRIGORÍFICOS E PECUARISTAS, PROPENSOS A FINANCIAR CAMPANHA TENDENCIOSA VISANDO PROVOCAR AUMENTO DA CARNE FRESCA, FICA PROIBIDA A DIVULGAÇÃO DE NOTÍCIA, COMENTÁRIO, REFERÊNCIA, TRANSCRIÇÃO E OUTRAS MATÉRIAS, ATRAVÉS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, DANDO ATRIBUÍDOS NEGATIVOS A CARNE CONGELADA OU ESTABELECENDO COMPARAÇÕES DE QUALIDADE ENTRE CARNES CONGELADAS E FRESCAS. FICA IGUALMENTE PROIBIDO, NOTICÁRIO ACUSANDO AUTORIDADES GOVERNAMENTAIS DE PROTEGEREM FRIGORÍFICOS E SANGUEIROS.//
Salvador, 8 de agosto de 1974

▲ Acima, reprodução de ofício e bilhete da PF censurando matérias na Tribuna da Bahia, do livro *A Censura Política na Imprensa Brasileira*.

▶ Ao lado, capa da obra citada.



comercial e a redação. Na Bahia essa divisão sempre foi mais tênue, havia uma promiscuidade maior. Mas lá não, na Veja tinha um departamento comercial no qual eu não me reportava absolutamente nada, não se metia em nada a não ser se ele pode dar dinheiro pra quando a gente tinha que viajar, fazer isso e aquilo. Mesma coisa do Globo, Jornal do Brasil. Polícia é polícia, bandido é bandido. A gente, jornalista, achava, de forma exagerada, que o comercial... não é que fosse bandido, mas vocês são outra coisa. Não havia a nossa preocupação de ter dinheiro, de onde vinha o dinheiro. A Bahia estava em tudo quanto é canto, em todos os jornais. Bem, o Jornal do Brasil não existe mais, o Globo não tem mais sucursal. A Veja também acabou. O Estadão idem. Restou só [correspondente da] Folha de São Paulo. Então, a Bahia sumiu do noticiário. Tanto para as coisas boas que tinha na época pra esse lugar, como também as coisas ruins. As picaretagens, os escândalos, desvio de dinheiro, tudo isso. As pessoas não tem mais onde denunciar. Então, o nível de informação qualitativa, de qualidade, não existe mais.

Você entrou na Veja e, na sequência, foi para a França para construir o livro "A censura política na imprensa brasileira", publicado em 1980. Como foi esse processo?

Na Tribuna, nos primeiros dias, entre outubro e março, que foram os seis meses que eu fiquei lá, apareciam algumas proibições de censura. Um cara chegava com uma folha com ofício de Luiz Artur de Carvalho, chefe da Polícia Federal sobre censura. Na época eu ainda não estava atinando pra isso. O irmão de Florisvaldo Mattos, Eraldo Mattos - e aqui, acho que pela primeira vez faço justiça a ele - foi quem primeiro me alertou pra censura. Ele era editor-chefe do Estado da Bahia ou do Diário de Notícias, ambos pertencente aos Diários Associados. E, numa conversa, disse que sempre tinha vontade de fazer uma coisa sobre censura. Eu, na Tribuna, via esses bilhetes, essas proibições num livro ponto que, primeiro por ofício, a coisa toda bonitinha, depois só bilhete, cortado aqui uma tirinha de papel. A gente sempre pensou em fazer [um trabalho] com a censura. Eraldo não fez, foi cuidar de outra coisa na vida, no Rio de Janeiro. Eu fiquei com esse interesse. Comecei a guardar material, pedi aos colegas. Deu trabalho, porque ninguém guardava. Não se tinha essa preocupação histórica da importância daquilo que estava acontecendo no momento no país, da censura da imprensa. Então, com esse espírito, fui juntando coisas a parti pra Sorbonne, através de uma bolsa de estudos. Estava na sucursal da Veja. Procurei [o editor] Mino Carta falei: queria ir pra França e que você me desse o material que você tem, sobre censura. Ele foi muito corajoso quanto a isso. Me deu o material que tinha da época dos documentos da censura. Também pedi licença com remuneração, mas me deu sem re-

muneração, sem me demitir. Que foi muita coisa. Peguei os documentos e fui pra França. Deveria ter ficado lá. Passei um ano e meio na Sorbonne.

Hoje a gente vive uma censura de outro modo, de outra maneira. Você faria esse paralelo?

Na época, o ruim era só quem censurava, embora, aqui [no livro] eu cito uns padres que diziam: “Olha, mas vocês falam em censura os seus patrões são quem mais censuram”. Não importa. Então, na minha juventude, via apenas os militares, a violência disso, daquilo. E no final da minha introdução do livro fica a indagação: quem é pior? A censura policial ou a dos próprios meios de comunicação? Por quê? Porque digo que ditadura acaba, tem um ciclo. E a censura patronal, a censura econômica, a censura política, toda, é o dia a dia, toda hora, a gente vê isso direto.

Hoje estamos vivendo um outro tipo de problema pra informação, essa cultura do cancelamento, se falar algo que não é apropriado pra determinado grupo, ou pessoa.

Politicamente correto? Isso é de uma porcaria! Na época dizia mais ou menos isso: Revolução ou golpe militar? Ditadura ou regime de exceção? Tortura ou maus tratos? Mesmo num país mais desmemoriado, cada palavra sempre teve seu peso e significado específico. E aí os providenciais e abundantes eufemismos, largamente utilizados pra abrandar e escamotear a crua e negra realidade. Hoje só tem versões. E a patrulha ideológica. Ideológica não no sentido só partidário, mas no sentido moral, tem tudo. Hoje, você “não pode dizer isso”. É uma censura idiota que não é milico que faz. Não é na base da baioneta, não é na base do tiro, a coisa é mais sutil, a coisa é mais aceita porque tá todo mundo, eu diria, muito alienado.

O livro criou algum problema pra você do ponto de vista profissional?

Por incrível que pareça, a maior pressão que eu tive foi quando fiquei desempregado. Quando eu pedi demissão da Veja, não era mais minha área. Não sei se já era um caminho do jornalismo, isso e aquilo, já não havia mais a censura. O jornalismo é uma coisa, pra formação do cidadão. Ali você tem tudo, na teoria. É a busca da verdade. E não a minha verdade, não a verdade escamoteada. Ninguém quis mais me contratar. Porque os jornais também escolhambam os jornais.

Então a publicação do livro gerou exatamente essa situação...

Sim. De coleguinhas, inclusive. Não vou dar nome. Fiquei desempregado, procurei e “não, não, não, preciso de outra coisa”. Sempre tive a fama primeiro, que era muito caro, porque na Veja eu ganhava muito bem. E eu era criador de problema. A gente tem que ficar, sempre que pode, fazendo o que gosta. Eu sempre tentei, tanto que, anos mais tarde, Antônio Car-

los Magalhães um dia virou pra mim e disse na vista de um bocado de gente: “Você quer ir pro Tribunal de Contas?” E disse, na vista, “Não pode ser também como você quer não, Paolo, tudo a ferro e fogo”.

E como você encarou essa virada?

Um dia recebo uma notícia: se eu queria ser o homem de imprensa da campanha de Antônio Carlos ao governo. Antônio Carlos, com quem sempre fui muito crítico quando jovem. Pensei, criei coragem, sabendo que ia ser patrulhado, muito, pelos colegas. “Vendido!”, “Nunca foi lá essas coisas todas, né?” Topei, fiz a campanha, ele me chamou pra continuar [no governo]. Tinha um amigo meu que já morreu. Trabalhou pra TV Bahia muito tempo. Ele, fudido, desempregado, me disse, depois, já fora do governo: “Paolo, quando a necessidade bate à porta, a dignidade pula pela janela”. Fui trabalhar com Antônio Carlos, com todas as coisas aí. Todo mundo achando, como é que vai ser? “Paolo, pô, tem que botar paletó”.

Você ficou como chefe da Agecom após a campanha.

Depois entra Paulo Souto e aí perguntam se eu queria ir para o Irdeb [Instituto de Rádio Difusão da Bahia] ou para Empresa Gráfica. Fui para o Irdeb e fiquei lá cinco anos. Fiz uma coisa que gosto muito e vai ficar pra sempre: [a série] “Bahia Singular e Plural”, tanto parte em vídeo, como também na parte de fono, que foi o trabalho com Fred Dantas, que eu chamei pra fazer isso porque sempre gostei muito do interior. Interior é rico, sempre foi abandonado. Enquanto as grandes bandas, isso e aquilo. Tem tudo, aquelas porcarias todas, de “tirar por fora”, “jabá” aqui...

Qual é o futuro do jornalismo, professor?

Não sei. Pra mim, aqui na Bahia, me diga, qual é o futuro do jornalismo? Esses jornais fecham. Não tem como continuar a não ser através de favores, vender isso, vender a alma, vender o histórico, vender tudo. Você acha que A Tarde de hoje é A Tarde de Simões Filho? Nem A Tarde de Jorge Calmon é mais. São jornais que são órfãos, não dizem nada. A Tribuna confesso que, como eu não tinha assinatura, não acompanho. O Correio ainda tem umas matérias boas, principalmente dia de sábado. Então não sei o futuro. Fazer igual Armando Falcão, na censura: “o futuro a Deus pertence”. Péssimo. Você vê os jornais cada vez definhando mais. Ou você tem um produto bom e que seja acessível, senão acabou. E hoje: todo mundo foi censurado. Ninguém, na tortura, delatou ninguém. Todo mundo é herói. Então é essa a minha preocupação, sabe? Das versões. Você tem que de ir um pouco mais, sabe? Por isso que eu digo, cheque um pouco, veja se uma coisa bate com a outra. Você escrever sobre si mesmo é uma desgraça. E aí repito um cara que volta e meia eu cito: Antônio Carlos, que dizia: “Elogio em boca própria é vitupério”. ■



site

WALTER
DA SILVEIRA

Conheça a vida e obra
do pai da crítica
cinematográfica
brasileira

walterdasilveira.com.br

Acesse as correspondências trocadas
entre ele e Glauber, Alex Viany,
Paulo Emílio Sales Gomes e outras figuras
que fizeram o cinema nacional vingar
como indústria. O conjunto do acervo
segue sob a guarda da ABI e disponível
para pesquisas.

REALIZAÇÃO



Associação
Bahiana de
Imprensa

In Verbis Veritas



APOIO FINANCEIRO



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL



Sérgio Augusto Soares Mattos, nasceu em Fortaleza, em 1948, e mudou-se com a família para Salvador no final dos anos 50. O pai trabalhava na IBM, que iniciava sua expansão mundial na área de informática. Mattos não quis seguir os rumos profissionais do pai. Seu foco sempre foi o jornalismo, desde que começou a frequentar o ginásio, no curso de Teologia da Arquidiocese de Salvador. Do jornal da Igreja que colaborava, passou a fazer “frilas” para o A Tarde e integrou-se ao time de Quintino de Carvalho, na Escolinha da Tribuna da Bahia. Depois de algum tempo, trocou a Tribuna pelo A Tarde onde ajudou a criar o Jornal de Utilidades, suplemento que seria o embrião de todos os outros cadernos do jornal. Já como profissional, passou a dar aulas na Faculdade de Comunicação da UFBA e lá ganhou uma bolsa para fazer Mestrado e Doutorado nos Estados Unidos. De volta ao Brasil, foi convidado a editar o A Tarde Municípios, um dos vários projetos inovadores de sua lavra. Mattos escreveu 54 livros ao longo de sua trajetória e conheceu inúmeros personagens pelas redações que passou. Nesse depoimento ao repórter Valber Carvalho, relembra, com humor, alguns casos antológicos que vivenciou.

O jornalismo é a *profissão mais dinâmica* que existe'

Como é que se deu a sua passagem para o jornalismo?

Nasci em Fortaleza e minha família veio para Salvador em 1959. Fiz exame de admissão para o seminário de Teologia. E comecei o primeiro ano de ginásio em fevereiro de 1960. O jornalismo sempre foi uma atração em função de que, no seminário, eu lia muito. A gente tinha acesso a uma biblioteca fantástica. No ginásio, o curso clássico, [tinha] Filosofia, Teologia. E lembro que o jornal A Tarde, por exemplo, era [considerado] pecaminoso. [O cardeal] dom Augusto Álvaro da Silva tinha proibido que [no seminário] circulasse A Tarde. Mas os seminaristas maiores saíam aos domingos, compravam o jornal e levavam pro seminário. Então todo mundo via. Foi quando comecei as primeiras tentativas de escrever poesia, crônicas, romance. A Semana Católica, jornal da Arquidiocese publicava minhas colaborações e, pouco tempo depois, com a chegada de dom Eugênio [Sales], que veio pra administrar a arquidiocese - substituindo o cardeal Da Silva - mudou o jornal, convidou o jornalista Germano Machado pra dirigi-lo. A primeira coisa que o Germano fez foi tirar o "católico" [do título]. Aí o jornal passou a ser só A Semana. Durante esse período, 1968, entro no curso de Jornalismo na UFBA. E a partir de 68 comecei a me interessar mais ainda pelo jornalismo. Quer dizer, comecei a colaborar com A Tarde. Fazia as matérias e levava lá e ainda ganhava uns trocados. Porque doutor Jorge [Calmon] mandava pagar.

Você frequentou a Escolinha da Tribuna da Bahia e continuou no jornal nos chamados "anos de chumbo"...

Quando eu era repórter especial, fazia a cobertura do Palácio do Governo, da Assembleia Legislativa, Prefeitura e Câmara Municipal. Um dia Quintino de Carvalho, o editor-chefe, virou pra mim: "Sérgio, a partir de hoje quero que você inclua mais uma coisa aí no seu roteiro. Passar diariamente na Polícia Federal". Pra poder exercer essa função de ir na PF eu tinha que levar uma carta do jornal me apresentando a Luiz Artur de Carvalho, chefe da PF, [comunicando] que eu faria a cobertura diária lá. Quintino me colocou naquela posição porque o A Tarde estava dando furos de reportagens em todos os jornais da Bahia. Todo mês ou de 15 em 15 dias, seja lá quantos dias fossem, os chamados aparelhos comunistas, de subversão, eram estourados, A Tarde dava manchete e nenhum jornal sabia, tinha que correr atrás depois. E o que é que acontecia? Judélio Carmo, do A Tarde, era amigo de Luiz Arthur que gostava do jornal. Então, quando tinha um aparelho ele passava tudo pra Judélio que publicava e ainda ganhava um salário extra - que quem desse manchete no A Tarde, naquela época ganhava de prêmio um salário extra. Bom, com a carta de apresentação fui à PF. Um cara me recebeu e me levou até o salão: "Fique em pé aqui". No fundo tinha uma mesinha onde estava o subdelegado. E uma porta à direita dele dava no gabinete de Luiz Arthur. Luiz Arthur se levanta, abre a porta, para

junto do subdelegado, pega um material diz: “Esse material aqui, guarda pra gente divulgar depois”. O cara abriu a gaveta, botou dentro e ficou atendendo o telefone. E o Luiz Arthur veio falar comigo. Entreguei a carta de apresentação. Ele olhou e disse assim: “Ah, tudo bem”. Eu disse, tem alguma notícia? “Não, quando tiver eu lhe digo”. Me deu as costas e entrou no gabinete. Como não tinha ninguém me obrigando a sair esperei um pouquinho, quando o subdelegado desligou o telefone, dei o maior chute da minha vida, que eu podia ter realmente me quebrado nessa história. Ele viu que eu estava conversando com o coronel. Aí eu: o coronel Luiz Arthur disse que o senhor pode me entregar aquele material pra divulgação. O cara abriu a gaveta e me entregou. Foi a manchete da Tribuna. Luiz Arthur só faltou querer me matar. Mas foi a partir desse momento que houve um acordo da PF com todos os jornais, pra que o material fosse divulgado pra todos. Também nunca mais voltei à PF porque aí resolveu o problema.

Como era a jornada de trabalho na Tribuna?

A gente trabalhava na Tribuna em *full time*. Dedicavação exclusiva. Quintino condenava que os jornalistas - e isso é até uma coisa estranha porque ele era assessor do Baneb, tinha sido assessor de imprensa do Banco Econômico - trabalhassem como assessor de imprensa, porque achava que a gente ficava com o rabo preso com as coisas. E quando a gente começou, recebia realmente os salários mais altos que o de A Tarde. Era a metade na carteira e metade por fora.

E sua relação com a censura?

Como chefe de reportagem da Tribuna, recebia as ordens de proibição, da censura, os bilhetinhos; “está proibido por ordem do Ministro da Justiça falar sobre tal assunto”. Tenho, inclusive, alguns pessoais que guardei. “É proibindo isso”. Você tinha que assinar um formulário que os caras traziam, dizendo seu nome, RG, como responsável por ter recebido aquilo. A responsabilidade passava a ser sua, de o jornal dar ou não dar a notícia. Essas proibições eram quase que diárias. A gente, às vezes, tomava conhecimento do que ocorria na cidade, ou no país, através das proibições. Tinha um surto de meningite, está proibido dar qualquer notícia de meningite e nem sabia que a meningite estava existindo lá no sul do país, seja lá onde for. Lembro de ter questionado o Luiz Arthur: A gente circula aqui na Bahia, aí vem os jornais do sul do país, O Globo, Jornal do Brasil, Folha, Estadão que publicavam aquelas notícias. E os jornais da terra não podiam. Luiz Arthur: “Lá eles fazem o que querem, mas aqui quem manda sou eu, não quero que deixe publicar”. Um dia estou na chefia de reportagem, ele telefona: “Olha, aqui quem fala é o coronel Luiz Arthur, eu tô ligando pra dizer que está proibido dar qualquer coisa sobre esse assunto”. Aí

eu disse assim: Olha, sinto muito, mas eu não posso aceitar proibição de assunto pelo telefone porque não sei quem está dizendo é realmente a pessoa que é. Aí ele diz: “Quem que está falando?” Eu disse, Sérgio Mattos. Desligou o telefone. Não passou dez minutos ele entrou no jornal: “Quem é Sérgio Mattos?”, um vozeirão da porra. Eu disse sou eu. Ele chegou junto da mesa da chefia de reportagem e disse assim: [faz um ruído de palma] “Está aqui a proibição por escrito, agora publique alguma coisa que eu venho lhe buscar aqui na mesma hora”. E é isso aí. Quer dizer, eu tive esse entrevero com ele por algumas pequenas [coisas], não teve mais nada depois disso. Muito pelo contrário, depois fiz até matérias com ele, assistindo shows e peças de teatro no Teatro Castro Alves pra ver, imagine, se censurava ou não.

Como foi a reação da sociedade quando a Tribuna foi lançada?

Um sucesso na cidade. Era o primeiro jornal em *offset* do Norte-Nordeste do país. Então tinha uma impressão fantástica, enquanto A Tarde, o Jornal da Bahia, o Diário de Notícia, o Estado da Bahia, que eram os jornais que circulavam na época, eram borrões. Mas, A Tarde era o jornal de maior peso. E quando a gente saiu, esgotava a edição rapidamente. A Tarde dizia, naquela época, que tirava 40 mil exemplares, o que não era comprovado, pois não havia o Instituto Verificador de Circulação, e a Tribuna começou a importunar. Se você pegar os primeiros exemplares, eram todas [letras] no corpo 7. Você fazia 30, 60 linhas, ocupava um espaço pequenininho, tinha umas colu-



“É proibindo isso”. Você tinha que assinar um formulário que os caras traziam, dizendo seu nome, RG, como responsável por ter recebido aquilo.



A gente criou o Jornal de Utilidades, um suplemento que saiu aos sábados e foi a mãe de todos os cadernos que A Tarde passou a publicar depois.

nas assim de cabo a rabo, pegava umas três ou quatro matérias de mais de 30 linhas. Enquanto A Tarde, não. Tinha que imprimir no corpo 10, 12 porque a impressão não era boa. Mas a Tribuna começou a fazer sucesso principalmente por causa das fotografias. As pessoas se viam. Você fazia uma fotografia de praia, uma fotografia de uma festa, Conceição da Praia, aquele negócio assim, fantástico, todo mundo se reconhecia, dava pra identificar miudinho. Quer dizer, hoje, apesar de ser *offset*, a gente já não consegue mais. Porque a tinta não é a mesma, não é importada. O papel também não é de melhor qualidade, então perdeu a qualidade que tinha no início. Você comparar a impressão dos primeiros exemplares com hoje, não dá nem pra encostar.

E os casos curiosos de redação?

Um caso que ocorreu no período que fui chefe de reportagem da Tribuna que é um retrato exato do aprendizado que a gente teve com Quintino. Ele dizia que a gente tinha que ler tudo. E que chefe de reportagem tinha que ler até bula de remédio porque dali podia sair uma pauta. Ia chegar um ministro no aeroporto de Salvador. Eu tinha escalado um repórter pra ir. E aí disse: Venha de paletó e gravata que você vai lá pro aeroporto fazer a cobertura do ministro. Ele tinha que sair tal hora da redação pra ir pro aeroporto. E cadê o repórter? Nada de chegar. O jeito era pegar alguém que tivesse paletó e mandar pra lá, pra fazer a cobertura. Passados quase duas horas da hora que esse repórter deveria ter chegado, ele aparece. Aí eu disse: Rapaz, você deu um furo na gente aqui, que

irresponsabilidade é essa? Por que você não avisou que não vinha? Aí ele foi justificar. “Olha, acontece que hoje é aniversário de minha mãe e eu tinha prometido a ela comprar o coco pra ela fazer o lelé. E aí eu fui no mercado não tinha”. Ele morava em Itapagipe, e não tinha coco no supermercado, na feira. Ele foi em Água de Meninos, não tinha coco, foi não sei aonde não tinha coco e, à medida que ele dizia do coco para o lelé da mãe, eu: O que é que o jornal tem a ver com o lelé do aniversário de sua mãe? Nada, não é? Tinha era que estar aqui. Mas aí à medida que ele foi falando que não estava encontrando o coco, me deu aquele estalo. Aí eu disse assim: Não quero saber mais nada, não. Você vai sair com o fotógrafo, e vai bater toda a cidade pra ver se está realmente faltando coco na Bahia. A manchete da Tribuna foi: “Está faltando coco na Bahia”. Quer dizer, aí você vê que realmente o ensino de que a gente tem que estar ligado, tem tudo que a gente pode ouvir, se pode parecer estranho, pode virar uma grande matéria e você descobrir realmente um fato, né? Como é que a Bahia, terra da cocada, estava faltando coco? Quer dizer, o coco que vinha de Sergipe.

Da Tribuna foi para o A Tarde.

Doutor Jorge Calmon me chamou pra trabalhar no A Tarde, que estava querendo fazer umas inovações, pois a Tribuna tinha feito muita coisa. Em 72 começou lá. Fui trabalhar exatamente em um núcleo de reestruturação do jornal que estava a cargo de Arthur Couto, o gerente administrativo, com o apoio de Renato Simões. E aí a gente montou e fez um suplemento pra gente fazer as experiências gráficas e técnicas que podia fazer nesse suplemento que fosse ajudar na fundamentação do jornal pra mudança para o *offset*. Então a gente criou o Jornal de Utilidades, um suplemento que saiu aos sábados e foi a mãe de todos os cadernos que A Tarde passou a publicar depois.

Quando começou a dar aula de Jornalismo?

Pouco tempo depois que estava trabalhando no jornal A Tarde em 72, Fernando Rocha “Bananeira” professor na faculdade, me convidou pra ser professor colaborador contratado por três, quatro meses. Então, entrei na faculdade como professor colaborador. Pouco tempo depois teve um concurso, eu me inscrevi, passei e fui admitido em 75. O primeiro contrato assinado pela universidade foi em março de 75. Eu tinha o quê? Quatro anos de formado. Em 1977 fui selecionado para uma bolsa da Universidade Laspau junto com a Fulbright, dos Estados Unidos. Pedi demissão do jornal. Entre maio de 1978 a agosto de 1982 fiz o Mestrado e o Doutorado nos EUA. Quando voltei com o título de Doutor, reassumi minhas funções na universidade e depois fui visitar Jorge Calmon. Não tinha vaga, mas me colocou pra substituir os editores nas férias. Um dia Arthur Couto me convida pra criar o A Tarde Municípios. Nas minhas

contas passei no A Tarde, 32 anos, arredondando. Porque tem uns meses de março e tal. Deixei o jornal em 2003.

Conheceu muitas figuras curiosas?

Sim e tinha outras coisas interessantes. O Iguatemi ainda estava em construção, porque quando A Tarde mudou pra Avenida Tancredo Neves, você tinha três prédios grandes. A Estação Rodoviária, o Iguatemi e A Tarde. Era um descampado. Aí começaram as construções de alguns prédios, o pessoal ia tomar uma cachacinha num boteco que tinha em frente a um prédio que estava em construção. Você saía à noite, ia pra lá e dizia assim: “Se precisar de alguma coisa aí me telefona”. Lá não tinha telefone e não existia celular. Então, um jornalista que era assessor da Telebahia, instalou um orelhão no boteco. O outro, da Embasa, botou água na barraca. Outro, trabalhava na Coelba, botou luz na barraca. Então todos iam pra lá: “Liga pra esse número aqui se precisar alguma coisa”. O pessoal saía lá do boteco e ia pro jornal (risos). Quer dizer, criaram um ambiente, entendeu, num boteco que não tinha zorra nenhuma, pra poder atender às necessidades pessoais.

E “seo” porreta?

Valmir Palma, cujo grande sonho era ser bombeiro, mas era o repórter policial mais antigo que tinha na Bahia, muito bem informado. Um cara com tiradas filosóficas fantásticas. Chegava num canto aí dizia: “Eu quero um pão”. O cara trazia. “Me dá uma lata de leite condensado”. Ele jogava a lata de leite condensado no pão. E a gente olhando. Ele: “Agora me dá umas tiras de doce de goiaba”. Botava no pão e fechava. Mas Valmir, você vai comer um negócio desse? “Existe em algum lugar proibindo que eu não possa comer pão com doce de goiaba e leite condensado? Não, então

eu vou comer”. E comia. Na redação sentava pra escrever a matéria e tirava o cochilo dele, que era pra ter energia pra poder escrever as matérias. Uma vez chegou de táxi e deu uma nota e o cara disse: “Não tem troco, não”. Ele cruzou as pernas, abriu o jornal e ficou lendo. O taxista: “O senhor não vai providenciar o troco, não?”. Ele disse assim: “Quanto é que está marcando aí no taxímetro? Quando chegar aí o tanto de dinheiro eu salto”. E ele andava com o chinelo e um sapato. Dizia que o sapato calçava pra entrar na redação por causa de Jorge Calmon, porque ele não queria ver de chinelo. Aí ele guardava o chinelo, mas ficava de chinelo o tempo todo.

Quantos livros você escreveu?

Ao longo do meu período de vida como escritor, pesquisador, ficcionista escrevi 54 livros, sendo que parte deles são de poesia. Tem duas novelas, um romance, quatro biografias e o resto é dedicado a área de comunicação - história da televisão e censura, e sobre jornalismo.

O que você fez, valeu a pena, que acha importante ressaltar na trajetória de Sérgio Mattos no jornalismo da Bahia e do Brasil?

Se eu fosse começar hoje tudo de novo eu escolheria a carreira de jornalista porque eu acho que é a profissão mais dinâmica que existe, é uma profissão que apesar de ter rotinas e processos de produção, é uma rotina que todo dia se renova. E nesse processo de renovação a gente se renova também. E eu sempre uni, por exemplo, a prática do jornalismo diário com o ensino do jornalismo. Então, continuo jornalista, mesmo não estando atualmente dentro de redação de jornal, vivo o jornalismo através do ensino do jornalismo aos novos e futuros jornalistas. A gente está sempre se atualizando. ■

FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



da nossa cidade.
A TARDE

◀ Equipe do Jornal de Utilidades, comandada por Sérgio Mattos, embrião dos suplementos e cadernos especiais do jornal A Tarde.



50 ANOS

Biblioteca
de Comunicação
Jorge Calmon



Estudo, pesquisa, informação e lazer.
Tudo isso com um acervo raro e especializado em comunicação.



FOTO: VALBER CARVALHO / DIVULGAÇÃO

Natural da cidade cearense de Itapipoca, nascido em 31 de janeiro de 1932, José Valter de Lessa Pontes, chegou a Jequié em 1949 como desenhista para trabalhar no Departamento Nacional de Estrada de Ferro. No entanto, a máquina fotográfica que ganhou de presente do pai de uma namorada, mudaria sua vida. Logo se transformou num dos melhores fotógrafos de sua época. De Jequié, onde conheceu um jovem político em ascensão, Lomanto Júnior, mudou para Salvador, integrou a equipe de Leão Rosemberg, passou pelo Jornal da Bahia e A Tarde, onde realizou um feito memorável: entrevistou e fotografou - durante uma escala do avião em Recife - os 22 jogadores e o técnico da Seleção Brasileira que seguiam para a Copa do Mundo da Suécia, em 1958, quando se sagrariam campeões. Um furo que rendeu manchete e matéria de página. No entanto, Lessa se fixou como Relações-Públicas do Derba, onde registrou todas as etapas da construção de algumas das principais estradas da Bahia, na segunda metade do século XX. Testemunha ocular da história baiana, presenciou inúmeros episódios da cena política estadual. Conta alguns neste depoimento ao repórter Valber Carvalho. O fotógrafo veterano, que completou 90 anos de idade em 2022, ainda prefere fotografar com filme. Não se rendeu à fotografia digital.

Ainda não me motivei para chegar na fotografia digital'

Como é que foi a sua introdução na área da fotografia.

Eu morava na cidade de Jequié e ganhei de presente uma máquina Ciroflex, 6 por 6, do senhor Rafael Gris, que era um representante comercial, pai de minha namorada. Isso me cresceu o entusiasmo muito grande. De imediato eu comprei um livro da Kodak, que era assim, a Bíblia dos fotógrafos da época. A Ciroflex tirava 12 fotografias para cada filme. Reflex e de fácil manejo. Não há lente substituível, lente única e foi muito fácil fazer a adaptação. Era uma lente 50 milímetros [mm]. Pouco tempo depois eu já estava entusiasmado pra adquirir a máquina de ponta da época, uma Rolleiflex, considerada assim, a bambambã das bambambãs. Essa Rolleiflex era um pouco mais complexa, com mais recursos mas também com uma única lente de 50 mm. Eu trabalhava no Departamento Nacional de Estrada de Ferro, como auxiliar de desenhista. Vim para a Bahia porque o diretor-geral Jadi Furtado Simas, chefe da seção de lá foi designado para a construção da estrada Ubaitaba-Jequié, e convocou um grupo de auxiliares para vir trabalhar em Jequié, dentre eles, eu vim como auxiliar de desenhista, em 1949.

Já ganhava algum dinheiro com as fotos?

Pouca coisa. Dava para manter a compra de filmes e as revelações, mas o que me importava era o meu prazer, a satisfação e o entusiasmo pela fotografia.

E aí você começou a fotografar à noite

Ah, fotografia noturna! Eu fiz, por acaso, uma única na cidade de Jequié, que foi na fazenda Provisão. É a foto mais importante que eu tenho feito com luz da lua. Essa foto levou, mais ou menos, uma hora de exposição. Os filmes eram pouco sensíveis, se não me falha a memória, o "Gevaert", 12 ou 20. Coloquei a máquina no tripé e fui tomar cerveja com os amigos. Depois lembrei, "puxa, a máquina!" Quando fui olhar, a grande surpresa, que guardo hoje com carinho todo especial.

De quem era essa fazenda?

De Vicente Grilo, um italiano que foi o pioneiro da agropecuária na cidade de Jequié, foi lá também na fazenda Provisão que Assis Chateaubriand criou a "Ordem do Vaqueiro", em 1951. Chateaubriand era um homem superpoderoso ao ponto de forçar a Presidência da República a indicá-lo como embaixador do Brasil na Inglaterra.

Você fez esses dias históricos?

Chateaubriand era debochado. Quando acabou de vestir o gibão, ele disse: "Eu nasci na Paraíba, a terra dos couros. E hoje me encontro aqui entornado neste couro macio, desviados de Jequié, em meio a minha caravana de velhacos". E bateram palmas. Imagina, era Chateaubriant. Chamou todo mundo de viado e a caravana de velhacos.

A partir daí, você se tornou uma pessoa conhecida na cidade, pelos políticos, porque nesse momento ingressa na política em Jequié Antônio Lomanto Júnior.

Em Jequié, conheci o prefeito Lomanto Júnior, que era um homem muito dinâmico. Com idade de 24 ou 25 anos já era líder da bancada na Câmara Municipal, depois se tornou o prefeito, mais tarde deputado, governador, senador e a minha amizade com Lomanto me facilitou muito o trabalho da fotografia. Também fiz amizade com dona Hildete, a mulher dele. Dinâmica, extraordinária. E essa aproximação com ela chegou ao ponto de me aconselhar uma ocasião. Isso porque me envolvi muito com o movimento estudantil e o partido comunista. Fui presidente da União dos Estudantes de Jequié, o que para uma cidade de interior é um agravante. Ela disse: “Lessa, você precisa sair de Jequié!” Mas dona Hildete, como é que eu vou sair de Jequié? “Você está sendo antipatizado. Não tem mais campo para você aqui, você deveria ir para Salvador”. Foi aí, então, que resolvi mudar para Salvador. Imediatamente fui trabalhar com Leão Rosenberg que era o fotógrafo de ponta de Salvador. Tinha um estúdio que era, talvez o melhor do Norte e Nordeste do país.

Quando é que você veio para Salvador, qual foi o atrativo de ele ter te contratado?

Vim em 1955. Já era conhecido através do Jornal de Jequié e algumas pessoas da cidade que moravam em Salvador me indicaram procurar Leão Rosenberg. Lá, o chefe do serviço era Alberto Vita, o Beto, um jornalista maravilhoso, grande companheiro. E imediatamente fui trabalhar no laboratório, com revelação. Pouco mais de uma semana já estava fotografando os acontecimentos da cidade. E quem era fotografado por Leão Rosenberg aqui, era a sociedade fina lá da [bairro] Vitória.

Alguma foto marcante desta época?

Dentre as 128.000 fotografias que tenho, uma que eu destaco: Pelé, pela primeira vez na Bahia. Ao lado do jornalista Nino Guimarães em 20 de agosto de 1957. Estava no Apartamento 305 do Palace Hotel. Nino, nessa época, era diretor artístico do Palace. Nino disse: “Lessa vamos até o Palace que quero lhe mostrar um personagem”. Cheguei lá era o Pelé que estava com uma perna engessada. E eu fiz a foto.

De Leão Rosenberg foi para que jornal?

A Tarde, em 1957. Trabalhei lá durante dez anos. Foi um aprendizado muito grande. Tive a oportunidade de conhecer, praticamente, toda Salvador. Todos os seus becos, as suas ruas, sua ladeira, suas igrejas. Enfim, o seu folclore. Aprendi um bocado no Jornal A Tarde, e também devo lhe dizer que tive algumas decepções. Que decepções foram essas? A inveja de

► O fotógrafo homenageado pelo governador Jaques Wagner e no seu Museu da Fotografia.



alguns companheiros, não digo de fotografia, mas dentro do próprio jornalismo. E até hoje sinto uma pequena mágoa disso.

Você teve uma missão relativa à Copa de 58. Muita gente não confiava na Seleção Brasileira. Fale sobre isso e sobre - você acabou de falar da mágoa - o fato de você também fazer algumas entrevistas.

Quando a seleção foi para a Europa, fui a Jorge Calmon, o redator-chefe de A Tarde sugerir: seria interessante se fôssemos ou mandássemos alguém a Recife fazer um contato com os craques que vão partir pra semana pra Europa e tal. Ele disse: “Lessa, essa seleção não tem crédito nenhum, ela não passa das oitavas de final”. Aí fui a Gilson Rios que era o secretário: Gilson, a Seleção Brasileira vai embarcar para semana e de Recife seria bom que mandasse alguém lá para fazer uma entrevista com jogadores e tal, último contato deles aqui no Brasil. Ai ele: “Você não entende disso, isso aí é uma seleção suicida”. Encontrei Adroaldo Costa que era chefe do A Tarde Esportiva. Coloquei o problema para o Professor Adroaldo e ele: “Ótimo, Lessa, vou falar com George”. Então eu contei as outras conversas e disse: Nem vá nele, que ele é negativo! Corre um risco pior ainda. “Então você vai por minha conta”. Aí mandou que eu fosse ao Loide Aéreo e comprasse uma passagem. E me mandou para Recife. Lá eu sabia que teria dificuldades de entrevistar os 22 jogadores e o técnico. Então redigi para cada jogador uma série de perguntas diferenciadas, evidentemente. Mesmo assim o tempo não era suficiente. O período em que eles passariam era de 40 e poucos minutos para reabastecer o avião e fazer um lanche. Quem me ajudou foi [o zagueiro] Djalma Santos. Ele, preocupado com a minha angústia, falou: “Meu Jovem, venha cá!” Coloquei o problema para ele que pegou aquele bolo de papéis e tal e deu para cada um jogador, enquanto eu fiquei conversando mais com [o técnico da Seleção Vicente] Feola. Perguntei se ele poderia indicar



FOTO: ARQUIVO PESSOAL DIVULGAÇÃO

já alguns jogadores. Ele: “todos são indicados”. Insisti: mas, pelo menos um. Ele disse: “Olhe mais Pelé, tá bom?” Tá ótimo! Entrevistei os 22 jogadores com ajuda do Djalma Santos. E, dois dias depois, - naquela época tinha aqui vir para aqui, não tinha serviço direito e tudo - A Tarde publicou matéria com o título: “Boa sorte, Brasil”. Uma página inteira com a entrevista de todos os jogadores, por coincidência menos Pelé. A entrevista de Pelé não saiu, não sei porquê. Procurei lá nos arquivos, então encontrei, mas lá na redação. Adroaldo me pegou: “Lessa, me dê que eu quero fazer um artigo especial sobre essa entrevista do Pelé!” Dei a Adroaldo, mas antes de publicar, ele morreu.

Dentro do jornal, alguém te elogiou por você ter tido essa antevisão?

Apenas o jornal publicou a matéria de uma página. Uma página no jornal A Tarde ou qualquer outro jornal é uma grande coisa. E na abertura disseram “graças a um trabalho, furo jornalístico de Valter Lessa, conseguimos entrevistar todos os 22 jogadores”. A primeira página diz: “Boa sorte, Brasil - último contato dos craques patrícios em solo brasileiro antes da

Europa, esperançosos e otimistas, sensacional trabalho jornalístico de A Tarde na capital Pernambucana; Valter Lessa, enviado especial de A Tarde a Recife”.

Que outros momentos da história da Bahia você testemunhou?

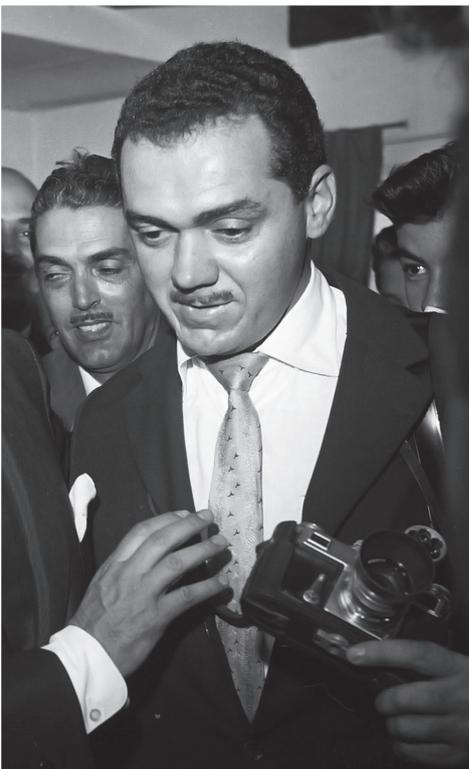
Na campanha do Governo do Estado [1954], que concorreu Pedro Calmon (irmão de Jorge Calmon), ele veio de Amargosa. Foi para o comício na praça Castro Alves. Tinha bastante gente. E as palavras do Pedro Calmon: “Quando sentimos a brisa fria da madrugada sentimos também o oscilar da nossa bandeira, se vedes que seremos um bom candidato sufragai nosso nome, caso contrário bem-vindo seja o candidato adversário”. Eu estava ao lado de um velho amigo e disse que esse cara tava fudido e não deu outra. Derrotado.

E a histórias dos índios?

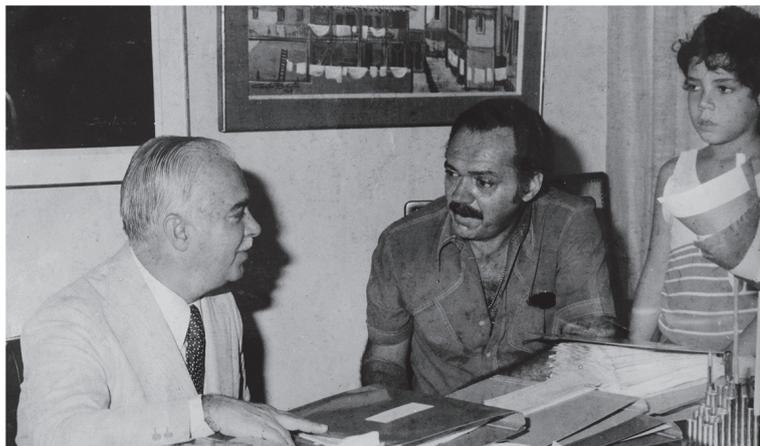
Eu já era Relações-Públicas no Departamento de Estradas e Rodagens da Bahia (Derba) onde entrei em 1963, governo de Lomanto Júnior. Lomanto construiu a estrada Eunápolis/Itamaraju com 93 quilô-



FOTO: PEDRO ALVES



▲ Acima, com Presidente Juscelino Kubitschek.
▶ Ao lado, o jovem Lessa e sua inseparável máquina 6 por 6.



◀ Lessa e o filho, o futuro fotógrafo Valter Pontes, despachando com governador Antonio Carlos Magalhães.

▼ Lessa exhibe a famosa foto do garoto Pelé, na sua primeira visita à Bahia.



FOTO: VALBER CARVALHO/DIVULGAÇÃO

metros. No dia da inauguração, com muita pompa, o governador manifestou o desejo de que a festa tivesse um brilho muito grande. Encarregou um dos nossos colegas, a pegar uns índios para abrilhantar festa e tudo. Fui fazer a foto oficial. Tinha lá o Monte Pascoal no fundo de uma cruz, eu coloquei o Lomanto e os índios perfilados. “Por favor, um pouco pra direita”, eles iam pra esquerda. Mas se você inverteu os papéis, eles tinham razão, e tava um calor tremendo, insuportável. Chegou um ponto que eu não resisti. “Ô seus filhos das putas, é para direita”. Aí um deles: “Ah, porra, seu sacana!” Eu digo, “você fala português?” Ai, ele baixou assim e falou: “Tá me reconhecendo não, Lessa? Sou um dos Apaches do Tororó! [bloco carnavalesco de Salvador]”. Eu acho que as índias eram todas putas do “63” [antigo prostíbulo da capital baiana].

Tem um caso que você conhece, ocorrido em 1971, com o deputado Queiroz.

Eu dava plantão de 22 horas a 1 da madrugada no Derba, para saber se alguma coisa grave tinha acontecido no interior. Nesta época, o deputado estadual Raulino Queiroz sofreu um grave acidente automobilístico nas proximidades de Juazeiro e nos foi solicitado o avião para transportá-lo para Salvador. Tínhamos dois aviões, você vê o potencial que era o Derba. Procurei o diretor-geral, Isaac Azevedo, que estava viajando. Procurei o secretário de Transportes Fabiano Guimarães, que estava no Rio de Janeiro. Pediram uma posição imediata. Eu liguei, retornei o serviço de rádio: Nosso avião está aonde? “Senhor do Bonfim”. Mando o piloto se deslocar imediatamente para Petrolina - porque Juazeiro não tinha campo de pouso - para transportar o deputado Queiroz. Feito isso liguei para o Palácio de Ondina: Quero falar com o governador. Lá, da linha, ele disse que era ele que estava falando. Eu: Deixe de brincadeira, que isso é um caso muito sério. E lá: “É o governador Antônio Carlos!” Pensei que era um mordomo, algum sargento, sábado meio-dia. Aí perguntaram de lá “Quem é?” Valter Lessa. “O que você quer, Lessa?” Eu digo: “Governador, eu acabei de tomar uma decisão em seu nome”. Ele: “Como é?”. Acabei de tomar uma decisão em seu nome, porque não encontrei o secretário de Transportes, nem o diretor-geral do Derba. Ai ele: “Quem é você, seu filho da puta? Um simples Relações-Públicas do Derba, um secretário meu me diminuir por telefone! Seu moleque! Seu ousado! Você vem aqui toda sexta-feira, sabe despachar. Mas não é essa facilidade que dá ousadia”. Rapaz, ele disse tanto nome que eu tremia como quê. Governador se trata do deputado Raulino Queiroz. Ai ele: “Pior ainda! é meu inimigo político”. Ai, eu: O rapaz sofreu um grave acidente automobilístico e eu procurei o diretor do Derba. Procurei o secretário, não encontrei e autorizei o avião trazê-lo para Salvador. Ai ele disse: “Como é Lessa? Você já providenciou a ambulância, o hospital?” Não senhor! Ai ele: “Deixe

comigo Lessa, você agiu muito bem. Muito obrigado. Fiquei lhe devendo”. Pouco tempo depois ele me fez o cartão dizendo que tinha recebido um presente. O presente mais valioso é a vida e queria agradecer tudo que eu tinha feito. Resultado, o deputado Queiroz ficou completamente recuperado e, de inimigo político de Antônio Carlos passou a ser, como se diz, um cor-religionário, isso por toda vida. Toninho Malvadeza e Toninho Ternura. Num momento ele fez aquele estardalhaço todo de me chamar de filho da puta. Logo depois me agradeceu dizendo muito obrigado e que ia ficar me devendo.

Seu filho foi o primeiro jornalista a usar máquina digital e você não usa máquina digital. Fala sobre isso.

Meu filho Valter Pontes, fotógrafo foi o primeiro, aqui na Bahia, a usar equipamento digital, ele trabalhava no Bahia Hoje, o primeiro jornal digitalizado do país. Ele me falou: “painho, o negócio lá é fantástico!” Então, comprei todo o equipamento para ele: computadores, máquinas fotográficas tudo, enfim, e Valter se tornou um fotógrafo tão bom profissional que ele hoje é o chefe do serviço de fotografia da Prefeitura de Salvador. Eu, nessa idade de 90 anos ainda trabalho com filmes, revelação antiga, ainda analógica. Não tem sentido isso. Meu filho me presenteou, ano passado, uma máquina fotográfica bem moderna, ela está ainda com o envelope de presente. Ainda estou utilizando a minha velha, como se diz, com filmes. Custa muito caro e só tem uma empresa que faz isso aqui [revelação de filme], mas não me apaixonei, ainda não me motivei para chegar na digital em pleno século XXI. Não achei motivação ainda para mudar. Quase um dos últimos, eu continuo, ainda, comprando filmes caros, revelando-os caro, para não poder parar porque se parar, um abraço.

Defina a sua trajetória e a sua vida. Valeu a pena as coisas que você viu? A sua fotografia como testemunha da história.

Eu diria hoje que, dificilmente, a gente diz que uma pessoa se sente realizada. Nunca. Mas eu me considero realizado em termos profissional. Porque me considero um bom fotógrafo, uma família constituída maravilhosa, filhos todos eles como se diz, já definidos suas posições. São cinco filhos, três netos e dois bisnetos, as coisas mais maravilhosas desse mundo. Esse aconchego de fraternidade, de amor, de tudo que é belo na vida. Eu me considero um homem realizado, uma saúde fantástica. Pra vocês terem uma ideia: este cara que vos fala, com 90 anos, não sabe o que é azia, não sabe o que é dor de cabeça. Ainda bebo, gosto de uma seresta. Enfim, uma vida de felicidade. Já sou soteropolitano, minha vida foi constituída nessa Bahia de coisas fantásticas, nos cantos dos lugares onde eu vou, tudo rapaz. Eu quero, eu amo a Bahia. ■

“Rio Branco pensara o Brasil
na América do Sul;
Nabuco esboçara esse prestígio
no norte do continente;
Ruy sonhava com o Brasil no mundo.”

Tristão de Athayde

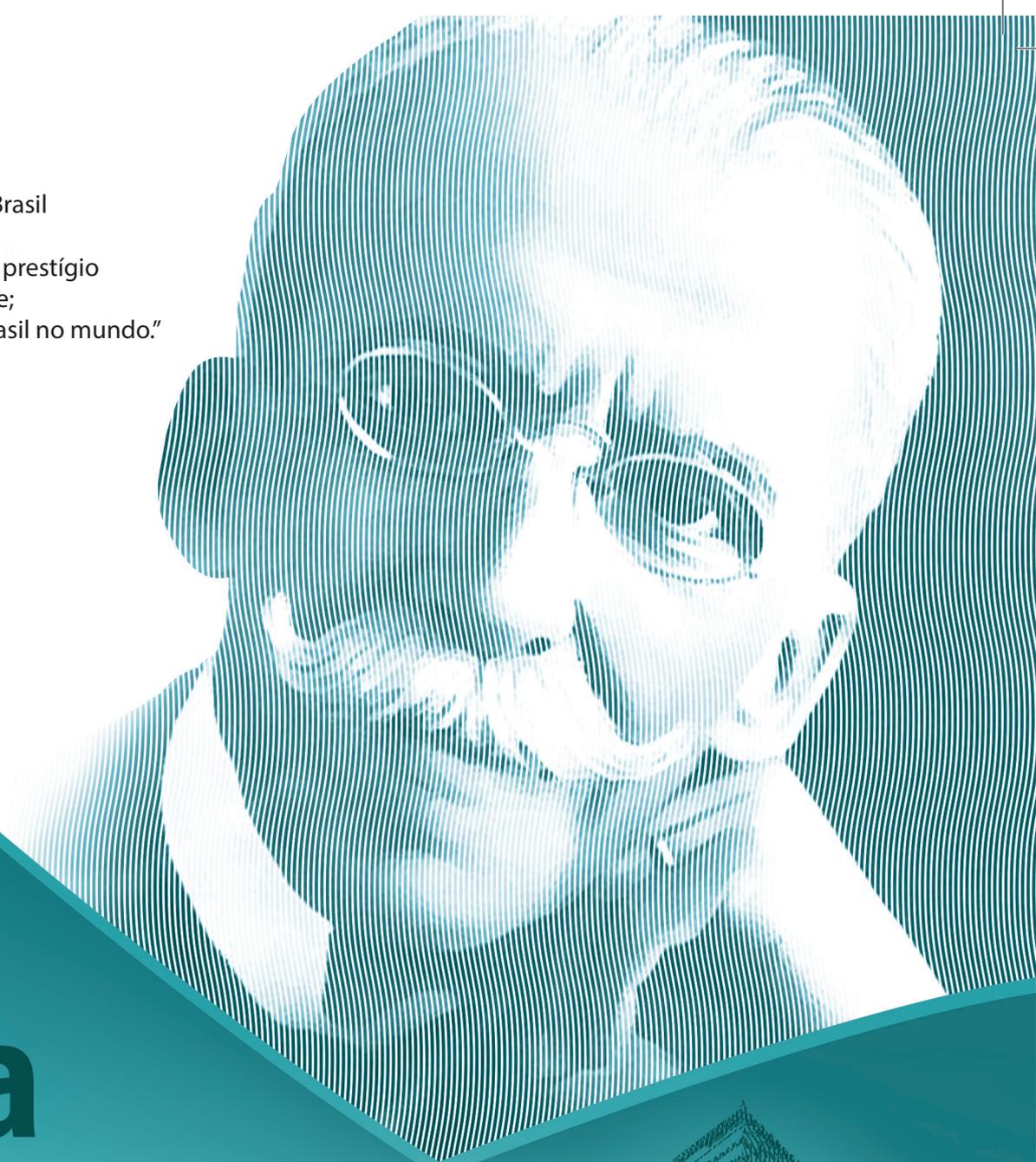
Museu Casa de Ruy Barbosa

Construído onde o Águia de Haia nasceu e viveu até deixar Salvador para estudar Direito, o Museu Casa de Ruy Barbosa foi inaugurado em 1949, centenário do seu nascimento. Gente do povo, intelectuais e políticos, empresas e órgãos governamentais da época se mobilizaram e reuniram acervos e recursos para abrir a Casa, sob a liderança da Associação Bahiana de Imprensa.

No marco do centenário da morte de Ruy Barbosa, mais uma vez pessoas e instituições

comprometidas com a cultura e a memória da Bahia se juntam para fazer Ruy renascer através do seu legado, exposto em um novo Museu, dinâmico e interativo. Um espaço de diálogo onde a história é o caminho para se conhecer o passado, compreender o presente e prospectar o futuro.

Tudo isso a partir do que fez e produziu o jornalista, jurista, político e diplomata baiano, Ruy Barbosa de Oliveira.



SEM IMPRENSA SEM DEMOCRACIA



Foto: Natasa Adzic/Canva

CLARO

**A José Carlos Capinan*

Pelas tardes de fogo homens
pedras movem com capacete
de sombra mergulhados
em ruas de verão e sal.

Nada me diz que as coisas
se passam como me dizem
além
da parede de vidro que nos divide
aquém
das algemas de sono que nos unem.

Sou como posso fiel
a meu projeto mesmo
que de pronto não o achem
meus olhos – anônimos
minhas mãos – rachadas
meus lábios – rebeldes

nos espaços burocráticos
nas relações de amizade
nos desertos duros da fome.

Liberdade é meu ser
e tempo. É o meu nome.
Razão – o meu sobrenome.

Florisvaldo Mattos



Associação
Bahiana de
Imprensa